



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO
COORDENADORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

Daniel Ignacio Vargas Gomez

Balas rezadas na mira do Estado colombiano: a diáspora em *La virgen de los sicarios*, de Fernando Vallejo

Caxias do Sul
2013

Daniel Ignacio Vargas Gomez

Balas rezadas na mira do Estado colombiano: a diáspora em *La virgen de los sicarios*, de Fernando Vallejo

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rafael José dos Santos

Coorientadora: Profa. Dra. Luciene Jung de Campos

Caxias do Sul
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

G633b Gomez, Daniel Ignacio Vargas, 1978 -
Balas rezadas na mira do Estado colombiano : a diáspora em *La virgen de los sicarios*, de Fernando Vallejo / Daniel Ignacio Vargas Gomez. - 2013.
129 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, 2013.
Apresenta bibliografia.
“Orientação: Prof. Dr. Rafael José dos Santos, coorientação Luciene Jung de Campos”.

1.Literatura Colombiana – História e crítica. 2. Migração na literatura. 3. Literatura latino-americana – História e crítica. 4. Vallejo, Fernando – Crítica e interpretação. 5. *La virgen de los sicarios* (obra literária). I. Título.

CDU 2.ed.: 821.134.2(861)-31.09

Índice para o catálogo sistemático:

1. Literatura Colombiana – História e crítica	821.134.2(861)-31.09
2. Migração na literatura	314.7:82
3. Literatura latino-americana – História e crítica	82(7/8=134).09
4. Vallejo, Fernando – Crítica e interpretação	821.134.2(861)-31.09
5. <i>La virgen de los sicarios</i> (obra literária)	821.134.2(861)-31

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Meirelles Meroni – CRB 10/ 2187

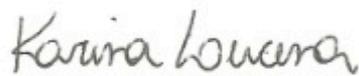
**Balas rezadas na mira do Estado colombiano:
a diáspora em *La virgen de los sicarios*, de Fernando Vallejo**

Daniel Ignacio Vargas Gomez

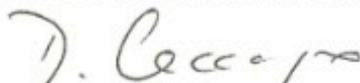
Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Processos Culturais e Regionalidade.

Caxias do Sul, 13 de novembro de 2013.

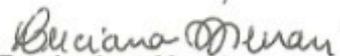
Banca Examinadora:



Dra. Carina de Castilhos Lucena
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Dr. Douglas Ceccagno
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Luciana Murari
Universidade de Caxias do Sul



Dr. Rafael José dos Santos
Universidade de Caxias do Sul

*A Nacho,
e sua presença viva em
El Taita, Magdalena, Gisse, Mono, Pacho, Tatiana e Gaby.*

AGRADECIMENTOS

Ao orientador Rafael José dos Santos, por aceitar o desafio de acompanhar este processo denso que é falar sobre a Colômbia estando fora dela, perante a distância que o Brasil tem assumido para com seus países *hermanos*, e por sua força antropológica de ver cada um de nós pelo viés carinhoso de uma alteridade.

À coorientadora Luciene Jung de Campos, por ter me apresentado a Análise do Discurso, um antigo sonho de trabalho e, me ajudar, a fazer dele, uma forma única de ver o mundo. Agradeço por cada uma das suas palavras esclarecedoras.

A minha maior e melhor orientadora, Roberta, meu amor, pelos eternos dias de estudos silenciosos ao meu lado, pelas eternas horas de correção do meu texto, muitas vezes em portunhol, por me ensinar a graça de crescermos juntos em intelectualidade e em espiritualidade, e por me mostrar o verdadeiro sentido de uma amizade com amor desinteressado.

A mi mamá Magdalena, por haberme enseñado a hacer de la vida un momento único y especial para ser vivido, siempre como persona íntegra, y a encontrar a Dios en la gracia de las cosas más pequeñas. Por sus oraciones y fuerza que me pasa desde la distancia, cada día al abrir los ojos y por la confianza y el amor que nuestra amistad nos ha proporcionado.

A mis hermanos Pacho, Mono, Gisse y Tatiana, por mostrarme la importancia de la familia y reconocer en el lazo infinito de los genes la conexión espiritual que nos hace uno. Además de su fuerza para encarar la vida en su día a día.

A mi Taita, por ser padre, amigo, cómplice y hermano, de este camino que con felicidad nos tocó vivir juntos, por las mañan que me enseñó y que llevare por siempre conmigo, pero sobretudo, por mostrarme la ternura de la vida en sus ojos y la fuerza para alcanzar todo lo que se quiera en la vida, como él lo ha hecho.

A minha família no Brasil, Bernardo, Odila e Tania, pela compreensão, aceitação e paciência por me ver passar o tempo fechado no meu canto para conseguir terminar este trabalho e por ter me aceito como parte da sua família.

Aos meus amigos, pela paciência e espera nesta fase.

Ao meu irmão no Brasil, Igor, por estar sempre presente e me ensinar o verdadeiro valor da amizade, e pelas pedaladas à meia-noite como forma de esvaziar a cabeça e conseguir continuar nos momentos em que quis desistir.

A minha amiga Marliva, por ter me acolhido desde que cheguei ao Brasil, por ter me apoiado sempre, e por ter me possibilitado o tempo e espaço para continuar crescendo.

Aos meus professores, Luciana, Cecil, Carmen, Heloísa, João Cláudio, Marília, Luciene e Rafael, pelo aporte em aula, e por enriquecerem meu conhecimento para a vida.

Aos colegas da turma 10, pela parceria e tempo compartilhado nestes dois anos.

À professora Maria Luiza Cardinale, pela sua amizade amorosa e genialidade para me passar

conhecimento, por ter me possibilitado um estágio docência inesquecível, e por ter acreditado sempre nas minhas potencialidades.

Aos professores Luz Tereza Gómez, Luciana Murari, Liv Sovik, Eduardo Restrepo e Margarita Jácome, por terem respondido as minhas inquietudes de forma aberta e por terem ajudado com o acesso a materiais e conhecimentos riquíssimos.

À Universidade de Caxias do Sul, especialmente ao Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade.

A Fito Paez, por ter mudado minha vida através das suas palavras, com a magia da música.

E a Fernando Vallejo, por me mostrar uma literatura que preenche todos os meus sentidos, por abrir a minha mente a possibilidades únicas, e por me fazer ter uma visão mais real do mundo e do meu país.

Que cada quien hable por sí mismo, en nombre propio, y diga lo que tenga que decir que el hombre nace solo y muere solo y para eso estamos en Colombia donde por lo menos, en medio de este desastre, somos libres de irnos y volver cuando queramos, y de decir y escribir y opinar lo que queramos, así después nos maten. ¡Y qué importa! Una libertad de semejante magnitud no tiene precio. En uso de esa libertad espléndida que me confiere Colombia, que a nadie calla, me dirijo a ustedes esta noche aprovechando que todavía estoy vivo. ¡Y que se callen los muertos! Con eso de que cualquier vida humana aquí no vale más que unos cuantos pesos, los que cuesta un sicario...!Y adivinen quién lo contrató! Ésa es la ventaja de vivir en Colombia, de morir en Colombia, que uno se va tranquilo sin saber de dónde vino la bala, si de la derecha o de la izquierda, y así, ignorante el difuntico del causante de su muerte, sin resentimientos ni rencores, se queda por los siglos de los siglos en la infinita eternidad de Dios.

(Fernando Vallejo)

RESUMO

Este trabalho analisa as representações do sujeito e da diáspora colombiana presentes na obra literária *La Virgen de los Sicarios*, de Fernando Vallejo. Para isto, nos valem do dispositivo teórico analítico da Análise do Discurso, baseado nas ideias de Pêcheux em que, através da História, da Linguagem e da Psicanálise, as personagens do relato fazem sentido. Analisamos, assim, a mudança social profunda causada pelo narcotráfico e pela ausência do Estado que, conjuntamente aos processos de modernização e globalização, motivaram o surgimento do sicário, como figura relevante dentro do contexto colombiano, em que a melancolia, a violência e a diáspora resultam como manifestações ante a incapacidade de mudar um cenário de morte, gerador de transformações significativas na sociedade.

Palavras-chave: Colômbia. Fernando Vallejo. *La Virgen de los Sicarios*. Análise do Discurso. Diáspora. Sicário.

RESUMEN

Este trabajo analiza las representaciones del sujeto y de la diáspora colombiana, presentes en el romance *La Virgen de los Sicarios* de Fernando Vallejo. Para esto, nos valemos del dispositivo teórico analítico del Análisis del Discurso, basado en las ideas de Pêcheux, en el que, a través de la Historia, Lenguaje y Psicoanálisis, los personajes de la narrativa adquieren sentido. De esta forma, analizamos el profundo cambio social causado por el narcotráfico frente a la ausencia del Estado colombiano, conjuntamente a los procesos de modernización y globalización, que a su vez, permitieron el surgimiento de la figura del “sicario”, como un asesino pago. Esta figura, dentro del contexto colombiano, resulta relevante en la configuración de procesos melancólicos, de violencia y diáspora, como demostraciones ante la inhabilidad de cambiar un escenario de muerte y que generó cambios significantes en la sociedad colombiana.

Palabras-clave: Colombia. Fernando Vallejo. *La virgen de los sicarios*. Análisis del Discurso. Diáspora. Sicario.

ABSTRACT

This paper analyzes the subject representations and the Colombian diaspora present at the romance *La Virgen de los Sicarios*, from Fernando Vallejo. For this, we make use of the analytic theory dispositive of Discourse Speech Analysis, based on the ideas of Pêcheux where, using History, Language and Psychoanalysis, the characters from the narrative make sense. In this way, we analyse, the deep social change, caused by drug trafficking and the State absence, together with the modernization and globalization processes, led to the emergence of the assassin known as “sicario” at the Colombia’s context, as an important subject within the Colombian context, where melancholy, violence and diaspora result as demonstrations, against the inability to change a deadly scenario, generating significant changes in society.

Key-words: Colombia. Fernando Vallejo. *La Virgen de los Sicarios*. Discourse Analysis. Diaspora. Assassin.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CAPÍTULO I – MÉTODO E DISPOSITIVO DE ANÁLISE	17
2 CAPÍTULO II - AMARILLO-CENA 1: ENCONTRANDO O “EL DORADO”	28
2.1 UM DISCURSO LATINO: DA COLONIZAÇÃO À INFLEXÃO DECOLONIAL	29
2.2 UM DESTINO COLOMBIANO? O CONTEXTO HISTÓRICO DA VIOLÊNCIA	41
3 CAPÍTULO III - AZUL – CENA 2: PELO FASCÍNIO DO ATO DE MATAR.....	67
4 CAPÍTULO IV – ROJO – CENA 3: A DIÁSPORA ACESA NO CORAÇÃO DO SUJEITO COLOMBIANO	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	122

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa as representações do sujeito e da diáspora colombiana presentes na obra literária *La Virgen de los Sicarios*, de Fernando Vallejo (2002), lançada em 1994 pela Editora Alfaguara. O escritor/cineasta colombiano transita entre a Literatura e o Cinema, tendo publicado biografias, ensaios, romances e roteirizado curtas e longas metragens.

No romance, o narrador Fernando é um gramático que, já idoso, retorna a sua Colômbia natal para lá terminar sua vida e, acaba envolvendo-se em uma relação amorosa com Alexis, um jovem que adotou como forma de trabalho, ser pago para assassinar, e que se conhece melhor no contexto colombiano como sicário. Ao mesmo tempo em que o jovem comete uma série de assassinatos, acompanha o gramático em sua peregrinação pelas igrejas de Medellín, tornando-se, ambos, testemunhas e vítimas da violência e desestruturação da sociedade colombiana. Numa época em que o narcotráfico era protagonista da vida desse país, imerso em um processo de modernização e globalização, em que a ausência do Estado deixou poucas opções para a população, que não teve outra saída senão sobreviver em meio à situação de violência.

É importante salientar que Vallejo é de naturalidade colombiana, porém radicado no México, com nacionalidade mexicana desde 2007, o que confere ao autor uma visão peculiar sobre a situação de seu país de origem, como ilustra a seguinte afirmação: “Vallejo escolhamba com a Colômbia porque lhe dói a Colômbia. E seu ódio gigantesco é diretamente proporcional a seu amor.”¹ (MONTROYA, 2009, p. 4).

É de conhecimento geral a situação violenta da Colômbia, em razão do tráfico de drogas, dos diferentes grupos armados que ali convivem e da presença de um Estado de políticos corruptos, envolvidos em todos os níveis do conflito. Assim, a quantidade de pessoas que têm saído da Colômbia por causa do conflito é significativa, ao ponto de reconhecer este fato como uma situação diaspórica preocupante, como demonstram os dados:

O número de colombianos que emigra tem aumentado consideravelmente nos últimos anos por causa da situação humanitária que tem gerado o conflito e deterioração das condições socioeconômicas do país. Alguns estudos calculam que

¹ Do original: “Vallejo despótica sobre Colombia porque le duele Colombia. Y su odio gigantesco es

12% da população nacional vive fora do país, o que significa em torno de 5.000.000. Se a isto se somam os 3.000.000 de deslocados internos, praticamente 20% do total da população, quer dizer, uns 8.000.000 de colombianos, têm necessidade de se mobilizar de sua terra natal (CARDONA ARIAS, 2010, p. 12)².

O próprio Fernando Vallejo escreveu toda sua obra fora da Colômbia, com exceção da primeira metade de *La Virgen de los Sicarios*, escrita em Medellín, permitindo-se analisar a situação de seu país a partir de outro ponto de vista, o de fora. Mesmo que as razões de sua saída não se configurem como uma diáspora, o fato de o escritor ser colombiano e escrever sobre a Colômbia, estando fora do país, confere ao romance uma visão particular sobre a identidade e a violência colombiana e que utilizamos como referentes para contextualizar a diáspora dentro do nosso objeto de estudo. É interessante observar como o narrador de *La Virgen de los Sicarios*, um colombiano que viveu muitos anos fora do país, refere-se aos colombianos como “eles”, e não “nós”, excluindo-se de sua própria nacionalidade.

Na história do conflito colombiano existem várias questões que precisam ser pensadas para compreender a complicada situação que se viveu nesse país, especialmente nas décadas de 1980 e 90 e que serão desenvolvidas nas páginas seguintes. Nesse período, a disputa pelo controle do tráfico de drogas, o terrorismo instituído pelos grupos à margem da lei e interesses particulares da oligarquia e dos governantes levaram o povo colombiano a viver um dos mais sangrentos períodos na história do país e da América Latina, permanecendo por mais de cinco décadas. Por consequência, muitas pessoas foram forçadas a deixar o país, em função de diferentes causas vindas da violência. Com relação à situação da Colômbia inserida no marco latino-americano, Canclini afirma:

A virgem dos sicários consegue dizer, com uma linguagem seca, sem concessões ao tarantinismo sanguinolento, o que significam a violência sem Estado e a desintegração caótica dos laços sociais abençoados pela religiosidade. O protagonista volta para a Colômbia, mais exatamente Medellín, para reencontrar algum sentido vital a partir dos elementos mais íntimos da cultura local de sua infância. Depara-se com uma modernização aos pedaços, que não elimina as misérias materiais e simbólicas, uma cidade globalizada pelo narcotráfico, que continua a usar o local – a Virgem, os costumes, a linguagem – para nomear e justificar a destruição (2008, p. 89).

² Do original “El número de colombianos que emigra se ha incrementado considerablemente en los últimos años a causa de la situación humanitaria que ha generado el conflicto y el deterioro de las condiciones socioeconómicas del país. Algunos estudios calculan que 12% de la población nacional habita por fuera del país, lo que significa alrededor de 5.000.000. Si a esto se suman los 3.000.000 de desplazados internos, prácticamente el 20% del total de la población, es decir, unos 8.000.000 de colombianos ha tenido que movilizarse de su tierra natal.” (CARDONA ARIAS, 2010, p. 12).

Essa complexa situação que apresenta a Colômbia, está inserida dentro de um panorama que é de certa forma, compartilhado por alguns países não só da América Latina, mas também de outros continentes, por exemplo, como a África em que as condições de desigualdade social, pobreza extrema, falta de oportunidades e opressão para com os menos favorecidos socialmente parecem ser a situação comum. De fato, nos faz pensar que esta constante tem relações que podem apontar a uma fundação social específica, compartilhada pela maioria dos países que passaram por processos de colonização. É por essa razão que consideramos necessário analisar como se deram os processos de colonização, e em que medida contribuiu para a decomposição social destes territórios. Na atualidade, eles não gozam de um lugar no qual sua voz seja ouvida da mesma forma a que se atende o discurso eurocêntrico. Assim, inicialmente, nos identificamos com ideias do crítico palestino Edward Said, sobre o Orientalismo, que junto a Homi Bhabha e Frantz Fanon, conseguem contextualizar teoricamente como se deram os processos de pós-colonização e como estes deixaram uma marca indiscutível na formação dos sujeitos pós-coloniais que constituem as cidades. Ao mesmo tempo, e ao longo do desenvolvimento do trabalho, surgiram questões importantes que nos fizeram pensar se a teoria do pós-colonialismo daria conta das respostas que estávamos procurando. Mais especificamente, apontamentos como o do reconhecido acadêmico Arif Dirlik (apud Hall, 2010), que indica o pós-colonialismo como cúmplice das formas hegemônicas do capitalismo, pois segundo ele, o lugar que os teóricos assumem para reivindicar as teorias, especialmente pós-coloniais, continua sendo o europeu, o que não nos ajuda a pensar num discurso próprio, feito a partir do nosso território de colonizados.

Este raciocínio direciona nossa pesquisa para a América Latina, buscando dar conta de aspectos específicos que se dão em cada um dos territórios deste continente e que precisam de uma abordagem muito mais focada, apontando os processos particulares que têm se desenvolvido em cada um dos países latino-americanos e, no caso deste trabalho, na Colômbia. Mas, inicialmente, é preciso abordar o panorama como um todo para, assim, chegar aos casos particulares. É assim que abordamos os estudos de Walter Mignolo (2007) que, comprometido com a causa da América Latina, faz apontamentos importantes sobre a necessidade de sustentar um discurso que parta deste território no qual, segundo ele, precisa-se lidar com “o sentimento de inferioridade imposto nos seres humanos que não se encaixam no modelo pré-determinado pelos relatos euramericanos”, (2007, p. 17) causantes de uma chamada “ferida colonial”, que precisa ser tratada com atenções especiais. Mignolo, entre outros estudiosos interessados na mesma causa, como Arturo Escobar ou o sociólogo peruano

Aníbal Quijano, empenham-se em trabalhar uma teoria que dê conta de explicar o processo decorrente da colonização no continente, buscando mudar o panorama eurocêntrico. A teoria que atende estas mudanças vem sendo denominada de Inflexão Decolonial, que coincide em grande parte com as ideias que abordamos a seguir, pois além de contextualizar com maior proximidade, a análise do nosso objeto de estudo propõe um espaço de discussão relativamente novo e com apontamentos importantes que reestruturam nossa forma de ver o mundo, identificando-se com a estética literária de Fernando Vallejo presente, em particular, em *La Virgen de los Sicarios*.

Dentro desse contexto, o povo colombiano apresenta características que nos fazem pensar nas causas pelas quais a colonização afetou esse território, ao ponto de continuar se manifestando na atualidade. Assim, o país que tem se mantido em guerra constante desde pouco antes da metade do século passado, tem colaborado para uma vasta produção artística baseada na violência. Das múltiplas expressões artísticas, representadas pela literatura, surgiram escritores que contribuíram de forma significativa para representar a identidade colombiana, utilizando a violência como fonte de inspiração. Entre eles, citamos alguns muito relevantes, mas não muito conhecidos no Brasil, como Caballero Calderon (1952 e 1954), Manuel Mejia Vallejo (1964, 1967 e 1995), Daniel Caicedo (1953) e outros mais conhecidos, como Gabriel Garcia Márquez (1975, 1981 e 1996), Laura Restrepo (1985, 1995, 2001 e 2004) e, no caso desta pesquisa, Fernando Vallejo. Este último tem desenvolvido uma obra que é, sem dúvida, um aporte significativo no processo de desenvolvimento literário contemporâneo na América Latina, expressando de maneira particular a problemática colombiana.

Ressaltamos a importância de traçar um breve panorama da história social e política da Colômbia desde a colonização até a atualidade para entender o porquê de o país ter passado por períodos de violência tão fortes, ao ponto de gerar condições particulares de desenvolvimento da sociedade que levaram a uma intensa situação diaspórica interna. A importância do conhecimento da história social para nossa análise e sua relação com o objeto de estudo é relevante na medida em que:

As coisas não são tão simples como parecem, e a sociedade não se apresenta diretamente nos filmes. Por outra parte, este tipo de análise não se pode fazer somente com o cinema: exige uma leitura prévia e profunda da própria história social. Através de um jogo complexo de correspondências, de inversões e de rejeições entre, por uma parte, a organização e a marcha da representação

cinematográfica, e, por outra, a realidade social tal como o historiador pode reconstruí-la.³ (AUMONT; BERGALA; MARIE; VERNET, 2011, p. 99).

A revisão da literatura demonstra a carência de estudos sobre a obra do autor no Brasil, sendo encontrados apenas alguns estudos que citam a obra de Vallejo como produção importante no cenário da literatura contemporânea latino-americana. Em contrapartida, o reconhecimento internacional de sua obra pode ser demonstrado, por exemplo, pelo Prêmio Rómulo Gallegos, em 2003, por sua obra *El desbarrancadero* e, mais recentemente, o Prêmio FIL de Literatura, em Guadalajara, no ano de 2011.

Assim, partindo deste panorama geral, buscamos compreender como as manifestações do sujeito colombiano contribuem para a compreensão dos processos de diáspora perante o conflito na obra literária *La Virgen de los Sicarios*, de Fernando Vallejo. A fim de responder a esta questão, nosso trabalho tem como objetivo identificar como se dão as representações diaspóricas e do sujeito colombiano presentes no romance. Mais especificamente, temos como objetivo identificar de que maneira situações relativas à colonização, modernização, globalização e capitalismo, bem como as suas formas de desdobramento, contribuíram para a desintegração social e política da Colômbia. Traçaremos um panorama histórico do país, que permita compreender o que determinou as transformações com relação às formas de identificação do sujeito; identificar, na obra *La Virgen de los Sicarios*, como as ações do Estado colombiano têm sido determinantes para incrementar a situação de conflito no país e a decomposição social, representadas no romance pela posição-sujeito do narrador Fernando; e, finalmente, identificar as representações do sujeito colombiano, em *La Virgen de los Sicarios*, a partir da figura do sicário, através das palavras do narrador, em que a melancolia, a violência e a diáspora se manifestam, com a morte como constitutiva do contexto.

Para atingir estes objetivos utilizamos o dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso, introduzido no Brasil por Eni Orlandi (2010), baseado nas ideias de Pêcheux, a fim de analisar a posição-sujeito da figura do sicário e sua inscrição social no contexto

³ Do original: “Las cosas no son tan simples como parecen, y la sociedad no se presenta directamente en las películas. Por otra parte, este tipo de análisis no se puede hacer solamente con el cine: exige una lectura previa y profunda de la propia historia social. A través de un juego complejo de correspondencias, de inversiones y de rechazos entre, por una parte la organización y la marcha de la representación cinematográfica, y por otra la realidad social tal como el historiador puede reconstruirla (AUMONT; BERGALA; MARIE; VERNET, 2011, p. 99).

colombiano. Para compreender como se desenvolve o método dedicaremos o Capítulo I deste trabalho.

Essa dissertação, além de contribuir com os estudos sobre literatura latino-americana, que já vêm sendo desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, contribui também com a linha de pesquisa Processos Culturais e Regionalidade, por abordar a questão do sujeito colombiano perante a diáspora, na obra pouco explorada no Brasil, de um importante autor contemporâneo, que trata sobre questões fundamentais para a compreensão do processo histórico e da atual situação latino-americana, especialmente da Colômbia.

CAPÍTULO I

MÉTODO E DISPOSITIVO DE ANÁLISE

Nosso objeto de pesquisa, a obra *La Virgen de los Sicarios*, de Fernando Vallejo, representa, de forma significativa, um importante momento de mudança e reestruturação vivida desde as últimas décadas do século XX. Pois, de fato, a temática abordada converge em um momento histórico em que antigos paradigmas se desestruturaram, dando um novo rumo às formas de nos relacionarmos, como seres do mesmo planeta, o que, na verdade, sempre aconteceu, mas que nunca atingiu níveis tão complexos no desenvolvimento da própria humanidade. O escritor Fernando Vallejo, valendo-se da palavra, assume sua posição crítica frente ao Estado colombiano, à Igreja católica e até à própria humanidade, sendo estes os temas principais em que seu discurso se estrutura.

Para dar conta dos diversos aspectos que nos interessam compreender, é necessário estabelecer o lugar em que o discurso do romance se situa para o qual consideramos necessário trabalhar com a Análise do Discurso como o dispositivo de análise mais apropriado. A partir disso, refletimos sobre as nossas questões de pesquisa e, ao mesmo tempo, desenvolvemos possíveis interpretações que buscam dar conta das nossas inquietações, referentes à forma em que fazem sentido as figuras do narrador Fernando e do sicário Alexis, os quais, na medida em que mantêm um romance, percorrem a cidade, inscrevendo-se entre o amor e a morte.

Assim, baseamos-nos nas ideias de Eni Orlandi, que introduz a Análise do Discurso no Brasil e trabalha com uma linguística não positivista, mais aplicada ao social, no seu livro *Análise de discurso: princípios e procedimentos* (2012 a). Nessa obra, a autora faz uma contextualização baseada principalmente nas ideias de Michel Pêcheux, filósofo marxista francês, discípulo de Althusser, que se dedicou à Análise do Discurso através da ideologia e da materialidade. Esse dispositivo teórico analítico nos permite trabalhar em um método que funcione da maneira mais acertada para com o objeto em análise, valendo-se da relação entre a Linguagem, a Psicanálise e a História, como principais vertentes que estruturam e possibilitam o uso dessa metodologia que pressupõe uma teoria própria.

Para compreender a Análise do Discurso, é necessário fazer um apanhado geral das ideias que constituem esse campo. Visto que, ele se estrutura a partir de vários outros pensamentos que, articulados, conseguem constituir este dispositivo de análise que se afirmou

como tal nos anos 60, com a Escola Francesa de Análise do Discurso, originada a partir da tese *Analyse Automatique du Discours* (1969), de Pêcheux, quem buscava compreender como a língua fazia sentido enquanto trabalho simbólico, expressão histórica da realidade social e manifestação ideológica. Além disso, busca, também, “conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se” (ORLANDI, 2012 a, p. 15). Pêcheux analisa as representações de valores dominantes presentes na linguagem, como econômicos, políticos ou religiosos, constituindo sentidos em determinado momento histórico, e que produz o imaginário dos sujeitos numa dada sociedade. Por outro lado, analisa a capacidade de resposta do sujeito perante o discurso dominante. Para isso, seguiu os pensamentos de Althusser e Lacan, buscando aproximar o Marxismo e a Psicanálise, a fim de compor através dessas variáveis, esse dispositivo que nos permite abordar diversos campos do conhecimento de forma profunda, buscando assim uma interpretação multidimensional.

O conceito de ideologia em Althusser, por sua vez, toma força ao se aproximar dos trabalhos de Sigmund Freud sobre o inconsciente e a releitura de Lacan sobre este conceito, isto é, o inconsciente estruturado como linguagem. Assim, o trabalho da ideologia “é produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência [sendo a ideologia] a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos.” (ORLANDI, 2012a, p. 46). Jacques Lacan, em seu texto *Estádio do Espelho*, descreve as estruturas que permitem adotar um conceito significativo do “eu” rudimentar, em que o sujeito busca realizar um significado fixo de si mesmo, atrelado a uma imagem que permita reunir os fragmentos desse sujeito que ainda não pode se nomear, esboçando sua relação inicial com o mundo circundante. Segundo Lacan, “basta-nos compreender o estágio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise dá a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem.” (1996, p. 98).

Por outro lado, Althusser acrescenta sua visão sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado à teoria marxista, propondo levar em consideração “não só a distinção entre *poder de Estado e aparelho de Estado*, mas também outra realidade que se situa manifestamente do lado do aparelho (repressivo) de Estado, mas não se confunde com ele.” (ALTHUSSER, s/d, p. 42). Em sua obra *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*, Althusser explica a composição do Aparelho de Estado na teoria marxista, na qual o Governo, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, entre outros, conformam o que ele denomina Aparelho Repressivo do Estado, em que: “Repressivo indica que o Aparelho de Estado em questão ‘funciona pela violência’, - pelo menos no limite (porque a repressão, por exemplo, a

administrativa, pode revestir formas não físicas)”, acrescentando o conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado, que ele define como “um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (s/d, p. 43) e classificados por ele como Aparelho Ideológico do Estado religioso, escolar, familiar, jurídico, político, sindical, da informação e cultural. Assim, Althusser constatou que o Aparelho Repressivo de Estado pertence ao domínio público e funciona primariamente pela violência e pela repressão e, secundariamente, pela ideologia, enquanto a maioria dos Aparelhos Ideológicos de Estado pertence ao domínio privado, funcionando primariamente pela ideologia e, secundariamente, pela repressão, que muitas vezes é apenas simbólica. Althusser conclui estabelecendo o duplo funcionamento desses Aparelhos e sua utilização na obtenção do poder pela classe dominante, tanto pela repressão como pela ideologia, já que “nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente a sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos de Estado.” (s/d, p. 49), e que caracteriza muitos dos Estados atuais, geralmente vindos da colonização, como é o caso colombiano apresentado no nosso objeto de pesquisa.

Assim, contextualizando as ideias que permitiram Pêcheux estruturar seu pensamento sobre a Análise do Discurso, podemos expor mais claramente as ideias trabalhadas por Orlandi que apresenta essa teoria como uma prática simbólica em que se estabelecem relações significativas fundamentais entre o homem, a natureza e a sociedade na história, buscando fazer sentido. Para Orlandi:

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando [e] procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (2012a, p. 15).

Sobre os três campos que compõem a estrutura da Análise do Discurso - Linguagem, História e Psicanálise – abordamos inicialmente a Linguagem, concebida como “mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2012a, p. 15), - outrora menos “natural”, como acreditamos, mas sempre “social” - inserida em um contexto histórico e cultural, sendo esta a possibilidade que o sujeito encontra para inserir-se no mundo e dar sentido à sua própria existência. Por outro lado, precisamos reconhecer o equívoco como constitutivo da linguagem e como o espaço no qual se pode dizer sempre mais um pouco,

nessa incompletude, nesse equívoco, ou seja, na sua opacidade. Esse é o espaço no qual a *Análise do Discurso* trabalha com relação à Linguagem, pois:

Considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa? [...] Ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade (ORLANDI, 2012a, p. 17-18).

Assim, podemos identificar no texto de *La Virgen de los Sicarios*, a forma em que Vallejo se vale da discursividade das duas personagens principais, o narrador Fernando e o sicário Alexis. Na narrativa, ele apresenta a ideologia formatada pelas situações de violência vividas na Colômbia, desde um primeiro momento de modernidade, como entendemos a colonização, mas principalmente, na chamada modernidade tardia, ou segunda modernidade, correspondente à segunda metade do século XX e, que atinge seu ponto mais crítico nas últimas décadas deste século, especialmente entre 1980 e 1990. Dessa forma, levamos em consideração e, como ponto de partida, o processo histórico da Colômbia, brevemente resenhado no primeiro capítulo dessa dissertação, reconhecendo a História como relevante no processo discursivo, pois “na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E linguagem só faz sentido porque se inscreve na história.” (ORLANDI, 2012a, p. 25).

A questão da incompletude também nos ajuda a compreender a função da Psicanálise na *Análise do Discurso*, já que esta trata do sujeito do inconsciente, aquele que é portador da falta que origina o desejo, e que permite analisar os infinitos processos de identificação. Embora entenda o “eu” sempre como uma ficção, o que nos leva a lidar com esse “eu” entre a falta e a incompletude, é justamente revelando essa incompletude do sujeito que se abrem possibilidades para acessar o simbólico. No nosso caso, acessar o simbólico do romance: o dito e o não dito, o que faz sentido, mas, sobretudo, o que não faz. E que justifica a incompletude do sujeito como espaço fragmentado, do qual partimos para o novo, exercitando um novo deslocamento de sentido.

Acompanhamos as ideias da obra *Estádio do Espelho*, de Lacan, na qual percebemos como o sujeito, inicialmente, depara-se consigo mesmo a partir de sua imagem refletida, porém fragmentada, tentando reunir os fragmentos de uma imagem duplicada e forçando-a para, assim, inscrever-se no mundo. As incompletudes também mostram que existem

equivocos, e a Análise do Discurso busca nesses vazios criados pelos equivocos, novas possibilidades. Essas ideias nos ajudam a trabalhar na obra, relações significativas referentes à Formação Discursiva das personagens da nossa materialidade, o romance *La Virgen de los Sicarios*. Ao ter claro que a Formação Discursiva, “se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2012a, p. 43) e a materialidade é o que se refere “à forma material, ou seja, à forma encarnada, não abstrata, nem empírica, onde não se separa forma e conteúdo: forma linguístico-histórica, significativa.” (ORLANDI, 2012a, p. 53).

Finalmente, o dispositivo de análise nos permite identificar e analisar a Formação Discursiva assumida na obra *La Virgen de los Sicarios*, buscando entender a posição-sujeito frente ao Estado, à Igreja e ao que se revela na prática do sicário e do escritor, nas suas falas e na sua forma de se inscrever no mundo, inserido no contexto social e histórico da Colômbia que ambienta o romance. Como posição-sujeito, entendemos “a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz. [...] Nesse sentido é que os sujeitos são intercambiáveis.” (ORLANDI, 2012a, p. 49). A partir dessas observações, analisaremos como o narrador se inscreve juntamente ao sicário, pois um é codependente do outro, e são representados pelas posições sujeito que eles assumem, organizando Formações Discursivas diversas e transitando por várias delas. Como lembra Indursky (2008), a Formação Discursiva:

Passa a ser dotada de fronteiras suficientemente porosas, que permitem que saberes provenientes de outro lugar, de outra formação discursiva nela penetrem, aí introduzindo o diferente e/ou o divergente, que fazem com que este domínio de saber se torne heterogêneo em relação a ele mesmo (INDURSKY, 2008, p. 14).

Essa porosidade se revela no decorrer do romance, como por exemplo, através dos diálogos das personagens, pois, Fernando, inicialmente, não compreende muitas das gírias utilizadas por Alexis, mas na medida em que seu relacionamento se estreita, o gramático começa a compreender e a adotar para si muitas das gírias de seu companheiro de jornada, o que mostra o trânsito da Formação Discursiva do narrador para a do sicário, posicionados em classes sociais diferentes.

É por isso que a Análise do Discurso como dispositivo teórico analítico, permite-nos compreender o objeto de estudo a partir dos seus eixos teóricos, trabalhando a História. No

capítulo seguinte, tendo a Linguagem como mediadora na análise do texto e a contribuição da Psicanálise que se dá através do sujeito do inconsciente com aspectos que se entrelaçam na procura de um maior entendimento dos processos sociais expostos em *La Virgen de los Sicarios*, a Formação Discursiva do narrador e do sicário, utilizar-se-á do texto como unidade material que dá sentido à manifestação do discurso em tratamento. Assim, o que nos interessa, é compreender como a posição sujeito das personagens principais do romance, especificamente o narrador Fernando e o sicário Alexis, fazem sentido, e se inscrevem em uma ou outra Formação Discursiva, identificando-se com o contexto da Colômbia, nas duas últimas décadas do século XX. Delineando assim, uma sociedade diaspórica, não explícita nas palavras do narrador, mas presente a nosso ver do começo ao fim do romance e, tudo isso, afetado pela figura da morte enquanto presença implacável no decorrer da narrativa.

A diáspora, termo que em nenhum momento é referido diretamente na obra, encaixa-se na categorização do “não dito”, trabalhado na Análise do Discurso, para identificar os sentidos que se geram a partir do “dito”, e que se ressignificam unindo a História, a Linguagem e a Psicanálise, bases desse dispositivo. E é nesse processo que buscamos a riqueza do nosso objeto de estudo, considerando esses “não ditos que também significam” (ORLANDI, 2012a, p. 82).

A Análise do Discurso busca compreender um sujeito que apresenta conflitos, principalmente na sua inscrição discursiva, pois o que fala:

Não está na origem do dizer, pois é duplamente afetado. Pessoalmente e socialmente. Na constituição de sua psique, este sujeito é dotado de inconsciente. E, em sua constituição social, ele é interpelado pela ideologia. É a partir deste laço entre inconsciente e ideologia que o sujeito da Análise do Discurso se constitui (INDURSKY, 2008, p. 11).

Dessa forma, “o sujeito é interpelado ideologicamente, mas não sabe disso e suas práticas discursivas se instauram sob a ilusão de que ele é a origem de seu dizer e domina perfeitamente o que tem a dizer” (INDURSKY, 2002, p. 11). No entanto, resulta do construto a partir do entorno social com o qual se relaciona e suas práticas neste grupo, representando de diversas formas os conflitos, inquietudes e procedimentos aos quais uma sociedade se expõe no seu próprio processo histórico. No caso da Colômbia, que é referido constantemente no romance, a fim de explicitar a complexidade na qual essa sociedade vive, Fernando diz: “A

Colômbia nunca tem sido muito regular nas suas coisas; é mais irregular, imprevisível, inconsequente, desordenada, antimetódica, louca...”⁴(VALLEJO, 2006, p. 118).

Nesse contexto, os sujeitos que vivem e se relacionam na cidade de Medellín, em nosso objeto de estudo, são afetados pelas irregularidades que o entorno da cidade oferece, sujeitando-os a se relacionarem nela, dando-lhes uma forma particular de ser e de se inscrever, partindo do que nela vivenciam e identificando como essas relações fazem sentido, e de que forma seus interdiscursos se desenvolvem. Ou seja, identificando uma Formação Discursiva ou mais, pelas quais essas personagens transitam, lembrando de que a Formação Discursiva regula “o que pode e deve ser dito” - ou não dito, como o caso da diáspora - e que o romance representa, valendo-se das suas personagens, que não deixam de ser sujeitos que se relacionam na cidade. É justamente através dessa relação dos sujeitos com a cidade que a Formação Discursiva encontra seus sentidos, permitindo ao sicário e ao narrador se inscreverem, passando por movimentos de desidentificação e, fazendo com que essa relação com a cidade se ressignifique, chegando através desse processo ao funcionamento do sujeito do discurso, sendo este o que nos interessa analisar, o de Fernando, narrador, e o de Alexis, sicário.

Sendo assim, os “enunciados discursivos” nos permitem mostrar este modo de relacionar-se com a “ideologia vigente”, presente na cidade de Medellín. Esta, conjuntamente, é o cenário no qual a modernidade, a globalização e a desigualdade se manifestam, representando a situação social de uma Colômbia fruto da colonização e imposição da Igreja Católica, das forças opressoras da burguesia e da luta pelo território, esta última presente desde a chegada dos primeiros povoadores na região. Lembrando de que, segundo Freud, “o ser humano está sujeito não só à pressão de seu ambiente cultural imediato, mas também à influência da história cultural de seus ancestrais.” (1915, p. 319). Tudo isso aliado ao modelo moderno do Estado, falido e ausente, deixou à deriva o rumo das cidades e de quem nelas habitavam, como ilustra o seguinte trecho da obra:

Veja homem, lhe digo, viver em Medellín é rebotar morto por esta vida. Eu não inventei esta realidade, é ela que está inventando a mim. E assim vamos por suas ruas, os mortos-vivos falando de roubos, assaltos, de outros mortos, fantasmas à

⁴ Do original: “Colombia nunca ha sido muy regular en sus cosas; es más bien irregular, imprevisible, impredecible, inconsecuente, desordenada, antimetódica, alocada, loca...” (VALLEJO, 2002, p. 118).

deriva arrastando nossas precárias existências, nossas inúteis vidas, sumidos no desastre.⁵ (VALLEJO, 2006, p. 76).

Esse trecho ilustra como o indivíduo é assujeitado pelo entorno, que o torna sujeito - “não inventei esta realidade, é ela que está inventando a mim”- dando sentido à sua própria existência, através da ideologia.

Para desenvolvermos a análise à qual nos propomos nessa dissertação e entender como a diáspora se manifesta como o não dito na obra, é preciso partir do texto do narrador, Fernando, pois é o único que tem voz explícita no romance, já que detém a fala dominante. Alexis, por sua vez, nos é apresentado através do narrador e se manifesta na sua forma de se inscrever no mundo, como sicário, desempregado e amante de Fernando. A Análise do Discurso permite-nos, então, através da posição-sujeito das personagens, analisar as Formações Discursivas pelas quais transitam, compreendendo o valor da morte no romance, como principal gerador da diáspora, que é o não dito que nos interessa explicitar.

Dessa forma, partimos para a análise de nosso objeto de estudo, valendo-nos do referencial teórico apresentado na introdução, que é a Análise do Discurso enquanto dispositivo teórico-analítico, pois como afirma Orlandi (2012b, p. 12),

A particularidade do método em análise do discurso, também vista no que significa entremeio, é a de ser aberto, dinâmico (não positivista), não sendo tomado como aplicação automática da teoria, mas como mediação entre teoria e análise, na busca dos procedimentos próprios ao objeto que se analisa. Com isso, compreende-se que o método da análise do discurso, o que procura expor o olhar leitor à opacidade do texto, que leva em conta que algo fala antes, em outro lugar e independentemente, faz contínua retomada da teoria no processo analítico.

Nessa busca pelos procedimentos mais adequados à análise, encontramos a estrutura de relações e contradições que refletem uma parte do processo discursivo o qual se forma constantemente por essas relações entre sujeito, discurso, texto e autor, elementos principais para a construção do procedimento necessário, no sentido que se estabelece para chegar ao discurso, pelas diversas relações estruturantes das partes que o compõem. Sendo assim, o sujeito revela como a sua incompletude, dispersão, descontinuidade e falta o constituem, entre o jogo da memória e do esquecimento, necessário na sua busca por tentar dar sentido às

⁵ Do original: “Hombre vea, yo le digo, vivir en Medellín es ir uno rebotando por esta vida muerto. Yo no invente esta realidad, es ella la que me está inventando a mí. Y así vamos por sus calles los muertos vivos hablando de robos, atracos, de otros muertos, fantasmas a la deriva arrastrando nuestras precarias existencias, nuestras inútiles vidas, sumidos en el desastre (VALLEJO, 2002, p. 76).

palavras que o definem. Este processo entre sentidos e sujeitos se movimenta constantemente e se vale de mais peças, como a metáfora, a polissemia, a paráfrase, a ideologia, a ruptura e os deslocamentos, entre outros, buscando atingir o discurso em algum ponto.

De toda esta relação, vemos como dois elementos aparecem de forma contundente no nosso objeto de análise, sendo estes a metáfora, aqui considerada não “como figura de linguagem”, mas pelo viés de Lacan, (1996) como “a tomada de uma palavra por outra”. Na Análise do Discurso, ela significa basicamente “transferência”, estabelecendo o modo como as palavras significam, do ponto de vista de Pecheux, assim explicitado por Orlandi:

Em princípio não há sentido sem metáfora. As palavras não têm, nessa perspectiva, um sentido próprio, preso a sua literalidade. [...] O sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou preposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (metáfora), que elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se revestem de um sentido (ORLANDI, 2012a, p. 44).

A autoria também tem uma relevância fundamental, não só para nossa ferramenta metodológica, mas com relação ao romance, pois ela nos permite agrupar o discurso e compreender a relação que se tem entre o autor e o texto, entre o discurso e o sujeito e, mais especificamente no nosso caso, para estabelecer a relação ou não, entre Fernando Vallejo e o narrador de *La Virgen de los Sicarios*. Ao partir do sujeito fazendo sentido, passamos ao momento em que ele consegue extrair uma unidade de representação da linguagem mais coesa, que é o texto. Aqui, ele consegue estabelecer um “espaço significativo”, porém heterogêneo, sendo afetado por diferentes Formações Discursivas ou posições sujeito, permitindo também um certo “jogo de sentidos”, na procura de estabelecer o espaço da autoria, vista como “a função mais afetada pelo contato com o social” (ORLANDI, 2012a, p.72-75).

Orlandi baseia-se na ideia de Vignaux (1979) que diz que “o discurso não tem como função constituir a representação de uma realidade. No entanto, ele funciona de modo a assegurar a permanência de uma certa representação”, comentando:

Há na base de todo discurso um projeto totalizante do sujeito, projeto que o converte em autor: o autor é o lugar em que se realiza esse projeto totalizante, o lugar em que se constrói a unidade do sujeito. Como o lugar da unidade é o texto, o sujeito se constitui como autor ao constituir o texto em sua unidade, com sua coerência e completude. Coerência e completude imaginárias. (ORLANDI, 2012a, p. 73).

Essas ideias nos permitem direcionar nosso interesse para as propriedades da Função-Autor:

Que é uma função discursiva do sujeito, estabelece-se ao lado de outras funções, estas enunciativas, que são o locutor e o enunciador, tal como as define Ducrot (1984): o locutor é aquele que se representa como “eu” no discurso e o enunciador é a perspectiva que esse “eu” constrói (ORLANDI, 2012a, p. 74).

A relação com a figura do “eu”, como locutor e enunciador, à qual se refere Ducrot, converge com o estudo de Villena Garrido sobre Vallejo em *Las máscaras del Muerto: Autoficción y topografías narrativas en la obra de Fernando Vallejo*, no momento específico de apontar para as diversas articulações auto referenciais dentro da narrativa vital na que o autor transita,

Como o “eu” real ou histórico do autor, o “eu” narrador, o “eu” narrado, o “eu” ideológico, e o “eu” múltiplo, que não podem obviar a última intermediação subjetiva que é o “eu” leitor. [...] O autor gosta de brincar com as suas referências metaficcionalis e o seu “eu” real ou histórico pelo que, em algumas ocasiões, resulta difícil diferenciá-lo do “eu” narrado⁶ (VILLENNA GARRIDO, 2009, p. 45).

Ainda sobre a questão da autoria, Orlandi apresenta as ideias de Foucault (1971) sobre a função autor discursiva, concebida enquanto:

Processos internos de controle do discurso que se dão a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, visando domesticar a dimensão de acontecimento e de acaso do discurso. Normatizando-o diríamos. Tal controle pode ser observado em noções como as de comentário, de disciplina, e, justamente, na de autor (ORLANDI, 2012a, p. 74).

Orlandi reconhece, ainda, o autor como “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como fulcro da sua coerência” (p. 75), fortalecendo ainda mais a forma em que o autor pode se manifestar de forma contundente através da figura do narrador, o que observamos em *La Virgen de los Sicarios*, em que o autor se manifesta, em alguns momentos, através da voz do narrador, personagem Fernando, que se repete nos oito livros que compõem a obra autoficcional de Vallejo. Essas múltiplas formas do “eu” são uma significativa representação do sujeito atual, que não se individualiza em si mesmo, mas que se

⁶ Do original: “como el ‘yo’ real o histórico del autor, el ‘yo’ narrador, el ‘yo’ narrado, el ‘yo’ ideológico y el ‘yo’ múltiple, que no pueden obviar la última intermediación subjetiva que es el ‘yo’ lector. [...] Al autor le gusta jugar con sus referencias metaficcionales y su ‘yo’ real o histórico por lo que, en algunas ocasiones, es difícil diferenciarlo del ‘yo’ narrado.” (VILLENNA GARRIDO, 2009, p. 45)

inscreve em quantos lugares de fala lhe seja permitido para seu autônomo desenvolvimento, superando modelos nacionais, pós-nacionais ou pós-modernos, pois o sujeito já não aceita imposições, permanece no meio, nos “entre lugares”, lembrando da ideia de Homi Bhabha de que essas formas lhe dão maior multiplicidade e maiores possibilidades de continuar mudando e se transformando.

CAPÍTULO II

AMARILLO-CENA 1: ENCONTRANDO O “EL DORADO”

El 16 de diciembre de 1942, Colón lo había anunciado en su diario: los indios sirven *para les mandar y les hacer trabajar, sembrar y hacer todo lo que fuere menester y que hagan villas y se enseñen a andar vestidos y a nuestras costumbres*. Secuestro de los brazos, robo del alma: para nombrar esta operación, en toda América se usa, desde los tiempos coloniales, el verbo reducir. El indio salvado es el indio reducido. Se reduce hasta desaparecer: vaciado de sí, en un no indio, y es nadie.

(Eduardo Galeano)

O contexto da situação de conflito da Colômbia, que atinge de forma radical a população, é o que ambienta a obra *La Virgen de los Sicarios*. Tal contexto configura uma constante transformação em todas as esferas da sociedade, envolvendo complexos dispositivos opressores, dando continuidade às ideias coloniais, imperiais, de submissão e imposição de poder. Assim, através da voz do narrador, o escritor Fernando Vallejo articula seu discurso contra este tipo de estruturas, criticando-as de maneira consistente, opondo-se à Igreja Católica, especificamente, à figura do Estado e sua falta de representação, e também, à submissão por parte das camadas populares. Assim, o narrador se refere ao Estado na Colômbia como o “primeiro delinquente”:

Apoiado numa precária legitimidade eleitoreira, presidido por um veado idiota, fabricante de armas e destilador de aguardente, forjador de constituições impunes, lavador de dólares, aproveitador da coca, assaltante fiscal, o Estado da Colômbia é o primeiro delinquente. E não há jeito de acabar com ele. É um câncer que vai nos roendo, matando aos pouquinhos.⁷ (VALLEJO, 2006, p. 78).

No panorama colombiano, a colonização tem deixado fortes marcas, sobretudo, no que se refere à colonização do pensamento. É justamente este o ponto que nos interessa chegar, partindo da contextualização representada na obra de Fernando Vallejo, *La Virgen de los*

⁷ Do original: “Apuntalado en una precaria legitimidad electorera, presidido por un bobo marica, fabricante de armas y destilador de aguardiente, forjador de constituciones impunes, lavador de dólares, aprovechador de la coca, atracador de impuestos, el Estado en Colombia es el primer delincuente. Y no hay forma de acabarlo. Es un cáncer que nos va royendo, matando de a poquito.” (VALLEJO, 2002, p. 84).

Sicarios, e das propostas apresentadas por parte de intelectuais latino-americanos sobre a Inflexão Decolonial.

2.1 UM DISCURSO LATINO: DA COLONIZAÇÃO À INFLEXÃO DECOLONIAL

Esta análise busca compreender alguns dos aspectos principais que compõem a formação, evolução e forma de ser dos latino-americanos, mais especificamente dos colombianos, assim como a dos processos estabelecidos por diversos aspectos da colonização, que permitiram uma formação social, política e religiosa na qual as pessoas poderiam viver e desenvolver-se “civilizadamente” ao longo deste território. O que encontramos, no entanto, foi um ambiente no qual essas ideias de formação social, política e religiosa se deram de uma forma desigual, o que influenciou de forma drástica a evolução dos territórios que aqui se construíram e nos quais se engendraram processos que trouxeram uma série de problemas a serem resolvidos, sendo uma das principais causas deles a colonização, junto com a evangelização das famílias indígenas que habitavam o Novo Mundo. Observamos, então, os dois lados, o do colonizador e o do colonizado, e é aqui que aparece uma diferença como princípio formador, e que se mantém até hoje na estrutura social da América Latina.

Para estruturar tais ideias referentes à colonização, nos baseamos nos estudos apresentados por Igor José de Renó Machado, em seu artigo intitulado *Reflexões sobre o pós-colonialismo* e por Sérgio Costa, no artigo *Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial*. Baseamo-nos, também, nas ideias de Mignolo, apresentadas na obra *La idea de América Latina*, na qual o autor explica:

Os três momentos histórico-estruturais heterogêneos de relação entre os impérios e as colônias. O primeiro é a entrada da América na consciência europeia (o Renascimento). O segundo (a Ilustração) coincide com a aparição da “latinidade” [...] como dupla identidade imperial e colonial. Ao apresentar o terceiro momento (posterior à Guerra Fria), faço uma mudança de direção, e me concentro nas transformações radicais na geografia do conhecimento que se observam em todo o mundo e que, no continente americano, questionam a ontologia e a ideologia de uma divisão continental entre “América Latina” e “América Saxônica” (2007, p. 19).

Quando pensamos na parte sul do território americano e na sua origem, nos referimos a um passado indígena como um dos aspectos fundamentais para compreender as características que configuram esta região. Lembramos, assim, dos Incas e dos Aztecas-Mayas como os dois principais grupos que povoaram o continente, desde o sul até o norte da América Central, e que deram início ao restante das formações híbridas que foram surgindo

dessas duas principais culturas. Encontramos, também, vários países que, após a colonização, receberam a influência dos povos provenientes da África, em função do comércio escravo que, nesta época, se expandia no território americano. Assim, começa a tomar forma uma das maiores, senão a maior, mistura de grupos étnicos provenientes de diversas partes do planeta: os índios originários da América, que já apresentavam uma mistura racial entre eles; os colonizadores, provenientes principalmente da Espanha e, por sua vez, misturados com os mouros; e os africanos de diferentes grupos familiares, que apresentam uma forte influência nos territórios onde se estabeleceram. Esses diversos grupos formaram, assim, a hibridação que hoje conhecemos como América Latina. Por hibridação entende Canclini: “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinaram para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” (2003, p. XIX)

Esses grupos indígenas foram buscando seu lugar no território, se organizaram em famílias que ocuparam diferentes locais, desenvolveram comunidades maiores e com características particulares de mineração e agricultura, as quais determinaram a especialidade e relevância de cada uma delas. Suas origens, parte Incas, parte Aztecas-Mayas, foram procurando certo desenvolvimento e se organizando como comunidades independentes, que estabeleceram seus próprios códigos, para viver dentro de cada região. Foi assim que se encontravam organizados os grupos antes da chegada dos colonizadores, e é desse ponto que consideramos importante partir, pois para falar da formação dos países que conformariam futuramente esta região, é necessário considerar aspectos originários dos grupos, e assim entender sua construção ou sua desconstrução das formações de identificação.

Das várias famílias que surgiram e se desenvolveram satisfatoriamente na parte norte do continente, desde a Nicarágua até o Equador, houve uma diversidade de costumes e práticas que com o tempo vieram a determinar a diferenciação de cada uma das novas famílias. Assim, houve a formação do grupo que se encontrou no que hoje conhecemos como Colômbia e Venezuela, chamados de Chibchas (que significa povoadores), os quais nunca se organizaram como um só império, mas sim como famílias em constante luta e com diferentes línguas. Tais diferenças sempre mantiveram um tom de rivalidade entre estes primeiros habitantes, o que já começava formatar parte da sua formação identitária.

Na Colômbia, os Chibchas foram o grupo mais importante, os quais, vivendo a 2600 metros de altitude, num vale sobre a Cordilheira dos Andes, vieram a desenvolver sua particular cultura, tomando como ponto central a cidade de Bogotá. Eles foram conhecidos

como os mestres no trabalho com o ouro, além de mostrarem bom desenvolvimento no cultivo e no comércio. Essas características os levaram à necessidade de desenvolver locais de troca e venda de produtos, assim como uma ampla vida social e religiosa, que se baseava na adoração de deuses, principalmente representados pelo sol e pela lua, como as grandes forças criadoras do universo, junto com os seres mitológicos que representavam diferentes forças da natureza e que inspiraram seus trabalhos artesanais e a maioria dos seus cultos. (IRABURU, 2003)

É necessário, então, explicar como estes Chibchas desenvolveram seus traços, passando pelos diferentes momentos da história colombiana, na qual a colonização espanhola influenciou a alteração de todas as questões sociais existentes até então. Sabe-se que as riquezas das terras colombianas foram uma das principais razões que chamaram a atenção dos espanhóis. Além disso, a lenda do *El Dorado*⁸ e seu projeto de evangelizar e educar foram motivos que os levaram a ocupar o território colombiano e apropriar-se violentamente das riquezas naturais, na maioria das vezes enganando e matando quem se opusesse a sua ideia colonizadora.

Assim, o que se conheceu como o *Nuevo Reino de Granada*, permaneceu três séculos sob o domínio espanhol que, junto com a forte presença religiosa, se encarregou de extinguir os povos indígenas que aqui habitavam, na missão de passar o ideal católico.

Outra dessas formações grupais que viria a ser parte importante na análise das origens da identidade da Nueva Granada, como era conhecida nessa época a Colômbia, foi a dos grupos formados por parte dos africanos que foram chegando ao país, principalmente a partir do mercado escravo em que a geografia, banhada pelo Pacífico e pelo Atlântico, de frente ao Caribe, tornou-se cúmplice estratégica neste processo de colonização. Preciado (1989) esclarece esta questão:

Além do estrito controle que manteria a Casa de Contratação de Sevilha em relação com as permissões, licenças e assentamentos, assim como outros organismos da administração, em cada caso se estabeleceram os chamados portos de permissão ou desembarque, internação e repartição dos carregamentos africanos. A Nova Granada contou com o porto de maior movimento e atividade, pois à Cartagena de Indias eram conduzidos não só os escravos destinados ao grande vice-Reinado peruano,

⁸ El Dorado foi a lenda que se criou sobre as riquezas dos indígenas da América e os rituais de oferenda do ouro, o qual poderia estar ainda escondido em diversos lugares, atraindo muitos interessados em achar tais riquezas.

mas também os que posteriormente seriam reexportados às ilhas do Caribe e das Antilhas.⁹ (1989, p. 169).

Assim, a mistura originada pelo índio, pelo negro e pelo branco povoou a maior parte do território colombiano, com mestiços, mulatos, negros e brancos, e dessa forma foi se constituindo um tipo de cidadão específico para esta região, que apresenta, na sua maioria, traços físicos de cada uma destas etnias. Esses negros que chegaram ao país foram muito importantes no processo de libertação, assim como no desenvolvimento da busca da libertação, com seu espírito de luta, gerando novas e melhores oportunidades com o surgimento do chamado cimarronismo¹⁰, como formas de agrupamento para sua própria proteção e desenvolvimento frente à pressão da escravidão. Sobre o cimarronismo, Samper (1995) afirma:

Desde o século XVI, o cimarronismo e o estabelecimento de quilombos em regiões da América do Sul e Central, constituíram a maior estratégia de sobrevivência cultural e de luta pela liberdade, apenas depois do século XIX, quando foi abolida a escravidão na Hispanoamérica, sendo Cuba (1886) e Brasil (1888) os últimos países em fazê-lo.¹¹ (1995, p. 85).

Esses quilombos permitiram aos cimarrones se organizarem como uma república independente na qual, trabalhando pela conservação da língua, da religião, da música, das danças e dos costumes, deram origem aos novos negros da América Latina e levaram para frente um dos poucos processos de luta pelos direitos e pela identidade latino-americana, apesar do ambiente hostil criado pela colonização.

Com isso não se pretende aprofundar a história da formação dos primeiros habitantes da América Latina, e particularmente da Colômbia, mas sim achar razões que possam nos dar uma resposta à forma particular de ser dos colombianos, buscando os elementos que representam essa identidade, ou identidades, pois vemos que este conceito tem evoluído muito

⁹ Do original: “Además del estricto control que llevaría la Casa de Contratación de Sevilla en relación con los permisos, licencias y asentamientos, así como otros organismos de la administración, en cada caso se establecieron los llamados puertos de permisión o desembarco, internación y reparto de las cargazonas africanas. La Nueva Granada contó con el puerto de mayor movimiento y actividad, pues a Cartagena de Indias eran conducidos no sólo los esclavos destinados al gran virreinato peruano, sino los que posteriormente serían reexportados a las islas del Caribe y las Antillas.” (PRECIADO, 1989).

¹⁰ O Cimarronismo é o pensamento afro americano que surgiu no Brasil e na Colômbia a partir do reconhecimento próprio do movimento rebelde dos negros que lutavam pela sua liberdade. (MOSQUERA, 1956)

¹¹ Do original: “Desde el siglo XVI, el cimarronismo y el establecimiento de palenques (cumbes o quilombos en el Brasil) en regiones de América del sur y. central, constituyeron la mayor estrategia de sobrevivencia cultural y de lucha por la libertad, hasta las postrimerías del siglo XIX, cuando fue abolida la esclavización en Hispanoamérica, siendo Cuba (1886) y Brasil (1888) los últimos países en hacerlo.” (SAMPER, 1995)

e representa mais do que os traços de um “povo”, já que: “Não é possível falar das identidades como se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las como a essência de uma etnia ou de uma nação.” (CANCLINI, 2003, p. XXIII).

A invenção da América Latina se deu como uma imposição dos colonizadores europeus que chegaram ao Novo Mundo, em 1492, em busca de possibilidades para a consolidação e expansão das ideias ocidentais em território desconhecido. Como não tinham um nome para identificá-lo, chamaram este continente de Índias Ocidentais e, posteriormente, de América. Com o tempo, a América fragmentou-se em duas, a do Norte e a do Sul, mas foi graças aos europeus que, junto com os crioulos de ascendência europeia, no século XIX, se estabeleceu o nome de América Latina. Assim, a chegada dos europeus veio determinar fatos importantes da evolução dos últimos 500 anos neste continente, aliada às elites locais emergentes, que adotaram os sistemas sociais, políticos e, sobretudo, religiosos, que vieram com os colonizadores, mudando definitivamente o rumo das Américas.

Assim, junto ao processo civilizador, os colonizadores encararam um período de expansão violenta pelo território hoje conhecido como América. Com a justificativa de catequizar, educar e civilizar os “bárbaros” que habitavam esta parte do planeta, foram tomando conta do território dos impérios Inca e Asteca, que dominavam parcialmente desde o sul até o norte das Américas, correspondentemente, e que, para os europeus, careciam de normas cultas.

Alguns dos estudiosos do pós-colonialismo analisaram os fatos que nos colocam na condição de subalternidade em frente aos países imperiais, buscando apresentar soluções para a forma como é abordada essa condição pelos próprios colonizados, propondo ideias para enfrentar essa condição colonial. Porém, algumas destas ideias são centradas em uma visão ainda muito distante do caso latino-americano, visto que se evidencia a ênfase da análise nos processos de fora deste continente, o que faz com que não se chegue a uma compreensão profunda dos processos que se desenvolvem nesta parte específica do planeta.

Na primeira metade do século XX, já se tinham posicionamentos que apontavam para a ideia de *Decolonial*, a qual se consolidou no começo do século XXI. Podemos ver casos como o da tese de O’Gorman, que trata da genealogia do pensamento crioulo decolonial associada com descendentes de africanos e exposta na América por Aimé Césaire em *Discursos sobre el colonialismo* (1950) e *Cuaderno de um retorno al país natal* (1956), ou a

de Frantz Fanon, com *Piel negra, máscaras blancas* (1952) que também contribuiu com as primeiras ideias da teoria pós-colonial (MIGNOLO, 2007, p.58).

Também, e não menos importante, no Brasil pode-se destacar o trabalho de Silviano Santiago (1971) e sua ideia de *entre-lugar*, na qual o autor confere uma importância significativa para aqueles que falam desde as fronteiras. Destacamos, neste estudo, a importância de Santiago ter sido um dos primeiros latino-americanos a refletir sobre a posição da própria América Latina, localizando-a no que ele chamou de entre-lugar.

O início das críticas pós-coloniais se dá no final dos anos 1970, e se desenvolve mais profundamente na década de 1980, buscando desconstruir concepções dominantes da modernidade e da dominação europeia nos países colonizados, criticando o processo de produção do conhecimento científico, que privilegia a visão eurocêntrica, dentro do que se definiu como *cultura nacional*, o que justifica a lógica da relação colonial. Um dos primeiros e mais destacados pensadores da América Latina que expôs sua crítica perante a situação deste território foi o escritor uruguaio Eduardo Galeano. Esse autor faz um apelo à história da formação do continente, desde a colonização, nos seu livro *Las venas abiertas de America Latina* (1971) e na sua trilogia *Memoria del Fuego* (1982), no qual relata o sofrimento, saque e exploração, com a chegada dos colonizadores, e como se manteve a imposição por parte deles durante os séculos seguintes. Também aparecem opiniões por parte da crítica literária na Inglaterra e nos Estados Unidos, expandindo-se daí para outras áreas. Estes estudos partiram de intelectuais que já estudavam a diáspora negra ou migratória, imigrantes de países pobres que se estabeleceram na Europa Ocidental e na América do Norte e que se tornaram referência mundial nos estudos pós-coloniais. A obra do crítico literário palestino Edward Said, *Orientalism* (1978), é considerada a pioneira destes estudos, apresentando o Oriente como uma invenção do Ocidente e em que se faz uma crítica às narrativas ocidentais. (COSTA, 2006) Esta crítica refere-se à,

Crise geral de representação do *Outro* que se abateu sobre a academia no começo dos anos oitenta do século passado. A partir de então, falar sobre o *Outro* poderia ser um problema e a forma propositiva e despreocupada de narração da alteridade na academia não poderia ser mais aceita (MACHADO, 2004, p. 23).

Assim, Frantz Fanon e Edward Said levantaram questionamentos importantes para começar a analisar esse *Outro* que tem sua própria visão de mundo, diferente do europeu, sendo este *Outro* o lado do colonizado e do negro. Este processo se deu a partir de

questionamentos simples, mas cheios de significado, apresentados por Machado (2004): “quem fala e quem é representado? Quem pode ou não representar o *Outro*? Como essas representações são construídas? Quais os efeitos dessas representações?” (p. 24)

Ainda segundo Machado, Said buscava estabelecer a “problemática da narrativa ocidental sobre o *Outro* e sobre os efeitos do colonialismo na alma do colonizado” (p.24). Simultaneamente, os estudos de Fanon (1977) contribuíram no processo dos “intelectuais de liberação nacional africano”, com suas ideias sobre a construção de uma “alma branca”, e a sua “subjetividade branca em sujeitos negros colonizados e os consequentes problemas psicológicos derivados desta forma de dominação” (MACHADO, p. 24). Mas o que determinaria a ideia principal deste pensamento seria a teoria apresentada em *Orientalismo*, de Said, na qual:

Define o orientalismo como um modo de construir o Oriente, baseado no lugar específico ocupado por este, na experiência europeia ocidental [...] seria como um estilo ocidental para reestruturar e ter a autoridade sobre o oriente; um discurso que é imposto e impede o oriente de se manifestar, ao mesmo tempo em que constrói uma tela que filtra o oriente para a consciência social ocidental. (MACHADO, p. 24).

Essas ideias são retomadas, posteriormente, por Homi Bhabha, em seu texto sobre “a mímica e o homem” (1997), visto como uma releitura explícita das ideias de Fanon. Bhabha, um dos mais preocupados pelo tema pós-colonial, é referência importante para a evolução da crítica ao eurocentrismo, por ideias como a de “in-between” (1989), em que vê a formação do pós-colonialismo dentro de um processo de enunciação de discursos de dominação que não é nem interior nem exterior à história da dominação ocidental: ele ocupa um espaço e o denomina de “in-between”, como uma posição de negociação híbrida. Já Gayatri Chakravorty Spivak (1990), denomina essa localização como “catacrese”: “a propriedade de reverter, deslocar e redimensionar o aparato de conhecimento da dominação ocidental.” (MACHADO, 2004, p 21).

Bhabha, no seu conhecido *The location of culture* (1994), com ideias vindas do pós-estruturalismo e referindo-se à relação entre discurso e poder, busca justamente achar um lugar de enunciação diferente para se expressar, longe da visão colonial de dentro/fora, mas sim desde os meios, desde a fronteira, como o “lugar a partir do qual *algo começa a se fazer presente* em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente [...]” (BHABHA, 1994, p. 24). Desta forma, Bhabha busca, com os estudos pós-coloniais,

justamente explorar essas fronteiras e, assim, conseguir produzir “uma reflexão para além da teoria”.

Continuamente, Stuart Hall, a partir das ideias desenvolvidas por Said em *Orientalism*, sugere o pensamento *the west and the rest* que, segundo ele, reforça o posicionamento europeu como o centro do discurso, em que a relação que se estabelece entre o lugar de fala da Europa e o lugar de fala do resto do mundo, deixa sempre o discurso europeu como dominador. A ideia *the west and the rest* se vale dos conhecimentos clássicos, das fontes religiosas, dos relatos de viagem, dos mitos como o do *El Dorado*, por exemplo, para reforçar a ideia da Europa como centro, e o discurso dos outros como resto, sendo o europeu “civilizado, adiantado, desenvolvido, bom” e o resto “selvagem, atrasado, subdesenvolvido, ruim.” Hall, após mapear esta situação dominante, afirma que ela se tornou o padrão universal que a sociologia moderna utiliza para definir as sociedades modernas e qualifica como incompletas as sociedades que não seguem este padrão dominante (COSTA, 2006). Baseado nas ideias de Hall, Costa afirma que a narrativa histórica contada pelas ciências modernas é:

[...] uma grande narrativa centrada no Estado-nação “ocidental” e que reduz a história moderna a uma ocidentalização paulatina e heróica do mundo, sem levar em conta que, pelo menos desde a expansão colonial no século XVI, diferentes “temporalidades e historicidades foram irreversível e violentamente juntadas” (p. 119).

Assim, Hall pretende mostrar como as ciências modernas legitimam o discurso *the west and the rest*, sustentando a dominação europeia, que não dá voz aos oprimidos, e que mantém um panorama de diferença muito grande, no qual não há espaço para gerar um discurso próprio dos “outros”. É justamente isso que o pós-colonialismo busca: gerar um espaço de representação válido para o discurso dos “outros”, estabelecendo fronteiras mais amplas e diversificadas, fora do esquema colonizador da modernidade.

Vista pelo viés do pós-estruturalismo, e mais especificamente sob a visão de Derrida, destacamos a importância da concepção do conceito de *différance*¹², adotada por Paul Gilroy,

¹² A *différance* não é “nem um conceito nem uma palavra”, funciona como “foco de cruzamento histórico e sistemático” reunindo em feixes diferentes linhas de significados ou de forças, podendo sempre aliciar outras, constituindo uma rede cuja tessitura será impossível interromper ou nela traçar uma margem, pois o que se põe em questão é “a autoridade de um começo incontestável, de um ponto de partida absoluto, de uma responsabilidade de princípio”. (...) A *différance* nem uma palavra, nem um conceito, é o que faz com que “o movimento da significação só seja possível se cada elemento dito presente, aparecendo no cenário da presença, relacionar-se com algo que não seja ele próprio, guardando em si a marca do elemento passado e já se deixando escavar pela marca do elemento futuro, o traço não se relacionando menos com aquilo que chamamos de futuro

Stuart Hall e Homi Bhabha. Esta noção rompe com a ideia pré-existente de diferença, que se estabelece no processo de significação de signos e se entende dentro das polaridades identitárias eu/outro, nós/eles, sujeito/objeto, mulher/homem, preto/branco, significante/significado, as quais fazem parte da ideia eurocêntrica de compreensão do mundo e compõe a base das estruturas de dominação moderna. Assim, para estes teóricos, o conceito de *différance* é de grande relevância ao redesenhar as relações de dominação já que “remete ao excedente de sentido que não foi, nem pode ser significado e representado nas diferenças binárias.” (COSTA, 2006).

Após uma série de posicionamentos frente ao colonialismo e seus processos de emancipação, surgiram outras opiniões críticas a respeito do assunto, que só se desenvolveram com força na segunda metade do século XX, quando alguns intelectuais começaram a evidenciar e analisar mais profundamente como se deu este processo e o que ele acarretou, tanto para a parte que colonizou como para a parte colonizada. De fato, até então, ele era visto como uma evolução linear da história, desde o ponto de vista dos europeus. Entretanto não se tinha uma perspectiva a partir dos que sofreram internamente a colonização, e é justamente aqui que buscamos problematizar e questionar, apoiados por alguns teóricos, como Edward Said, Frantz Fanon, Homi Bhabha, Stuart Hall e Walter Mignolo, o porquê dessa evolução da história contada apenas a partir da visão do colonizador.

Reconhecemo-nos como pertencentes a determinado lugar, e crescemos sendo vistos como terceiro-mundistas, subdesenvolvidos e até menos favorecidos. Mas o que resulta absurdo, é pensar que esses títulos todos nos foram impostos durante este processo, com a intenção de nos dar um espaço coadjuvante, dentro do discurso eurocentrista, que se formava para justificar a nossa aparição dentro de uma cena que começou a ser escrita com o “descobrimento” da América. Entramos nesta cena como esse *Outro*, bárbaro e incivilizado, para justificar os problemas ou incapacidades que pudessem surgir na imposição do projeto colonizador e, por sua vez, justificar a necessidade deste novo discurso através de subordinação, exploração e violência que permeia a história deste território, como explica Canclini (2008):

Primeiro existiu o projeto político-cultural das *nações* que buscavam uniformizar regiões e etnias. Seu roteiro consistia em unificar patrimônios tradicionais sob

do que com aquilo que chamamos de passado, e constituindo aquilo que chamamos de presente, por esta relação com o que não é ele próprio”. (SANTIAGO, apud SILVA, 2004, s/p)

administração de Estados liberais ou populistas. Estes estabeleceram unidades territoriais violentando as diferenças entre as regiões de cada nação, ao mesmo tempo que desmembraram áreas culturais, atribuindo-as a diversos países (p. 37).

Alguns críticos dessa teoria pós-colonial têm sido cuidadosos na sua análise de vários aspectos desta teoria, que fazem com que nossa ideia centrada nos discursos pós-coloniais seja repensada, uma vez que concordamos com a posição de Dirlik, um dos maiores críticos das teorias do pós-colonialismo, apresentada no ensaio de Machado, no qual argumenta que “o pós-colonialismo é cúmplice das formas de hegemonia do capitalismo atual, justamente por mistificar uma situação que não é o fim das relações de poder, mas sim sua reconfiguração.” (MACHADO, 2004, p. 29).

Encontramos este mesmo pensamento exposto por Stuart Hall, na obra *Sin Garantias* (2010), mais especificamente no capítulo *Cuando fue lo “postcolonial”? Pensando en el limite*. Neste texto Hall apresenta uma abrangente contextualização de por que o pós-colonial não se encaixa mais como paradigma para resolver as situações que o envolvem. Aqui, se fazem uma série de perguntas que buscam revelar a problemática presente nesta postura, sendo destacado por Hall o trabalho de Ella Shohat, que tem sido exemplar para os críticos acadêmicos. Este trabalho aponta inicialmente um problema conceptual, pois já o prefixo “pós” gera diversas formas de interpretação: se seria algo depois da colonização ou se faz referência a um momento específico, entre outros vários questionamentos referentes a este “pós”. Mas Ella dirige sua crítica para as ambiguidades teóricas e políticas: sua “vertiginosa multiplicidade de posicionalidades”, seus “deslocamentos a-históricos e universalizantes” e as suas “implicações despolitizantes” (HALL, 2010). Trabalhando nesta mesma direção, Hall apresenta Anne Mc Clintock, uma das primeiras em seguir este posicionamento, e a qual critica o conceito pela sua natureza linear demais e argumenta o “postcolonial” como:

[...] politicamente ambivalente porque apaga as distinções definidas entre os colonizadores e os colonizados, associados até agora com os paradigmas do “colonialismo”, o “neocolonialismo” e o “terceiro-mundismo” que tenta suplantar. Dissolve a política de resistência porque ‘não propõe um domínio claro e não exige uma oposição clara’. Como os outros tipos de ‘pós’, integra histórias, temporalidades e formações raciais diferentes dentro da mesma categoria universal.¹³ (p. 563).

¹³ Do original: “[...] politicamente ambivalente porque borra las distinciones definidas entre los colonizadores y los colonizados, asociados hasta ahora con los paradigmas del “colonialismo”, el “neocolonialismo” y el “tercermundismo” que intenta suplantar. Disuelve la política de resistencia porque “no propone un dominio claro y no exige una oposición clara”. Como los otros tipos de “post”, integra historias, temporalidades y formaciones raciales diferentes dentro de la misma categoría universal.” (p. 563)

Para ambas as críticas, o conceito de pós-colonial é utilizado para “marcar a clausura final de uma época histórica, como se o colonialismo e os seus efeitos tivessem terminado definitivamente” (HALL, 2010, p. 563). Mas a análise de Hall não termina aqui, ele mostra como os estudos dos críticos em torno ao “pós” se relacionam entre si e apresentam opiniões correspondentes, como a do reconhecido acadêmico Arif Dirlik, que cita Shohat e McClintock, e suas ideias sobre a significação do prefixo “pós”, que se lê como celebração do fim do colonialismo. Mas Dirlik acrescenta que o discurso pós-colonial é um “culturalismo”, o que reformula os pensamentos expostos até então pelos teóricos do pós-colonial.

Assim, nosso objetivo é tratar mais de perto e com maior cuidado o caso que analisa o pós-colonial na América Latina, chegando a alguns dos pensadores latino-americanos que têm assumido um posicionamento interessante e engajado, ao trazer a discussão para a particularidade dos países latinos. Dentre estes teóricos destacamos Walter Mignolo que, em *La idea de América Latina* (2007), realiza um cuidadoso levantamento sobre as condições dadas para o surgimento da América Latina como conhecemos hoje e procura achar termos mais adequados para quando se trata do processo específico da colonização latino-americana.

Assim, as ideias de Mignolo nos ajudam a analisar o caso dos países da América Latina, que passaram por complexos processos de formação, nos quais a violência se manifestou desde a chegada dos colonizadores, na ocupação do território e durante o estabelecimento dos processos de domínio por parte deles, assim como acontece na maioria, se não em todos os processos coloniais. Apesar disso, entendemos que não é responsabilidade exclusiva da colonização os processos pelos quais passaram os países latino-americanos durante e depois da conquista. Estes processos têm sua continuidade em esquemas políticos, econômicos e sociais para obtenção do poder dentro das estruturas que o representam, principalmente elites nacionais que assumiram continuar com o legado dos colonizadores, se apropriando do território e da riqueza que encontravam nos países colonizados da América Latina, pois foram elas que tomaram conta dos espaços de representação dentro das suas sociedades, adotando o sistema de colonização para dentro dos seus territórios, assumindo o papel colonizador que se manteve até o momento em que as mesmas assumiram o controle. Podemos identificar este processo como auto-colonizador, que se estende até os dias de hoje.

Este espaço de enunciação já está sendo assumido por um grupo de intelectuais latino-americanos sob o conceito de “inflexão decolonial, como projeto político orientado pela pluriversalidade”, encarando uma luta pela posição de enunciação do sujeito latino-

americano, partindo de um viés próprio, porém sem a pretensão de centralizar o discurso para este lado. Restrepo e Rojas (2010) explicam a ideia de Anibal Quijano, que inspirou a inflexão decolonial:

A colonialidade deve ser entendida em perspectiva do sistema mundo e seu padrão de poder global, no qual se diferenciam e hierarquizam as populações do mundo apelando a discurso racial em áreas da sua exploração capitalista (p. 22).

Desta forma, entendem a inflexão decolonial como:

Uma corrente intelectual definida em torno a uma serie de problematizações, que tem elaborado um sistema mais ou menos coerente de conceitos para dar conta destas, e que tem construído uma narrativa sobre as suas genealogias e alcances intelectuais e políticos (p. 22).

Consideramos importante destacar literalmente as ideias nas quais o trabalho do Mignolo se baseia, por considerar que estas pontuam claramente o giro no posicionamento crítico do colonial, no continente latino-americano, e por encarar novos rumos e atitudes no que se refere aos processos de colonização específicos da América Latina. O trabalho de Mignolo se baseia no que Arturo Escobar chamou de Projeto da Modernidade/colonialidade, no qual se delimitam as premissas que justificam este pensamento. Assim, nas palavras de Mignolo (2007):

1. Não existe modernidade sem colonialidade, já que esta é parte indispensável da modernidade.
2. O mundo moderno/colonial (e a matriz colonial de poder) se origina no século XVI, e o descobrimento/invenção da América é o componente colonial da modernidade cuja face visível é o Renascimento europeu.
3. A Ilustração e a Revolução Industrial são momentos históricos derivados que consistem na transformação da matriz colonial de poder.
4. A modernidade é o nome do processo histórico no qual a Europa iniciou seu caminho em direção à hegemonia. Seu lado obscuro é a colonialidade.
5. O capitalismo, tal qual o conhecemos, está na essência da noção de modernidade e de seu lado obscuro, a colonialidade.
6. O capitalismo e a modernidade/colonialidade tiveram um segundo momento histórico na transformação depois da Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos se apropriaram da liderança imperial que anteriormente tinham assumido, em épocas distintas, a Espanha e a Inglaterra. (p. 18)

Esta perspectiva da situação particular do caso latino-americano em relação à colonização, resulta como um novo começo na forma de assumir o discurso, propondo uma

teorização que parte de nós mesmos, dos latinos, e não de teorias que parecem gerais para todos os processos de colonização, ou melhor ainda, o que o antropólogo colombiano Eduardo Restrepo chama de descolonização, indicando um processo de superação do colonialismo, a partir de uma nova proposta teórica que busca independência frente às políticas das colônias, que para as Américas começou no final do século XVIII e ainda não terminou.

Este direcionamento nos coloca frente a uma nova atitude para discutir os processos coloniais específicos da América Latina, assim como tudo que abrange esta discussão, para chegar às peculiaridades que nos distinguem do processo geral de colonização.

2.2 UM DESTINO COLOMBIANO? O CONTEXTO HISTÓRICO DA VIOLÊNCIA

Para abordar com maior proximidade e objetividade os aspectos que narram o conflito colombiano e o porquê da sua continuidade por mais de meio século, é necessário observar o viés histórico do fenômeno da violência neste país. Aqui, consideramos necessário estruturar um breve relato dos fatos de violência que determinaram aspectos dentro do processo da formação do Estado colombiano e suas implicações na estruturação social adotada desde o momento da colonização até hoje, assim como a relação destes fatos com o contexto histórico narrado no romance *La Virgen de los Sicarios*.

A Colômbia protagonizou vários períodos de violência desde a época colonial, passando pelas guerras civis do século XIX, até a violência política que teve início na década de 1930 (MELO, 1992). Desta forma, é importante citar os componentes que, desde a chegada dos conquistadores espanhóis, estiveram presentes na formação política e social junto a este processo, e alguns deles que ainda nos acompanham, além das muitas variáveis que converteram a Colômbia num dos países mais violentos do mundo, o que inevitavelmente configura a forma de ser dos colombianos, que parecem destinados a enfrentar o núcleo de conflito que se estabeleceu na região, pois como explica Arias (2010):

A Colômbia não tem disfrutado de uma verdadeira paz, desde o nascimento à vida republicana até hoje, tem se caracterizado por uma sucessiva luta interna, algumas vezes sob a condição de guerras civis, desde o século XIX, com matizes cada vez mais graves, que tem ido desde a violência política até uma delinquência organizada; que vai desde homicídios, massacres, atos terroristas, até o sequestro e toda classe de delitos, que destroem os limitados recursos, que tem custado milhares de vidas, entre

elas as dos seus melhores homens e que mantém o país em um atraso social, econômico e político sem precedentes na história dos povos americanos¹⁴ (p. 30).

A história da Colômbia tem sido marcada por pinceladas de violência, definidas desde a época da conquista. Com a chegada das diferentes companhias conquistadoras europeias, entre elas a dos espanhóis, o caminho das famílias linguísticas que habitavam este território começou a ser alterado, em que a conquista significou o choque cara a cara entre os europeus, com sua “civilização”, e os indígenas, com seu “barbarismo”, pois “como tinha que acontecer, sucumbiu este último perante a força moral e de armas a qual foi submetida pelo primeiro.”¹⁵ (SAMPER, 2012, p. 39).

Neste momento o território estava organizado por “cacicatos”¹⁶, sendo os três principais os de Bogotá, o de Tunja e o de Iraca. Até 1535 a incursão dos espanhóis pelo interior deste território foi pouco significativa, pois foi neste ano que Gonzalo Gimenez de Quesada chegou da Espanha para explorar e conquistar o interior das terras colonizadas, tornando-se o principal conquistador da Nueva Granada.¹⁷ (IRABURU, s/d).

Dessa forma, deram-se as relações de poder nas quais o indígena foi submetido à formação de instituições por parte dos dominadores espanhóis, configurando um primeiro contato marcado pela violência, surgindo o “resguardo”, sendo:

Um sistema de controle e utilização de mão-de-obra e, em segundo lugar, um mecanismo de aculturação dos índios e de defesa militar dos estabelecimentos espanhóis contra as rebeliões indígenas¹⁸ (RUEDA; MELO, 1996, s/p).

Dessa forma, se estabeleceu uma época de inúmeras fundações hispânicas¹⁹. Duas destas formações tiveram maior relevância neste período, Santa Marta e Cartagena de Indias,

¹⁴ Do original: “Colombia no ha disfrutado de una verdadera paz, desde el nacimiento a la vida republicana hasta la fecha, lo ha caracterizado una sucesiva lucha interna, a veces bajo la condición de guerras civiles desde el siglo XIX, con matices cada vez más graves, que han ido desde la violencia política hasta una delincuencia organizada; que ha pasado desde los homicidios, masacres, actos terroristas, hasta el secuestro y toda clase de delitos, que destruyen los limitados recursos, que ha costado miles de vidas, entre ellas las de sus mejores hombres y que mantiene al país en un atraso social, económico y político sin precedentes en la historia de los pueblos americanos.”(ARIAS, 2010).

¹⁵ Do original: “como tenía que suceder, sucumbió este último ante la fuerza moral y de las armas a la que fue sometido por la primera.”¹⁵ (SAMPER, 2012).

¹⁶ Formas de organização social indígena.

¹⁷ Território estabelecido pela Coroa espanhola, entre 1550 e 1718 e que hoje corresponde à Colômbia.

¹⁸ Do original: “un sistema de control y utilización de mano de obra y en segundo término un mecanismo de aculturación de los indios y de defensa militar de los establecimientos españoles contra las rebeliones indígenas.” (RUEDA; MELO, 1996).

pois serviram de ponto de partida para as expedições de conquista ao interior deste território, em busca de riquezas naturais, que atravessaram todo século XVI. (IRABURU, s/d) Junto a isso estruturou-se o processo evangelizador por conta dos *franciscanos* e *dominicos* e, posteriormente, por conta dos *agustinos* e *jesuítas*.

Esta época resulta de grande importância para a contextualização do processo histórico com relação à violência, já que junto ao desespero pela obtenção de riquezas e à busca pelo *El Dorado*, por parte dos conquistadores, através da força física, a Igreja buscava impor sua doutrina religiosa às crenças dos indígenas, através da força moral, configurando o primeiro momento de relação de poder e violência instituídos pela Igreja neste território.

Além disso, a resistência por parte dos índios configura uma das primeiras manifestações de subversão frente a uma força organizadora o que, neste momento, estabelece uma luta entre duas partes. Posteriormente, esta luta entre duas partes se representa politicamente na formação das duas principais forças políticas colombianas, as quais consolidam um dos principais motivos do desenvolvimento da violência no país.

Depois de um longo período de expansão econômica, política e religiosa por parte da Coroa espanhola, se deu “a vitória dos conquistadores no continente indígena”, com a destruição dos principais grupos que povoavam este território. Assim, se estabeleceram “mecanismos utilizados pela Coroa espanhola no sentido de assegurar um ordenamento jurídico-político que otimizasse a exploração das terras conquistadas.” (WASSERMAN, 1996, p. 8) Entre estes mecanismos, destacamos o trabalho escravo na mineração e na agricultura, a relação metrópole-colônia e a formação da cidade como centro unificador e ordenador desta nova organização social, que:

Representava a cultura, era o local preferido para as relações sociais e econômicas e o cenário dos conflitos e dos acordos políticos [...] Por volta de 1600, praticamente todos os grandes centros urbanos da América Hispânica haviam sido fundados (SOCOLOW apud SOUZA, p. 96).

Com isso configura-se o primeiro momento histórico-estrutural citado por Mignolo, “a entrada da América na consciência europeia” e o começo de uma relação de dualidade, em que a diferença entre urbano e rural, rico e pobre, civilizado e bárbaro, estruturaram as formações sociais na Colômbia, na busca pelo domínio do território e pela obtenção do poder

¹⁹ Entre estas fundações podemos citar a de San Sebastian (1509), Santa María la Antigua de Darién (1509), Nombre de Dios (1510), Panamá (1519), Santa Marta (1525) e Cartagena de Indias (1533).

por parte de classes emergentes que começaram a luta pela independência. Assim, relataremos, cronologicamente, os fatos de maior relevância no processo de desenvolvimento político na Colômbia, que contribuíram para a situação de violência vivida até hoje.

Foram diversas as formas pelas quais se quis manter uma certa oposição frente à situação que se vivia nesse momento, mas foi a “Protesta Comunera” que deu início aos antecedentes das batalhas da Independência da Colômbia, que culminaram no final da segunda década do século XX. A “Protesta Comunera” aconteceu de 1781 a 1782, inicialmente na província de Socorro e se generalizou pelos atuais estados de Boyacá e Cundinamarca. Esta revolta buscava expulsar as autoridades espanholas para passar a eleger os representantes dos grupos locais (RUEDA; MELO, s/d).

Em seguida, a inspiração na Guerra da Independência dos Estados Unidos (1775-1783), na Independência do Haiti (1804) e na Revolução Francesa (1789-1799) levou diferentes setores sociais colombianos, em julho de 1810, cansados dos excessos da Coroa Espanhola, e aproveitando seu debilitado poder perante a França, a iniciarem o processo independentista que se estendeu por vários anos em diferentes províncias do país. Segundo Jiménez (2010), o trato político desigual, por parte dos espanhóis, a falta de confiança entre as autoridades do vice-reinado e as cabeças políticas mais notórias dos crioulos (aproveitando o ambiente autonomista do país) estabeleceram, em 20 de julho de 1810, a Junta de Santafé, provocando a destituição das autoridades vice-Reinais na capital e em várias das juntas de cada uma das províncias do país.

No entanto, a situação mais complicada surgiu depois do estabelecimento da incipiente independência, quando o vazio do poder deixado pelo vice-Rei deposto se converteu em um motivo de luta interna. Dada a quantidade de líderes surgida em cada uma das províncias do país, que acolheram seus interesses particulares, e o momento de caos que se vivia pelo recente movimento de independência, se converteu em um momento propício para o acontecimento da primeira guerra civil na Nueva Granada, a partir de 1812, por tentar resolver os problemas através da violência (PAREJA, 2011).

Nesta guerra civil, a luta entre centralistas e federalistas (1812-1815) teve como motivo principal a nova organização político-administrativa da Colômbia, ainda que na realidade tenha sido “em certa medida, uma briga de parentes, em que se mesclaram interesses econômicos e ressentimentos familiares [refletindo] seu fracasso, que se deveu à

carência de dotes necessários para criar novas instituições.”²⁰ (RIVERA, 2007, p. 110) Com a distração da guerra dos crioulos, recém independentizados, não se perceberam as intenções de reconquista por parte dos espanhóis, com os quais se havia evitado um derramamento de sangue maior.

A partir deste momento da história e com a chegada das batalhas de culminação da independência, o conflito armado começa a ser recorrente na história deste território. Em agosto de 1819, no Pantano de Vargas (Boyacá-Colômbia), o exército espanhol e o exército encabeçado por Simón Bolívar e respaldado por Francisco de Paula Santander empreenderam “a batalha mais selvagem e violenta da campanha libertadora, em que o único que impediu que se desse um fim às tropas espanholas foi a chegada da noite e o mau clima que entorpecia os trabalhos dos soldados”²¹ (DUQUE, 2011, p. 85).

Mas foi apenas em 7 de agosto de 1819 que aconteceu, de fato, a independência da Colômbia, quando Simón Bolívar e o exército patriota, seguindo as diretrizes da campanha libertadora, venceram nos campos de Boyacá o exército real espanhol, de José María Barreiro, cuja missão era reconquistar Bogotá e tornar efetivo o poder espanhol nas províncias de Santafé, Quito e Venezuela.

Durante o período compreendido entre a terceira década e parte das duas últimas do século XIX, aconteceram fatos importantes como a abolição da escravatura, a separação de Colômbia, Venezuela e Equador e a adoção do modelo federalista para o Estado colombiano. Todo anterior marcado por um contexto de guerras civis de menor importância, cujo objetivo final era a reorganização do país e a distribuição do poder entre os grupos políticos mais importantes.

No final do século XIX (1886-1899) se deu, na Colômbia, a chamada *Regeneración*, que se caracterizou, segundo Barrero (2011), por ser “uma etapa da vida nacional e regional bastante convulsionada, na qual a luta pelo poder e o estabelecimento de uma carta política que regesse a vida dos cidadãos colombianos era uma prioridade”.²² (p. 116) Neste momento,

²⁰ Do original: “en buena medida una pelea de parientes, en la que se mezclaron intereses económicos y rencillas familiares [reflejando] su fracaso, que se debió a que carecían de las dotes necesarias para crear nuevas instituciones” (RIVERA, 2007).

²¹ Do original: “la batalla más salvaje y violenta de la campaña libertadora donde lo único que impidió darle fin a las tropas españolas fue la llegada de la noche y el mal clima que entorpecían las labores de los soldados” (DUQUE, 2011).

²² Do original: “una etapa de la vida nacional y regional bastante convulsionada, donde la lucha por el poder y el establecimiento de una carta política que rigiera la vida de los ciudadanos colombianos era una prioridad”. (BARRERO, 2010).

Rafael Núñez, começou a traçar as linhas do que viria a ser a Constituição de 1886, com a qual se criou a República Colombiana (BARRERO, 2011).

Entretanto, foi durante esta mesma época da *Regeneración* que teve lugar a última guerra do século XIX e a primeira guerra do século XX, a Guerra dos Mil Dias. Segundo Jaramillo (2000), a crise interna dos partidos tradicionais, o Liberal e o Conservador e a deterioração da economia, especialmente por causa da redução internacional dos preços do café, causaram um descontentamento social e aumentaram a intolerância dos liberais, e parte dos conservadores, perante o governo.

Assim, no dia 17 de outubro de 1899 teve início a Guerra dos Mil Dias, na qual alguns integrantes do Partido Liberal enfrentaram o governo conservador de Manuel Antonio Sanclemente, pelas rápidas mudanças geradas pela alteração da Constituição e pelas inconformidades sociais já mencionadas. Desta forma, se enfrentaram durante 1130 dias, em diferentes regiões do país, os exércitos de cada um dos partidos, Liberal e Conservador, em que se viveu, ainda, um golpe de Estado, rebeliões e levantes, nos quais os combatentes se organizaram em forma de guerrilhas.

Mas foi apenas nos anos subsequentes do século XX que, conforme Fals Borda, descobriu-se “o efeito apocalíptico da Guerra dos Mil Dias, seguida pela intervenção norte-americana, em 1903, que culminou na secessão do Panamá, e fez despertar o país à realidade de que, em efeito, se estava andando em uma nova ordem social”²³ (2008, p. 155).

Entrando no século XX, com a derrota do Partido Liberal na Guerra dos Mil Dias, teve início a hegemonia conservadora, que manteria na presidência os representantes do Partido Conservador desde 1910 até 1930. Durante este período houve grandes mudanças socioeconômicas como, por exemplo, o crescimento das exportações de café (CARBÓ, 2012). Entretanto, a prosperidade e o auge econômico deste momento histórico da Colômbia não significaram uma dignificação das condições dos trabalhadores, como demonstra o comentário de Fals Borda:

Isso convidou, eventualmente, a uma reação dos operários. Uma primeira greve dos trabalhadores do petróleo empregados pela *Tropical Oil Company*, em

²³ Do original: “El efecto apocalíptico de la ‘Guerra de los mil días’, seguida por la intervención norteamericana en 1903 que culminó en la secesión de Panamá, e hizo despertar al país a la realidad de que, en efecto, se estaba andando en un nuevo orden social.” (FALS BORDA, 2008).

Barrancabermeja, é reprimida em 1927, e são mortos seus promotores. Um massacre pior ocorreu no final de 1928, na zona bananeira de Santa Marta²⁴ (2008, p. 164).

Esse massacre foi em função da Greve Bananeira, em que o general do exército, Carlos Cortés Vargas, em meio a um ambiente de negociação, deu ordem a mais de 300 de seus homens para cercar os grevistas e abrir fogo, resultando na morte de cerca de 3000 pessoas²⁵ (CARBÓ, 2003).

Depois dos múltiplos levantes populares posteriores ao massacre, durante a época da *Hegemonia Conservadora*, era quase impossível negar que a Colômbia estava sob um regime governamental repressivo e, aproveitando a falta de popularidade do partido que se encontrava na presidência, surgiram vozes de oposição, como a do congressista liberal Jorge Eliécer Gaitán, que “lançou acusações contra o exército, em que assinalou que este não atuou para proteger os interesses colombianos, mas sim os dos Estados Unidos”²⁶ (CARBÓ, 2012, p. 10).

Com a chegada ao poder do Partido Liberal, tampouco melhorou a situação do setor rural na Colômbia. Este partido era dividido internamente em oficialismo e populismo, representado por Jorge Eliécer Gaitán, que propôs diversas reformas de distribuição da terra e mais direitos para os camponeses, operários e trabalhadores das classes mais baixas (ANDRADE, 2002).

Dessa forma, até a metade do século XX, a Colômbia viveu mudanças bruscas na sua situação política, econômica e social. O surgimento de Jorge Eliécer Gaitán, como promessa da política nacional, significou a esperança de uma mudança real no panorama extremamente pobre do campesinato colombiano destacando-se sua “vontade de introduzir a moral na política” e “a desconfiança com respeito à democracia ‘individualista’ [...]”²⁷ (ANDRADE, 2002, p. 61). Ainda segundo Andrade havia, também, o grupo governamental com a pretensão de aniquilar as reivindicações dos camponeses, a pequena burguesia urbana e proletária,

²⁴ Do original: “Esto invitó eventualmente a una reacción obrera. Una primera huelga de los trabajadores del petróleo empleados por la Tropical Oil Company, en Barrancabermeja, es reprimida en 1927 y son muertos sus promotores. Una masacre peor ocurrió a fines de 1928 en la zona bananera de Santa Marta.” (FALS BORDA, 2008).

²⁵ Algumas fontes não oficiais informam que o número de mortos chegou a 5.000.

²⁶ Do original: “lanzó acusaciones contra el ejército en donde señaló que éste no actuó para proteger los intereses colombianos sino los de los Estados Unidos.” (CARBÓ, 2012).

²⁷ Do original: “voluntad de introducir la moral en la política, la desconfianza con respecto a la democracia ‘individualista’ [...]”. (ANDRADE, 2002)

resultando na formação de organizações armadas gerenciadas pela ala conservadora e pela própria polícia, que se encarregava de controlar e reprimir a população.

Com a possibilidade de vitória de Gaitán na campanha presidencial, as elites da direita colombiana preocuparam-se ao ver seus interesses ameaçados (FALS BORDA, 2008). Mas esta preocupação não durou muito, pois em 9 de abril de 1948, no centro da cidade de Bogotá, foi assassinado o líder liberal Jorge Eliécer Gaitán, o que se converteu em um catalisador para uma reação violenta das massas perante a injustiça de seus governantes, denominada *Bogotazo*, fato que ressaltou e praticamente inaugurou a parte da história da Colômbia conhecida como *La Violencia*.

Os ânimos alterados dos Liberais e Conservadores, devido à incerteza no campo político e ao descontentamento social generalizado, os conduziu a garantir sua sobrevivência, criando os primeiros aparatos repressivos organizados, paralelos ao Estado, desta forma, “a entrada em cena de ‘Los Chulavitas’, e de grupos paramilitares como ‘Los Pájaros’, ‘Los Aplanchadores’ e ‘Los Penca Ancha’, longe de ser úteis a um Estado carente de legalidade, evidenciaram sua decomposição”²⁸ (ANDRADE, 2002, p. 63).

Enquanto o país padecia nas mãos dos membros armados de ambos os partidos tradicionais e de outros que foram aderindo à sua causa, em 1953, em meio ao ambiente violento que respirava a Colômbia, aconteceu o golpe de Estado por parte do exército colombiano, comandado pelo General Gustavo Rojas Pinilla. Não foi considerado um golpe violento, pois sua pretensão era, segundo Andrade, “um programa de paz e anistia, conseguindo de imediato o apoio das classes dominantes e dominadas. [...] Rojas ganhou a confiança do país ao impor às guerrilhas uma paz memorável”²⁹ (2002, p. 67).

Os principais dirigentes dos partidos, Liberal e Conservador, no entanto, faziam oposição à ditadura de Rojas Pinilla, que não conseguiu permanecer no poder (HENDERSON, 2006). Enquanto isso, as guerrilhas, que no momento anterior haviam seguido os preceitos que as caracterizavam segundo seu partido, Liberal ou Conservador, foram, conforme explicam Santos e Villegas (2001), transformando-se em bandos que

²⁸ Do original: “la entrada en escena de ‘Los Chulavitas’, y de grupos paramilitares como ‘Los Pájaros’, ‘Los Aplanchadores’ y ‘Los Penca Ancha’, lejos de ser utiles a un Estado carente de legalidad evidenciaron su descomposición” (ANDRADE, 2002).

²⁹ “un programa de paz y amnistía, logrando de inmediato el apoyo de las clases dominantes y dominadas. [...] Rojas ganó la confianzas del país al imponer a las guerrillas una paz memorable” (ANDRADE, 2002).

ameaçavam a unidade do sistema social, assim como os privilégios das elites dominantes, além de ameaçar a autoridade e o aparato de segurança estatal.

Os Liberais e Conservadores chegaram, então, a um acordo que consistia em uma coligação dos dois partidos políticos, a Frente Nacional (ANDRADE, 2002). Não houve, no entanto, nos dezesseis anos que durou a coligação, uma real reconciliação entre Liberais e Conservadores, mas sim uma delimitação imposta ao processo democrático, que fechou a oportunidade a novas opções, causando a despolitização da sociedade colombiana que, em busca de diversidade, não conseguia enfrentar o sistema imposto.

Assim, a impossibilidade de outros grupos, sobretudo de esquerda, de entrar no debate político, as sequelas da época de *La Violencia*, a influência internacional dos movimentos sociais a favor dos direitos humanos e da igualdade, e a explosão da Revolução Cubana foram os fatos que incentivaram a formação dos grupos guerrilheiros mais modernos que se consolidaram na cena nacional desde meados dos anos sessenta.

O primeiro dos grupos a ser considerado são as Forças Revolucionárias Armadas da Colômbia (FARC), que surgiram em 1964, no departamento de Tolima, onde havia os principais conflitos por motivos agrários. Lá se organizaram as zonas conhecidas como Marquetalia, Guayabero e Riochiquito, que depois foram chamadas Repúblicas Independentes, “onde os camponeses se organizavam, cultivavam sua terra e a defendiam com armas. Esta organização auto-gerida de produção e defesa dava aos camponeses a segurança que o Estado não lhes proporcionava”³⁰ (MEDINA; RAMÓN, 2002, p. 26). Assim, no início, as FARC orientavam suas ações para a defesa dos camponeses mas, já nos anos 1970, se consolidaram como braço armado do Partido Comunista, atuando em duplo sentido, no bélico e no político (ANDRADE, 2002).

De uma forma diferente, porém quase na mesma época em que as FARC nasceram como grupo armado, na região de Santander formou-se o Exército de Liberação Nacional (ELN), cujos líderes foram principalmente estudantes universitários influenciados pela Revolução Cubana em associação com camponeses da região de Santander (ANDRADE, 2002). Sua primeira manifestação militar como guerrilha se deu em janeiro de 1965, com a famosa Tomada de Simacota, na qual nasceu o Manifesto de Simacota, que consagrava a luta

³⁰ Do original: “...donde los campesinos se organizaban, la cultivaban y la defendían con armas. Esta organización autogestionaria de producción y defensa les daba a los campesinos la seguridad que no les proporcionaba el Estado...” (MEDINA; RAMÓN)

armada e revolucionária em protesto contra a dominação de um pequeno grupo de oligarquias que exploravam o povo, seus bens e recursos naturais.

Desde seu nascimento e até o final dos anos 1970, as FARC cresceram relativamente pouco e não conseguiram aumentar a quantidade e a qualidade de seus ataques. No entanto, a partir da década de 80, não só as FARC, mas também o ELN, começaram a adquirir maior notoriedade e seu número de efetivos passou, segundo Cadavid, (s/d) de “1.840 homens e 15 frentes de guerra, a 17.000 integrantes e 108 frentes, nos finais dos anos 90. O ELN, durante o mesmo período, passou de 70 homens e 3 frentes a cerca de 3.500 homens e 30 frentes.”³¹ (s/p) Sua expansão territorial também foi muito significativa, chegando a ter a presença guerrilheira em 600 dos 1.123 municípios que se encontram registrados no Departamento Administrativo Nacional de Estatística (DANE).

Foi justamente nesta época do despertar da consciência social, não só na Colômbia, mas em várias partes do mundo, e em um contexto de Guerra Fria, que apareceram, pela primeira vez, as guerrilhas urbanas. A mais representativa destas foi a do movimento 19 de Abril (M-19), surgida em 1973 (Andrade, 2002).

O M-19 constituiu-se em uma guerrilha metodicamente pensada para impressionar, promovendo ações como o furto da espada de Simón Bolívar no centro de Bogotá, no início de 1974; o furto de armas do Cantón Norte do exército, em 31 de dezembro de 1978; a tomada da embaixada da República Dominicana, em fevereiro de 1980. Esta última significou um forte golpe para seus efetivos nas cidades, implicando na sua retirada até a zona rural montanhosa de Cundinamarca. O M-19, nascido na cidade e preparado para atuar como guerrilha urbana, viu debilitada sua posição por não conhecer as zonas rurais, o que fez com que sofressem muitas baixas, vendo dizimado seu pessoal de ataque. Mesmo assim,

depois da entrada triunfal na cena política, o M-19 conquistava crescentes simpatias na Colômbia e no estrangeiro, da mesma forma que todo movimento guerrilheiro. Suas ações espetaculares haviam criado uma aura de heroísmo e uma difusa simpatia em amplos setores da população nacional³² (ANDRADE, 2002, p. 157).

³¹ Do original: “1840 hombres y 15 frentes de guerra, a 17000 integrantes y 108 frentes, para finales de los años 90. El ELN durante el mismo tiempo paso de 70 hombres y 3 frentes a cerca de 3500 hombres y 30 frentes.” (CADAVID, s/d).

³² Do original: “Después de la entrada triunfal a la escena política, el M-19 conquistaba crecientes simpatías en Colombia y en el extranjero, al igual que todo el movimiento guerrillero. Sus acciones espectaculares le habían creado un halo de heroísmo y una difusa simpatía en amplios sectores de la población nacional.” (ANDRADE, 2002).

Entretanto, em 1981, o M-19 deu um golpe que ressaltou o já existente problema do narcotráfico na Colômbia: o sequestro de Marta Nieves Ochoa, irmã dos “Irmãos Ochoa”, sócios de Pablo Escobar. Este fato levou à organização, pelos traficantes, de um exército particular denominado MAS (Morte aos Sequestradores), que se encarregou de exterminar os membros do M-19.

Sobre a questão do narcotráfico, é válido esclarecer que desde os anos 60 este tema, na Colômbia, acarretou na proximidade das relações de cooperação e ajuda provenientes dos Estados Unidos. Nesta mesma época, o presidente americano John Kennedy anunciou o projeto de Corpos de Paz, que consistia na contenção do comunismo nos países do sul. Assim, os membros deste projeto “além de suas atividades, [...] provaram a maconha [...] e se tornaram adictos e pequenos traficantes, dando origem às primeiras redes de distribuição manejadas por norte-americanos”³³ (ANDRADE, 2002, p. 95). Este desvio do propósito do projeto Corpos de Paz teve como resultado a “bonanza marimbera”³⁴ que, como explica Puente, foi

uma economia agrária de ciclo curto que abriu as portas ao mercado da cocaína e da heroína na Colômbia. Os voluntários norte-americanos descobriram as qualidades da maconha da Serra Nevada de Santa Marta, e converteram-se em traficantes menores de um negócio que posteriormente seria manejado pela máfia norte-americana com a colaboração de traficantes colombianos³⁵ (2008, p. 1).

Em consequência, no norte da Colômbia ampliou-se o negócio dos cultivos ilícitos, nos departamentos de Cesar, Guajira e Magdalena, pois o cultivo do algodão não estava rendendo o suficiente para a subsistência de seus proprietários, enquanto que “os agricultores que cultivavam maconha e os salários dos trabalhadores deste campo se multiplicavam por seis”³⁶ (PUENTE, 2008, p. 1), com o incremento do tráfico para os Estados Unidos.

³³ Do original: “además de sus actividades, [...] probaron la mariguana [...] e se volvieron adictos y traficantes al menudeo, dando origen a las primeras redes de distribución manejadas por norteamericanos. (ANDRADE, 2002, p. 95).

³⁴ Segundo Andrade, termo coloquial utilizado para referir-se à maconha (2002, p. 95).

³⁵ Do original: “una economía agraria de ciclo corto que le abrió las puertas al mercado de la cocaína y la heroína en Colombia. Los voluntarios norteamericanos descubrieron las cualidades de la marihuana de la Sierra Nevada de Santa Marta y se convirtieron en traficantes menores de un negocio que posteriormente sería manejado por la mafia norteamericana con la colaboración de traficantes colombianos.” (PUENTE, 2008).

³⁶ Do original: “los agricultores que cultivaban marihuana y los salarios de los trabajadores de este campo se multiplicaban por seis.” (PUENTE, 2008).

Não obstante, durante o governo de Alfonso López Michelsen, a chamada “ventanilla siniestra” do Banco da República proporcionou indiretamente um grande respaldo aos traficantes de droga, que puderam lavar e legalizar suas fortunas (ANDRADE, 2002). A “ventanilla siniestra” consistiu, como explica Puente, em um

mecanismo do Banco da República de trocar dólares por pesos sem levar em conta a origem deste dinheiro. Com esta prática o Estado institucionalizou a lavagem de dólares, produto das exportações de maconha, mas também do contrabando e, inclusive, da cocaína³⁷ (2008, p. 2).

A duração da “bonanza marimbera” foi curta, de 1975 a 1985, pois nos Estados Unidos houve melhora na qualidade dos cultivos da maconha, diminuindo o tráfico com a Colômbia. Além disso, os distribuidores e cultivadores colombianos não tinham o controle sobre um negócio de tamanho volume, e menos ainda sobre as rotas de circulação de droga na América do Norte e ainda, desde essa época, já havia começado a conhecida luta contra as drogas, que impediu a expansão do negócio da maconha na Colômbia.

Nos anos 70, os nascentes cartéis da droga, Cartel de Medellín e Cartel de Cali, perceberam o futuro pouco exitoso da maconha e, em meados de 1980, conseguiram diversificar o negócio, concentrando-se mais na cocaína, e buscando alianças com grupos guerrilheiros como as FARC e o M-19, para cuidar dos laboratórios processadores da droga. Os laços entre estas duas cadeias criminais se debilitaram devido aos ataques gerados por grupos de guerrilheiros que afetavam diretamente os interesses pessoais dos cartéis (caso do sequestro de Martha Nieves Ochoa por parte do M-19) ou interesses econômicos (caso da tomada de um laboratório de cocaína de propriedade de Gonzalo Rodríguez Gacha, do Cartel de Medellín, por parte de subversivos das FARC). Assim, os cartéis da droga se viram obrigados a organizar grupos de defesa que lutavam contra quem ameaçava seu negócio, como os fazendeiros de gado, muitos deles ameaçados para que vendessem suas terras à guerrilha (ANDRADE, 2002).

O crescente negócio do narcotráfico de maconha e cocaína, além da busca de diferentes setores sociais que não simpatizavam com os guerrilheiros e com os conhecidos como marginais, foram, entre outros, os motivos que estimularam a organização e multiplicação de grupos paramilitares e o fenômeno do “sicariato” em diferentes zonas do

³⁷ Do original: “Un mecanismo que permitió al Banco [de la República] cambiar dólares por pesos sin tener en cuenta el origen de este dinero. Con esta práctica el Estado institucionalizó el lavado de dólares producto de las exportaciones de marihuana, pero también del contrabando e incluso de la cocaína.” (PUENTE, 2008).

país, como Tolima, Boyacá, Urabá, a zona cafeeira colombiana (Medellín, Manizales, Armenia, Pereira), Cali, entre outros centros urbanos e zonas rurais de importância, tanto para os latifundiários direitistas, como para aqueles que promoviam os cultivos ilícitos. Desta forma, Andrade explica que

em meados da década de 1980, os irmãos Fidel e Carlos Castaño, proprietários de terras e traficantes de drogas de Córdoba, criaram sua própria estrutura paramilitar, as Autodefesas Unidas de Córdoba e Urabá (grupo que até nossos dias segue ativo – denomina-se Autodefesas Unidas da Colômbia – e impede, entre outros aspectos, as negociações de paz)³⁸ (ANDRADE, 2002).

Nos anos 80, o governo de Belisario Betancur utilizou as negociações de paz como proposta para chegar à presidência. Mas eram vagas as aproximações com os diferentes grupos à margem da lei, e as negociações eram, de certo ponto, “ambíguas, e formulavam distintas exigências ao governo. Não envolvia nenhuma entrega de armas por parte dos guerrilheiros, ao mesmo tempo em que lhes conferia os benefícios de uma anistia parcial.”³⁹ (ANDRADE, 2002, p. 163) Deste modo, não seria possível alcançar uma paz verdadeira, pois o que se via era uma competição entre os grupos guerrilheiros para conseguir mais vantagens em suas tréguas e acordos firmados com o Estado. Assim, foi rompido todo tipo de pacto de paz com o governo, e em 6 de novembro de 1985, conforme narra Andrade,

35 membros do M-19 invadiram o Palácio de Justiça e tomaram como reféns mais de 200 pessoas. Os guerrilheiros solicitavam a publicação das atas da Comissão de Verificação, o texto dos acordos da trégua e uma demanda para que o país julgasse o governo por violar a vontade da paz nacional⁴⁰ (ANDRADE, 2002, p. 165).

A década de 80 foi, então, uma época muito agitada e de bastantes transformações sociais na Colômbia, visto a degradação do conflito armado, a incorporação de novos grupos no eixo da violência e o protagonismo do narcotráfico na cena nacional. Entre estas novas formas de violência destacou-se a figura do sicário, no ocidente do país, sobretudo em cidades como Medellín e Cali, onde “sequestradores, contrabandistas e incipientes traficantes de

³⁸ Do original: “A mediados de la década de los 1980, los hermanos Fidel y Carlos Castaño, terratenientes y narcotraficantes de Córdoba, crearon su propia estructura paramilitar, las Autodefensas Unidas de Córdoba y Urabá (grupo que hasta nuestros días sigue activo –se denomina Autodefensas Unidas de Colombia- e impide, entre otros aspectos, las negociaciones de paz)” (ANDRADE, 2002).

³⁹ Do original: “ambiguos y formulaban distintas exigencias al gobierno. No implicaban ninguna entrega de las armas por parte de los guerrilleros, al mismo tiempo que se les confería los beneficios de una amnistía parcial.” (ANDRADE, 2002).

⁴⁰ “El 6 de noviembre de 1985, 35 miembros del M-19 entraron en el [Palacio de Justicia] y tomaron como rehenes a más de 200 personas... Los guerrilleros solicitaban la publicación de las actas de la Comisión de Verificación, el texto de los acuerdos de la tregua y...una demanda para que el país juzgará al gobierno por haber violado la voluntad de la paz nacional” (ANDRADE, 2002).

maconha e cocaína [...] conformaram o moderno sicariato, associado ao cartel de Medellín e aos grupos de limpeza social, unidos ao cartel de Cali.”⁴¹ (ANDRADE, 2002, p. 184).

A questão do sicariato ligado ao narcotráfico tem relação direta com o contexto de vulnerabilidade social, abandono e incapacidade do Estado para controlar e exercer o monopólio da força no país. Dessa forma, uma característica própria do sicário é que geralmente é “um jovem assassino por dinheiro”⁴² (ANDRADE, 2002, p. 184) e seus “trabalhos” se desenvolvem em torno de “ajustes de contas entre mafiosos, das atividades próprias da delinquência comum, vinganças e “punições” efetuadas pelas forças policiais do Estado”⁴³ (ANDRADE, 2002, p. 186).

Outro acontecimento relevante foi a criação da União Patriótica (UP), em 1985, com decisão de participar ativamente como grupo político junto a outros partidos e movimentos democráticos de esquerda. Ao mesmo tempo, as FARC anunciaram que se manteriam como organização armada (ANDRADE, 2002). O nascimento deste movimento político se deu como resultado de acordos de paz entre o governo de Belisario Betancur e a guerrilha das FARC e,

foi a fórmula para consolidar um processo de paz enquanto o movimento guerrilheiro optou por uma saída política para o conflito armado. Entretanto, o experimento terminou com o extermínio físico e político do movimento, alguns assassinados, outros exilados e ameaçados, e mais duas décadas de violência na Colômbia⁴⁴ (VERDAD ABIERTA, s/d, s/p).

O extermínio progressivo dos militantes da UP deveu-se à desconfiança de diferentes setores colombianos em que a guerrilha teve a vontade de buscar a paz através da luta apenas no campo político. Ao mesmo tempo, a guerrilha das FARC não abandonou as armas cumprindo, assim, com seu preceito de combinação de todas as formas de luta para a liberação nacional. Deste modo continuava militando dentro da lei, que abrigava o grupo como ator político com voz e decisão na arena pública. Mas que ao mesmo tempo se projetava como grupo guerrilheiro à margem da lei, sendo usado por paramilitares, facções militares e

⁴¹ Do original: “secuestradores, contrabandistas e incipientes traficantes de marihuana y cocaína... conformaron el moderno sicariato, asociado al cártel de Medellín y los grupos de limpieza social unidos al cártel de Cali.” (ANDRADE, 2002).

⁴² Do original: “un joven asesino a sueldo.” (ANDRADE, 2002).

⁴³ Do original: “...ajustes de cuentas entre mafiosos, de las actividades propias de la delincuencia común, venganzas y ‘escarmientos’ efectuados por las fuerzas policiales del Estado.” (ANDRADE, 2002)

⁴⁴ Do original: Fue la fórmula para consolidar un proceso de paz y a la vez para que el movimiento guerrillero optara por una salida política al conflicto armado. Sin embargo, el experimento terminó con el exterminio físico y político del movimiento, unos asesinados, otros exiliados y amenazados, y dos décadas más de violencia en Colombia.” (VERDAD ABIERTA, s/d).

até mesmo o governo, Belisario Betancur e associações de extrema direita, como justificativa de perseguição contra a União Patriótica. Desta forma, a UP sentiu necessidade de diferenciar-se do movimento guerrilheiro (ANDRADE, 2002). Porém, isto não foi suficiente para deter a chamada *guerra suja* que, além de prejudicar militantes da UP, terminou com a vida de políticos de partidos tradicionais como o candidato à presidência Luis Carlos Gaitán e o Ministro de Defesa, Rodrigo Lara Bonilla, por suas denúncias contra o narcotráfico e seu apoio aberto à extradição de traficantes de drogas. Segundo Andrade (2002), a situação na Colômbia complicou-se ainda mais com a legalização dos grupos paramilitares e esquadrões da morte, disfarçados com nomes como Associações de Defesa Rural e Convivir, por exemplo, que contaram com o apoio governamental direto e indireto. Com isso, ao invés de,

limpar o terreno para uma saída viável em direção à paz, se põem obstáculos para impedi-la. De alguma maneira estariam sendo criadas as condições para substituir os grupos ilegais por outros legais e assim continuar o controle e o extermínio social sobretudo no campo, onde a questão da terra [...] segue sendo um tema delicado que ainda não é tratado com a seriedade pertinente e que conforta interesses diversos⁴⁵ (ANDRADE, 2002).

Transversalmente ao problema da violência, o fenômeno do narcotráfico não se deteve na Colômbia, e foi então, durante a convulsionada década de 80 e o início dos anos 90 que os narcotraficantes do Cartel de Medellín empregaram suas forças armadas, pressionando o governo, para que não permitisse a extradição dos narcotraficantes, dentro de um contexto de luta para modificar as leis e, ao mesmo tempo, junto ao início da “guerra contra as drogas”, apoiada pelos Estados Unidos (ANDRADE, 2002).

Foi essa declaração de guerra que acarretou reformas políticas relacionadas com a extradição e a busca da aprovação dos Estados Unidos, além de novas alianças e formas de violência generalizada e dirigida abertamente à classe política que apoiava o tratado de extradição com os Estados Unidos. A influência dos narcotraficantes, no entanto, era evidente, pois financiavam campanhas eleitorais e tinham relações estreitas com políticos, conseguindo conformar no Congresso da República, diversos grupos para promover a não extradição.

⁴⁵ “...de despejar el terreno para una salida viable hacia la paz, se ponen obstáculos para impedirla. De alguna manera se estarían creando las condiciones para sustituir a los grupos ilegales por otros legales y así continuar con el control y el exterminio social (y de aquellos que representen una amenaza al orden), sobre todo en el campo, donde la cuestión de la tierra...sigue siendo un tema delicado que aún no es tratado con la seriedad pertinente y que conforta intereses diversos” (ANDRADE, 2002).

O reflexo da debilidade e corrupção do sistema colombiano se deu nos diálogos entre o governo e os narcotraficantes, quando estes conseguiram facilidades e concessões, como “a não extradição, redução de penas, cárceres de luxo e respeito a seus negócios de fachada e propriedades”⁴⁶ (ANDRADE, 2002, p. 220).

O chefe do Cartel de Medellín, Pablo Escobar Gaviria, travou uma guerra desde o Estado e contra o Estado a fim de evitar a extradição, legalizar seu negócio e conseguir a aceitação perante a sociedade colombiana. Mas foi justamente a sua exposição à vida pública, a pouca lealdade dos marginais da lei com os quais pactuava e uma pressão entre o Governo e agências de segurança dos Estados Unidos e Colômbia, além do trabalho conjunto de organizações paramilitares, o que permitiu a captura de Pablo Escobar. Em 1991, Pablo Escobar já sabia que a tranquilidade de seu negócio estava ameaçada, pois as diferentes reformas, decretos e debates em torno da extradição de narcotraficantes começaram a perturbar sua tranquilidade e a alterar os ânimos de quem participava de sua cadeia de negócios.

Com a política de redução de penas aos narcotraficantes e seus aliados, em troca de colaboração com a justiça, implementada pelo governo de César Gaviria (1991-1994) aconteceu que “os [narcotraficantes] fugitivos se entregaram às autoridades, foram capturados ou morreram em enfrentamentos com as autoridades, sendo seu maior êxito a morte de Pablo Escobar, em 2 de dezembro de 1993”⁴⁷ (SANTOS; VILLEGAS, 2001, p. 384). Mas, com a figura do “chefe de chefes” do narcotráfico morta ganhou força “o narcoterrorismo, mediante a matança de policiais em Medellín e dos graves atentados à bomba em Bogotá e Medellín (SANTOS; VILLEGAS, 2001). O narrador Fernando, em *La Virgen de los Sicarios*, narra a captura de Pablo Escobar, revelando ironicamente sua relação do narcotráfico com o Estado:

Essa originalidade que temos como presidente construiu para o Sumo Pontífice, ou capo dos capos, ou grande capo, para protegê-lo dos inimigos, os outros capos, uma fortaleza com seteiras chamada A Catedral, e pagou, com dinheiro público (ou seja, seu e meu, que suamos para ganhá-lo), para que um batalhão de guardas do povoado de Envigado que o grande capo escolheu cuidasse dela. [...] Um dia, farto da Catedral e de jogar futebol com três cupinchas no pátio, o grande capo foi saindo com suas próprias perninhas, deixando seu batalhão a ver navios. E o perderam por um ano e meio, durante o qual o papagaio falante [o presidente] ofereceu, pela televisão, a quem o encontrasse uma recompensa em dólares, em notas verdes, dessas que aqui fabricamos ou lavamos, recompensa imensa, como a da revista

⁴⁶ Do original: “no a la extradición, rebaja de penas, cárceles de lujo y respeto a sus negocios fachada y propiedades” (ANDRADE, 2002).

⁴⁷ Do original: “...los [narcotraficantes] fugitivos se entregaran a las autoridades, fueran capturados, o murieran en enfrentamientos con las autoridades, siendo su mayor éxito la muerte de Pablo Escobar el 2 de diciembre de 1993” (SANTOS; VILLEGAS, 2001).

Forbes, e pôs vinte e cinco mil soldados para procurá-lo em tudo quanto era buraco que havia, menos nos do palácio de Nariño, onde ele vive. Eu dizia que ele estava ali, malocado, num esconderijo qualquer. Mas não: estava pertinho da minha casa. Dos terraços do meu apartamento ouvi os tiros: ta-ta-ta-ta-tá. Dopis minutos de rajadas de metralhadora, e pronto, acabou-se, don Pablo desabou junto com seu mito⁴⁸ (VALLEJO, 2006, p. 56).

Com o enfraquecimento do Cartel de Medellín, em 1994, no início da administração de Ernesto Samper, o Cartel de Cali fez sua entrada triunfal, não só nos negócios relacionados com o tráfico de drogas, mas também com o “escândalo pela apresentação de evidências em que constava que a campanha eleitoral presidencial de Ernesto Samper, a qual havia sido financiada com dinheiro do narcotráfico”⁴⁹ (ANDRADE, 2002).

Apesar da forte interferência e da pressão dos Estados Unidos para obter resultados favoráveis na luta contra as drogas na Colômbia e, sobretudo, a captura dos chefes do Cartel de Medellín, além da crise de credibilidade do governo Samper pela lavagem de dinheiro do narcotráfico, durante essa administração:

a legislação contra o tráfico de drogas se endureceu, pois não apenas aprovaram-se leis que incrementaram as penas para estes delitos mas também [...] adiantou-se uma das maiores campanhas de extermínio de cultivos ilícitos mais severas em toda história colombiana⁵⁰ (SANTOS; VILLEGAS, 2001, p. 388).

A corrupção e o enfrentamento entre diferentes órgãos estatais, além da evidente corrupção do sistema legislativo, executivo e judiciário colombiano, foram a base da justificação do governo estadunidense para considerar como insuficiente a colaboração do governo da Colômbia na luta contra as drogas, chegando ao ponto em que, em 11 de julho de 1996, foi retirado o visto americano do presidente Samper, a fim de pressionar o governo colombiano a fortalecer a luta contra o narcotráfico (ANDRADE, 2002).

⁴⁸ Do original: “Al Sumo Pontífice o capo de los capos o gran capo, para protegerlo de sus enemigos, los otros capos, esta ocurrencia que tenemos de presidente le construyó una fortaleza con almenas llamada La Catedral, y pagó para que lo cuidaran, con dinero público (o sea tuyo y mío, que lo sudamos), un batallón de guardias del pueblo de Envigado que el gran capo escogió [...] Un día, harto de la catedral y de jugar fútbol con tres compinches en el patio, con sus propias patitas el gran capo fue saliendo, dejando a su batallón comiendo pollo. Y se les perdió año y medio durante el cual el lorito gárrulo ofreció para el que lo encontrara, por televisión, una recompensa en dólares, en billete verde de los que aquí fabricamos o lavamos, grandísima, como de la revista Forbes, y puso veinticinco mil soldados a buscarlo por cuanto hueco había, menos en los del Palacio de Nariño donde él vive. Yo decía que estaba allí, encaletado, en cualquier resquicio del presupuesto. Pero no: estaba a la vuelta de mi casa. Desde las terrazas de mi apartamento oí los tiros: tatatatá. Dos minutos de ráfagas de metralleta y ya, listo, don Pablo se desplomó con su mito” (VALLEJO, 2002, p. 60).

⁴⁹ Do original: “...escândalo por la presentación de evidencias donde constaba que la campaña electoral presidencial de Ernesto Samper había sido financiada con dinero del narcotráfico” (ANDRADE, 2002).

⁵⁰ Do original: “...la legislación contra el tráfico de drogas se endureció, pues no sólo se aprobaron leyes que incrementaron las penas para estos delitos sino que, además... se adelantó una de las campañas de fumigación más grande de cultivos ilícitos más severas en toda la historia colombiana” (SANTOS; VILLEGAS, 2001).

Apesar de todas as tentativas de combate ao narcotráfico, o período governado por Samper caracterizou-se por um fortalecimento político-militar das FARC. Com uma debilitada figura do Estado e um desgaste na imagem internacional da Colômbia, manifesta-se a crise generalizada no país, refletindo no:

avanço dos grupos armados ilegais, sobretudo das FARC e dos paramilitares. As primeiras obtiveram os maiores triunfos militares de sua história, entre 1996 e 1998, enquanto que no final de 1997 organizaram-se as Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC), a primeira força paramilitar de alcance nacional, o que aumentou o número e o alcance das operações dos exércitos ilegais antiguerreiros⁵¹ (INSTITUTO DE ESTUDIOS POLÍTICOS Y ASUNTOS INTERNACIONALES, 2006).

Para finalizar suas ações no governo Samper, as FARC atacaram três bases militares e mais de duzentos e trinta oficiais, soldados e policiais foram feitos prisioneiros de guerra e, assim, as FARC se preparavam para tratar com o novo presidente: Andrés Pastrana.

O governo de Andrés Pastrana (1998-2002) teve seu início marcado pela desolação de um país assolado pela corrupção, pela violência e pelo narcotráfico, em uma intensa crise econômica e social e com o orgulho nacional afetado e ferido pela má imagem internacional. Assim, o novo chefe de governo, adotou a estratégia do diálogo com a guerrilha das FARC e buscou apoio militar e financeiro no exterior. Desta forma,

a administração dos Estados Unidos – com o aval do governo Pastrana – introduziu modificações centrais no Plano Colômbia, o qual passou de uma ferramenta para a negociação com as guerrilhas, a uma ferramenta para fortalecer o compromisso militar da Colômbia contra as drogas e, indiretamente, contra a subversão⁵² (INSTITUTO DE ESTUDIOS POLÍTICOS Y ASUNTOS INTERNACIONALES, 2006).

Desde sua campanha presidencial, Andrés Pastrana manteve contato com membros do alto escalão das FARC, com tentativas de diálogos de paz para dar lugar a um cessar fogo e, eventualmente, ao fim do conflito. Mas o grupo guerrilheiro solicitou a evacuação de uma região do departamento de Caquetá, zona estratégica na qual as FARC haviam constituído sua base, mantendo-se protegidas dos ataques do exército e dos enfrentamentos dos paramilitares.

⁵¹ Do original: “avance e los grupos armados ilegales, sobre todo de las Farc y los paramilitares. Las primeras obtuvieron los mayores triunfos militares de su historia entre 1996 y 1998, mientras que a fines de 1997 se organizaron las Autodefensas Unidas de Colombia (AUC), la primera fuerza paramilitar de alcance nacional, lo que aumentó el número y alcance de las operaciones de los ejércitos ilegales antiguerreiros” (INSTITUTO DE ESTUDIOS POLÍTICOS Y ASUNTOS INTERNACIONALES, 2006).

⁵² Do original: “La administración estadounidense –con el aval del gobierno Pastrana- le introdujo modificaciones centrales al Plan Colombia, el cual pasó de ser una herramienta para la negociación con las guerrillas, a fortalecer el compromiso militar de Colombia contra las drogas e, indirectamente, contra las subversión” (INSTITUTO DE ESTUDIOS POLÍTICOS Y ASUNTOS INTERNACIONALES, 2006).

Além da desmilitarização de uma zona do país, conseguiram a libertação de dois porta-vozes do ELN, e mesmo assim, “tanto as FARC como o ELN anunciaram que o processo de paz não implicava na entrega de armas, nem na desmobilização, nem no cessar das ações militares”⁵³ (ANDRADE, 2002).

No final de 1998, nem as FARC nem o ELN se comprometeram em cessar com suas ações delitivas, apesar de exigir que o exército não atacasse a nenhum dos membros de suas tropas, pois se consideraria uma violação ao pacto feito com o governo. Mais de um ano depois, as FARC romperam o diálogo com o Governo, exigindo que este demonstrasse que estava realmente combatendo os grupos paramilitares (ANDRADE, 2002).

Nas eleições de 2001, o povo colombiano estava desiludido com as fracassadas intenções de paz e, segundo Fals Borda (2008), “apenas a violência, agora múltipla, subia em intensidade, formas e membros ativos”⁵⁴ (p. 260). Assim, os colombianos buscaram um presidente que atacasse a violência com violência, e o encontraram na figura de Álvaro Uribe (FALS BORDA, 2008). O governo de Uribe (2002-2006 e 2006-2010) foi marcado por sua postura radical perante as guerrilhas, com o pacote de políticas chamado de Segurança Democrática (SD). (CORTÉS; VARGAS; HINCAPIÉ; FRANCO, 2012) No entanto, no final dos anos 90, já haviam denúncias contra ele, por criar e promover as “Convivir” que, como explica Fals Borda (2008), “se converteram em guaridas de paramilitares, os mais temíveis criminosos conhecidos do país, empregados em combater as guerrilhas com o apoio direto ou indireto do governo”⁵⁵ (p. 260).

Se durante a administração de Ernesto Samper as relações com os Estados Unidos estavam quase partidas, durante o governo de Andrés Pastrana se restabeleceram e, com Álvaro Uribe, se aprofundaram e intensificaram, na medida em que se implementava a política de segurança nacional, mais necessária se fazia a intervenção dos Estados Unidos, seja na forma de financiamento seja através de intercâmbios militares, em que os soldados colombianos foram treinados por grupos de elite das forças armadas norte-americanas.

Durante os dois períodos de Álvaro Uribe no poder, as guerrilhas foram perdendo sua força militar e política, a partir dos fortes golpes que receberam na base de sua organização. O

⁵³ Do original: “tanto las Farc como el ELN anunciaron que el proceso de paz no implicaba la entrega de armas ni la desmovilización ni el cese de acciones militares.” (ANDRADE, 2002).

⁵⁴ Do original: “sólo la violencia, ahora múltiple, subía en intensidad, formas y efectivos.” (FALS BORDA, 2008).

⁵⁵ “se convirtieron en guaridas de paramilitares, los más temibles criminales conocidos del país en adelante empleados para combatir las guerrillas con la anuencia directa o indirecta del gobierno.” (FALS BORDA, 2008).

primeiro foi em 2008, conhecido como Operação Fênix, no qual o exército colombiano matou Raúl Reyes, conhecido como o porta-voz das FARC. Outros guerrilheiros de alto escalão, ainda, morreram ou foram capturados durante os dois períodos de Álvaro Uribe. Com a Segurança Democrática, também, se começou a buscar

a capacidade coativa do Estado, o controle territorial, melhorar o nível de segurança dos cidadãos, tratando de atacar as fontes mais importantes de financiamento dos grupos armados irregulares, como mecanismo para forçá-los a um processo de negociação sério e a curto prazo, mudando o discurso no sentido de considerar que não existe um conflito interno armado, mas sim a presença de ‘grupos terroristas’ que atacam a sociedade e o Estado, situando-se, assim, na corrente internacional de guerra contra o terrorismo, iniciada depois do 11 de setembro de 2001⁵⁶ (VELÁSQUEZ, 2004, p. 90).

Mas também houve problemas durante o governo de Uribe: políticos envolvidos com paramilitares, desmobilizações falsas de blocos das AUC, além dos numerosos casos de Falsos Positivos⁵⁷, que assombraram a relativa calma em que viviam os colombianos. Assim, ao mesmo tempo em que reduziu a capacidade real de ação das guerrilhas, sua atitude de combater a violência com violência promoveu ainda mais a degradação do conflito.

Esta degradação se reflete no ressurgimento das chamadas Bandas Criminales (BaCrim), que são o resultado da reorganização de paramilitares e ex-combatentes armados ilegais, que definem uma nova era do conflito na Colômbia, pois pretendiam, segundo Ortiz (s/d),

construir poderosos aparatos militares para proteger suas atividades de narcotráfico e lucrar com negócios como a extorsão. O resultado são organizações capazes de blindar suas economias ilícitas com uma combinação de terrorismo e corrupção (s/p)⁵⁸.

Este fato resultou em um avanço no conflito, constituindo uma hibridação entre a organização não hierarquizada dos grupos dos sicários típicos dos anos 80 e 90, e o objetivo econômico dos extintos cartéis de droga que deixaram apenas resíduos de narcotraficantes

⁵⁶ Do original: “la capacidad coactiva del Estado, el control territorial, mejorar los niveles de seguridad de los ciudadanos y tratando de golpear las fuentes más importantes de financiación de los grupos armados irregulares, como mecanismo para forzarlos hacia un proceso de negociación serio y de corto plazo, y cambiando el discurso en el sentido de considerar que no existe un conflicto interno armado, sino la presencia de «grupos terroristas» que atacan a la sociedad y el Estado, situándose así en la corriente internacional de guerra contra el terrorismo, iniciada después del 11 de septiembre de 2001.” (VELÁSQUEZ, 2004).

⁵⁷ Assassinato de civis, pelo Exército Colombiano, para fazê-los passar por guerrilheiros mortos em combate, a fim de demonstrar a efetividade do exército no combate à guerrilha.

⁵⁸ Do original: “construir poderosos aparatos militares para proteger sus actividades de narcotráfico y lucrarse con negocios como la extorsión. El resultado son organizaciones capaces de blindar sus economías ilícitas con una combinación de terrorismo y corrupción” (ORTIZ, s/d).

isolados com suas próprias estruturas criminais. Os membros das BaCrim geralmente não executavam suas ações nas zonas rurais, mas se camuflavam entre a periferia e o centro de cidades como Medellín e Cali. Sendo assim, Ortiz (s/d) explica que:

dentro deste marco, a polícia e as forças militares não podem desenvolver operações de combate ou por em prática ações bélicas como ataques aéreos, e são obrigados a recorrer às armas apenas em última instância, quando os delinquentes resistem à prisão ou ameaçam a um cidadão⁵⁹ (s/p).

É importante esclarecer que o esquema de novos grupos criminais derivados dos não calculados efeitos de desmobilização, anistias e projetos de justiça e reparação, na verdade não repara nem reconstrói o que deixou a passagem da violência, mas faz brotar redutos de um conflito que muda e começa a tomar outro rumo. Depois dos processos de desmobilização, processos de paz com os paramilitares e um apaziguamento das ações guerrilheiras, começa a complicar-se novamente o panorama com a ambiguidade de grupos como as BaCrim que “à diferença do mal chamado paramilitarismo, não possuem nem exprimem nenhum discurso ou plataforma política anti-subversiva, e tampouco é a luta contra-insurgente sua razão de existir”⁶⁰ (CADAVID, s/d, p. 7).

Depois de traçarmos um panorama geral do que foram oito anos de avanços e retrocessos em relação ao conflito armado na Colômbia, observamos que no governo Uribe se chegou ao auge da guerra no país, a ponto de entrar em tensão com os países vizinhos, como explica Fals Borda (2008):

Ainda que esta tensão do conflito viesse de muito atrás, em especial na forma de refúgios guerrilheiros [nas fronteiras] e atos de retaliação oficial, contrabando de armas e drogas, os perigos ficaram em evidência pelo incidente fronteiriço entre Colômbia e Equador, pelo ataque das forças armadas da Colômbia ao acampamento do comandante [das FARC] Raúl Reyes, em 1º de março de 2008.⁶¹

⁵⁹ Do original: “Dentro de este marco, la Policía y las Fuerzas Militares no pueden desarrollar operaciones de combate o poner en práctica acciones bélicas como ataques aéreos sino que están obligados a recurrir a las armas solo en última instancia cuando los delincuentes se resisten a un arresto o amenazan a un ciudadano” (ORTIZ, s/d).

⁶⁰ Do original: “a diferencia del mal llamado paramilitarismo no poseen ni esgrimen ningún discurso o plataforma política antisubversiva y tampoco es la lucha contrainsurgente su razón de ser o existir...” (CADAVID, s/d).

⁶¹ Do original: “Aunque esta tensión del conflicto venía de mucho atrás, en especial en forma de refugios guerrilleros [en las fronteras] y actos de retaliación oficial, contrabando de armas y drogas, los peligros quedaron en evidencia por el incidente fronterizo entre Colombia y Ecuador, por el ataque de las fuerzas armadas de Colombia al campamento del comandante [de las Farc] ‘Raúl Reyes’, el 1º de marzo de 2008” (FALS BORDA, 2008).

Este ato se refletiu em um transbordamento do conflito e uma tentativa de regionalização do mesmo através de uma equivocada gestão diplomática com os vizinhos do continente.

Com a entrada de Juan Manuel Santos no governo, se esperava uma continuidade da política bélica do presidente Uribe, durante seus 8 anos no poder. Mas, ao contrário, o que se tem visto é uma intenção de conciliação com as FARC, grupo guerrilheiro mais ativo neste momento. No dia 5 de setembro de 2012, Juan Manuel Santos explicou quais seriam os pontos de discussão entre o governo e as FARC: “o desenvolvimento rural, as garantias para o exercício da oposição e a participação cidadã; o abandono de armas e a reintegração das FARC à vida civil; o narcotráfico; e os direitos das vítimas”⁶² (VERDAD ABIERTA, 2012, s/p).

Neste contexto, fica em aberto a discussão em torno do conflito armado colombiano. O resultado das novas negociações do governo Santos com as FARC pode ser o caminho para o fim ou a continuidade do conflito, já que se vê uma diferença entre as negociações deste governo e dos governos anteriores, pois existe uma ênfase para que os diálogos sejam um guia para o término do conflito, apesar de não significarem uma paz definitiva. Em seus discursos, o Presidente tem afirmado que “essas conversações em busca da paz não terão um tempo ilimitado”⁶³ e que “estas se realizarão sem que cessem as operações militares”⁶⁴ (VERDAD ABIERTA, 2012, s/p).

Por último, mas não como conclusão, entra em jogo a discussão da luta contra os grupos criminosos e o aumento da insegurança nas principais capitais do país, além da discussão gerada pelo Presidente em trono da estratégia para diminuir o narcotráfico e seu impacto, colocando em marcha sua “controvertida iniciativa de desenvolver um debate sobre a luta contra o narcotráfico, que contempla a possibilidade de legalizar as drogas”⁶⁵ (EFE, 2012, s/p). Assim, fica evidente que ainda não se está no começo do final do conflito, mas no final do começo, pois novas ações estão mudando e envolvendo toda esfera social colombiana, ressaltando a forma em que “os elementos que conformam a realidade

⁶² Do original: “el desarrollo rural; las garantías para el ejercicio de la oposición y la participación ciudadana; la dejación de armas y la reintegración de las Farc a la vida civil; el narcotráfico; y los derechos de las víctimas.” (VERDAD ABIERTA, 2012).

⁶³ Do original: “estas conversaciones en busca de la paz no tendrán un tiempo ilimitado.” (VERDAD ABIERTA, 2012).

⁶⁴ Do original: “estas se realizarán sin que cesen los operativos militares” (verdad abierta, 2012).

⁶⁵ Do original: “‘controvertida iniciativa’ de desarrollar un debate sobre la lucha contra el narcotráfico, que contempla la posibilidad de legalizar las drogas” (EFE, 2012).

colombiana parecem pequenos cristais de um caleidoscópio que, entre mais e mais se gira, mais combinações encontra”⁶⁶ (ANDRADE, 2002).

Dentro deste contexto de conflito e violência, a figura do sicário, personagem da obra *La Virgen de los Sicarios*, nos oferece significativos elementos para analisar os complexos processos violentos e diaspóricos na Colômbia, a fim de observar a construção do sujeito colombiano representada na obra de Fernando Vallejo.

Esta resenha histórica nos permite compreender como têm se dado os processos sociais na Colômbia em relação à violência, e como estes determinaram formações ideológicas e identitárias que encontramos representadas em *La Virgen de los Sicarios*. No entanto, é necessário enfatizar, em particular, o momento histórico em que se inserem os protagonistas do romance, Fernando e Alexis, para compreendermos os processos que se deram no surgimento do narcotráfico como forma de inscrição do sujeito no social e que trouxeram ao âmbito nacional da Colômbia a posição sujeito do sicário, o qual consideramos como um dos principais dispositivos que acionam a diáspora, a violência e a melancolia, como sintomas do conflito colombiano, através da morte.

Entre as décadas de 1950 e 1970 se reestruturaram, no mundo todo, e particularmente na América Latina, valores tradicionais em relação à sexualidade - como o uso da pílula anticoncepcional - , à tecnologia e aos meios de comunicação, os quais influenciaram a forma de nos relacionarmos neste novo contexto local/global, em que as relações de poder, a hegemonia imperial e a estratificação das sociedades, configuraram uma ordem de poderio determinada pelo capitalismo, evidenciando claramente as relações entre os países do chamado primeiro mundo e os países subdesenvolvidos, estes, na sua maioria, frutos do legado colonial, espelhados em modelos de fora do país.

Nesta perspectiva, podemos pensar na profunda mudança social retratada no romance, própria de todo o século XX, com a cidade como cenário principal destes processos de modernização, na qual a intelectualização da língua determinou, por muito tempo, estas relações de poder, através da escrita, inicialmente, como ilustra o comentário de Angel Rama, em *A cidade das letras*: “Foi evidente que a *cidade das letras* arremedou a majestade do Poder, apesar de que também se pode dizer que este regeu as operações letradas, inspirando seus princípios de concentração, elitismo, hierarquização” (1984, p. 54).

⁶⁶ Do original: “Los elementos que conforman la realidad colombiana parecen pequeños cristales de una caleidoscopio que, entre más y más, se gira, más combinaciones se le encuentran” (ANDRADE, 2002).

Assim, com o tempo, gerou-se uma distância muito ampla entre ricos e pobres, que se mantém como determinante nas configurações sociais ainda hoje, que têm desencadeado revoluções ao longo da parte latina do continente, o que favorece o domínio e controle imperialista e desestabiliza as estruturas internas destes outros países. Marca uma forte diferença entre os letrados e os não letrados, a burguesia e o proletariado, o centro e a periferia, o colonizador e o colonizado. Podemos observar estas diferenças no romance, que tem a cidade de Medellín como símbolo principal dessa divisão binária que a modernização estabeleceu:

Poderíamos dizer, para simplificar as coisas, que sob um único nome, Medellín, há duas cidades: a de baixo, intemporal, no vale; e a de cima, nas montanhas, cercandoa. É o abraço de Judas. Esses bairros circundantes erguidos nas encostas das montanhas são as comunas, fásca e lenha que mantém aceso o braseiro do matadouro. A cidade de baixo nunca sobe à cidade de cima, mas o contrário, sim: os de cima descem, para vagar, roubar, assaltar, matar. Quero dizer, descem os que continuam vivos, porque a maioria deles lá em cima, lá mesmo, tão pertinho das nuvens e do céu, antes que consigam descer são mortos em seu próprio matadouro. Tais mortos, embora pobres, é claro, não irão para o céu, mesmo que para eles o céu esteja mais à mão: irão barranco abaixo em queda livre para o inferno, para o outro, o que se segue ao desta vida⁶⁷ (VALLEJO, 2006, p. 76).

Estabelece-se, assim, um conjunto de diferenças binárias, estruturantes das relações de poder com base no domínio do território, o que gera, não só na Colômbia, mas em toda América Latina, o surgimento de diversos grupos que constroem:

uma sociedade nacional atravessada pela civilização e a barbárie, compreendendo os desencontros entre cidade e campo, costa e serra, branco e mestiço, trabalho e preguiça, compostura europeia e rusticidade gaúcha, liberalismo e caudilhismo, direito público e violência privada, centralismo constitucional e federalismo oligárquico, [com o que] impedem a estruturação da sociedade civil, a organização da representação política, o desenvolvimento das capacidades produtivas, o aperfeiçoamento das instituições sociais, políticas, econômicas e culturais, a estruturação do Estado nacional (IANNI, 1993, p. 14).

⁶⁷ Do original: Podríamos decir, para simplificar las cosas, que bajo un solo nombre Medellín son dos ciudades: la de abajo, intemporal, en el valle; y la de arriba en las montañas, rodeándola. Es el abrazo de Judas. Esas barriadas circundantes levantadas sobre las laderas de las montañas son las comunas, la chispa y lena que mantienen encendido el fogón del matadero. La ciudad de abajo nunca sube a la ciudad de arriba pelo lo contrario si: los de arriba bajan, a vagar, a robar, a atracar, a matar. Quiero decir, bajan los que quedan vivos, porque a la mayoría allá arriba, allá mismo, tan cerquita de las nubes y del cielo, antes de que alcancen a bajar en su propio matadero los matan. Tales muertos aunque pobres, por supuesto, para el cielo no se irán así les quede más a la mano: se irán barranca abajo en caída libre para el infierno, para el otro, el que sigue al de esta vida (VALLEJO, 2002, p. 82).

Este é um panorama devastador percebido nos países em que a crise das ideias pré-estabelecidas, a partir do Estado nacional, não se sustenta mais, formatando-se de maneira particular em cada um dos países latino-americanos, instituindo formações sociais, políticas e econômicas, como a do narcotráfico, representada no romance, determinantes nos processos de reivindicação e inserção social, como comenta Octavio Ianni:

No século XX, essas crises assinalam o declínio das oligarquias e o aparecimento de movimentos políticos inovadores. Os movimentos preocupam-se em reorientar os fluxos do excedente econômico, em reestruturar as instituições políticas e criar novas condições de participação para as classes e grupos sociais emergentes no mundo urbano (1991, p.74).

Assim, nas duas últimas décadas do século XX, em procura pela reivindicação dos direitos, da igualdade e da estabilidade destas sociedades, temos um cenário no qual são questionados e desmontados todos os valores sociais, estruturas políticas e concepções de relação estável em um mundo em processo de modernização. Nenhuma antiga estrutura sustenta mais as ideias de civilização, vindas desde a colonização, em que se buscou impor a formação de sociedades espelhadas em modelos adotados com o projeto colonizador e que, cedo ou tarde, viriam colapsar e precisar ser readaptadas à realidade de uma sociedade tão complexa, híbrida e diferente da europeia, como é a latina. Nesta sociedade consideramos a ideia de “nação” como algo que não pode delimitar essas diferenças num construto imaginado e que não dá conta de tal complexidade, mas que, ao contrário, cria um falso pensamento do que as nossas sociedades representam e como elas se desenvolvem, revelando o que Benedict Anderson define como nação:

uma comunidade política Imaginada [...] sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana [tornando-a imaginada] por que os mesmos membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (ANDERSON, 2008, p. 32).

Da mesma forma, Canclini expõe este panorama no seu estudo *Culturas Híbridas*, particularmente quando se refere à desterritorialização e às tensões que esta apresenta frente à territorialização, e vê estes processos como “a perda da relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas”(2003, p. 309), contextualizando-as em duas situações. A primeira, em relação à forma em que se associou o nacional com o popular no processo de modernização das culturas latino-americanas,

realizada primeiro sob a forma de dominação colonial, logo depois como industrialização e urbanização sob modelos metropolitanos, a modernidade pareceu organizar-se em antagonismos econômico-políticos e culturais: colonizadores vs. colonizados, cosmopolitismo vs. nacionalismo (p. 310).

Quanto à última relação de oposição, “cosmopolitismo vs. nacionalismo”, é vista por Canclini a partir de uma relação de confronto entre o imperialismo e as culturas nacional-populares, reconhecendo este modelo como não mais apropriado para analisar casos específicos, como o latino, pois:

A desigualdade persistente entre o que os dependentistas chamavam o primeiro e o terceiro mundo mantém com relativa vigência alguns dos seus postulados. Mas ainda que as decisões e benefícios dos intercâmbios se concentrem na burguesia das metrópoles, novos processos tornam mais complexa a assimetria: a descentralização das empresas, a simultaneidade planetária da informação e a adequação de certos saberes e imagens internacionais aos conhecimentos e hábitos de cada povo. A disseminação dos produtos simbólicos pela eletrônica e pela telemática, o uso de satélites e computadores na difusão cultural também impedem de continuar vendo os confrontos dos países periféricos como combates frontais com nações geograficamente definidas (CANCLINI, p. 310).

E a segunda destas situações diz respeito às migrações multidirecionais que, no final do século XX se intensificaram, não ficando restritas a artistas, políticos e exilados, mas estendendo-se para a população em geral, o que facilitou os fluxos culturais, sociais e econômicos e, abriu, no caso da Colômbia, um espaço propício para a principal fonte de lucro da economia informal nas décadas de 1980 e 1990, em que o narcotráfico se converte no fator determinante que modifica particularmente a história do país, e que contextualiza o momento histórico narrado na obra *La Virgen de los Sicarios*.

CAPÍTULO III

AZUL – CENA 2: PELO FASCÍNIO DO ATO DE MATAR

Quando uma aldeia se transforma numa cidade, ou uma criança num homem, a aldeia e a criança ficam perdidas na cidade e no homem. Só a memória pode descobrir as antigas feições nesse novo quadro; e, de fato, os antigos materiais ou formas foram abandonados e substituídos por novos.

(Sigmund Freud)

Neste capítulo analisamos como a figura do narrador se manifesta no romance como representação de um momento histórico da Colômbia, cujos problemas, desde a publicação da obra, pouco se alteraram. Isso porque quando a repressão e a impunidade vêm por parte de quem deveria nos representar para o bem-estar da totalidade dos cidadãos, o Estado, se torna o inimigo número um, numa luta que já consideramos perdida enquanto os eixos de poder continuam sendo manipulados em benefício de uns poucos que deslegitimam os direitos básicos, como ilustra o seguinte trecho do romance: “O Estado está aí para reprimir e mandar bala. O resto são demagogias, democracias. Acabou-se a liberdade de falar, de pensar, de agir, de ir de um lado para o outro, superlotando os ônibus, porra!”⁶⁸ (VALLEJO, 2006, p. 92).

Assim, o romance em questão faz uma forte crítica ao panorama político, econômico e social, mas, sobretudo, moral, que tem acompanhado a Colômbia no seu mais recente período de violência, desenvolvido a partir de uma cultura do narcotráfico que começou a se mostrar entre o final da década de 1970 e começo da década de 1980, mudando drasticamente o panorama desse território. Conjuntamente, a globalização e o desejo de modernização na América Latina, presentes nessa época, incentivaram uma oferta maior de produtos, estimulando uma necessidade maior pelo consumo, facilitando uma nova forma capitalista de relacionarmos com antigos modos de subsistir.

⁶⁸ Do original: “El Estado está para reprimir y dar bala. Lo demás son demagogias, democracias. No más libertad de hablar, de pensar, de obrar, de ir de un lado a otro atestando buses, carajo!” (VALLEJO, 2002, p. 100).

Primeiramente, esta situação implicou na questão social, particularmente na possibilidade de satisfação do desejo do próprio sicário em adquirir os bens de consumo que representariam uma aparente ascensão de nível social. Em segundo lugar, se deu o fato de poder pagar por um serviço que antes não se encontrava no mercado, que seria o de assassinar qualquer pessoa por encomenda. Tudo isto estimulado pelo negócio do narcotráfico, que fez com que a economia local e os altos fluxos de dinheiro em torno deste novo submodelo econômico incentivassem de forma negativa o valor de todo tipo de produto e serviço a ser adquirido, pois tendo lucros acima do que qualquer trabalho convencional, o ingresso dos narcotraficantes lhes permitia pagar quantidades muito acima do preço do mercado, o que sobrevalorizou diversos bens como imóveis, automóveis e serviços em geral, não só pelos narcotraficantes terem aumentado sua capacidade de aquisição de bens, mas também para poderem ostentar poderio econômico, social, popularidade e respeito. Geralmente os novos narcotraficantes surgiram de dentro das vilas pobres das cidades e cresceram dentro da marginalidade, carentes de educação e estrutura familiar, vivendo em torno do negócio das drogas. A abundância destes “novos ricos”, com o tempo, contribuiu para que a mudança social profunda chegasse ao extremo, a ponto de estabelecer, dentro da cultura colombiana, uma estética do “narco”, na qual os códigos de representação se expandiram a diversos níveis, desde o jeito de vestir-se, o tipo de carro a usar, a popularização das músicas “narco”, conhecidas como narco-corridos (lembrando dos corridos mexicanos), até o tipo de mulheres identificadas como companheiras dos narcotraficantes, geralmente meninas da periferia em busca de um melhor nível de vida.

No começo da década de 90 era muito comum ver a disputa entre estas meninas para ser a parceira temporária de um “narco” que, como código de afeto, pagava o tratamento de implante de silicone que elas tanto desejavam, caracterizando um estereótipo de mulher que, com o tempo, começou a ser chamada de “pré-pago”. Esta troca baseada nos fluxos em torno do dinheiro e do consumo de bens (silicone, joias, carros, roupas), transformou a vida das jovens da periferia que, com dificuldade de acesso à educação e às possibilidades de trabalho, acabaram se identificando com a cultura do “narco”, convertendo-se em servidoras sexuais, enquanto os meninos, baseados nas mesmas trocas simbólicas, converteram-se em servidores da morte. O escritor e pesquisador colombiano Omar Rincon, no seu artigo “Narco.estética y narco.cultura en Narco.lombia”(2009) relata como se deu essa mudança tão significativa na sociedade colombiana, apontando como o conceito de “narco” não é só uma referência para o tráfico de drogas, mas também uma estética que se desenvolveu dentro da cultura e da história

colombiana, no final do século XX, manifestando-se nas músicas, na televisão, na arquitetura e na linguagem, adotada especialmente pelas comunidades mais carentes, as quais, em plena fase de modernização, globalização e capitalismo, no auge do tráfico de drogas, encontraram no dinheiro e na ostentação destes signos culturais uma forma de se inscrever na sociedade. Enfim, a narco-cultura resulta em:

uma cultura onde tudo vale para sair da pobreza, uma afirmação pública de que para quê ser rico se não é para exhibir-se. O método para adotar esta cultura é só um: ter dinheiro, armas, mulheres com silicone, música estridente, vestimentas chamativas, moradia expressiva e visibilidade em carros e objetos. Ah...e moral católica!⁶⁹ (RINCÓN, 2009, p. 148).

Este panorama, junto à formação das identidades nacionais que se fomentaram nessa época, por parte do Estado colombiano, estimulou o que Anne-Marie Thiesse (2001/2002) cataloga como um “modelo comum de produção das diferenças” (p. 7), as quais têm se encarregado de intensificar a problemática colombiana, a partir da delimitação das diferenças de classes determinadas pelo poder aquisitivo, pois as menos favorecidas buscaram se inserir no modelo capitalista pela rápida ascensão proporcionada pelo modelo “narco” e o tipo de vida associado a ele. Estes grupos, também são formados por camponeses que foram para os centros maiores fugindo do conflito no interior, buscando novos espaços de inscrição na sociedade urbana, a qual, ainda hoje, resulta despreparada para receber a imensa quantidade de pessoas vindas das áreas rurais, sem poder oferecer uma qualidade básica de vida. A falta de estrutura gerou o aumento descontrolado das periferias das grandes cidades na Colômbia (Bogotá, Medellín e Cali.), trazendo consigo a problemática que se percebe não só no relato do romance, mas na grande maioria das periferias.

Nosso interesse não se direciona pela necessidade de achar motivos nem culpados pelo conflito interno colombiano, pois estes variam constantemente, com a mesma velocidade com que surgem outros novos. Nosso apontamento vai para o momento histórico exposto no romance *La Virgen de los Sicarios*, como representação da virada cultural que aconteceu nesse período, a nível latino-americano, mas com suas particularidades em cada região, sendo na Colômbia que o rumo tomado agravou-se de forma preocupante, com o surgimento do narcotráfico, como demonstra o comentário de Pecaut:

⁶⁹ Una cultura del todo vale para salir de pobre, una afirmación pública de que para que se es rico si no es para lucirlo y exhibirlo. El método para adquirir esta cultura es solo uno: tener billete, armas, mujeres silicona, música estridente, vestuario llamativo, vivienda expresiva y visaje en autos y objetos. Ah... !y moral católica! (RINCÓN, 2009, p. 148).

A expansão do narcotráfico é o ponto de partida da queda da Colômbia numa situação de violência generalizada, com efeitos sobre a luta armada, a crise das instituições (cujo indicador mais manifesto é a corrupção), a desorganização do tecido social. Esta expansão não tem produzido a aparição de um ponto de referência central de divisão, como seria o caso de uma guerra civil, mas sim uma ampla desorganização social que favorece todo tipo de violências⁷⁰ (PECAUT, 2001, s/p).

Expondo novamente os fatores que viemos tratando desde o início deste trabalho, os quais transitam entre a colonização, pós-colonização, pós-nacional, pós-moderno e formação do Estado-nação, até os diversos processos de modernismo e modernização, a globalização e o capitalismo, é como identificamos um perfil que se manifesta cada vez mais na contemporaneidade, levando o sujeito a se afundar num estado de profunda depressão, mas, sobretudo, de uma total melancolia, caracterizando nossas sociedades atuais e nos deixando sem explicações precisas que definam o sentimento dos cidadãos imersos neste panorama. Pois, como questiona Antonio Quinet:

A multiplicação dos deprimidos no fim do século XX não poderia ser encarada como um sinal dos tempos? A falta de uma perspectiva mais igualitária, a queda dos ideais revolucionários, o crescente desemprego, a competitividade em um mercado cada vez mais feroz associando-se aos imperativos de gozo de uma sociedade cada vez mais produtora de *gadgets*, que acenam com a promessa de satisfazer o desejo – tudo isso pode efetivamente contribuir para o estado depressivo de um sujeito desorientado em relação a seu desejo, perdido de seus ideais (2006, p. 170).

Este pensamento nos permite visualizar um discurso no qual o escritor colombiano Fernando Vallejo se insere e do qual, ao mesmo tempo, busca fugir, com sua atitude crítica, cínica e sincera em demasia. Embora não seja nosso interesse principal analisar aspectos do autor, e sim do romance em questão, resulta imprescindível contextualizar o perfil de Vallejo como uma figura polêmica que encontrou o seu lugar na literatura. Para isto utilizamos como referência o trabalho de Francisco Villena Garrido, *Las máscaras del muerto: autoficción y topografías narrativas en la obra de Fernando Vallejo* (2009), que faz um cuidadoso e amplo estudo da obra do escritor *paisa*⁷¹, analisando os oito romances que compõem o texto auto ficcional de Vallejo e as metas narrativas utilizadas para tal. Neste estudo Garrido descreve um sujeito difícil de classificar dentro dos padrões sociais tradicionais que emolduram nossas

⁷⁰ Do original: La expansión del narcotráfico es el punto de partida de la caída de Colombia en una situación de violencia generalizada, con efectos sobre la lucha armada, la crisis institucional (cuyo indicador más manifesto es la corrupción), la desorganización del tejido social. Esta expansión no ha producido la aparición de un punto de referencia central de división, como sería el caso en una guerra civil, sino más bien una amplia desorganización social que favorece toda clase de violencias (PECAUT, 2001, s/p).

⁷¹ *Paisa* é a denominação dada a quem nasceu em Medellín.

sociedades. Crítico da Igreja, principalmente a judaico-cristã, da sua própria família, do Estado, em particular o colombiano, dos políticos e outras figuras públicas, fazem dele “provavelmente, o escritor latino-americano contemporâneo mais controvertido”⁷² (GARRIDO, 2009, p. 13). Sua manifestação crítica frente às ideias que regem as estruturas sociais atuais, delimitadoras da nossa relação social no mundo, o que Althusser denominou de Aparelhos Ideológicos de Estado, é um aspecto relevante no posicionamento do autor, que os aponta como estruturas que se instauraram em sociedades colonizadas constituindo, desde então, um duplo funcionamento por parte das classes dominantes em que, antes mesmo de ter a ideologia como regente na estrutura básica para nos relacionarmos na sociedade, se utiliza da violência e da repressão, fundamentais para aplicar os Aparelhos Repressivos do Estado. No romance, o narrador explicita seu posicionamento frente a esta situação através de referências à Constituição que rege cada país e, no caso colombiano, os Manuais de Urbanidade, como códigos que, em conjunto, pretendiam formatar a sociedade dentro dos padrões que, para o Estado, podiam garantir uma ordem e submetimento dentro do seu braço dominador, como exemplifica o trecho a seguir: “E, quando não está matando, está jogando bilhar: no salão de bilhar X... (Não digo o nome porque de repente o dono resolve mover uma ‘ação de difamação’ contra mim, como prevê a nova Constituição, e depois eu vou sentir todo o peso da lei.)”⁷³ (VALLEJO, 2006, p. 33).

Além deste posicionamento, a crítica de Vallejo também se direciona para as formas literárias tradicionais, e para a figura narrativa em terceira pessoa, classificando seu discurso por alguns intelectuais como literatura *desviacionista* que, conforme Garrido é o termo utilizado para caracterizar uma tipologia literária, localizada na pós-modernidade latino-americana, definida por:

desmembrar a modernidade e seu projeto como estruturas de pensamento num contexto de modernização desigual que apreende a nova conjuntura pós-moderna desde a periferia. Estes discursos têm formado o corpo de uma literatura emergente que, desde finais dos anos setenta até a atualidade, tem se caracterizado por cultivar o cinismo –como modalidade discursiva do humor ou da aspereza - a presença dos afetos, a cotidianidade da violência, a exageração, uma ideologia dissidente e a exacerbação da individualidade, como ferramentas narrativas e políticas, que tem propiciado o ressurgimento de diversos discursos de autorepresentação, desde uma literatura que se assemelha com as memórias, a sicaresca, os textos biográficos e as

⁷² Do original: “probablemente, el escritor latino-americano contemporáneo más controvertido.” (GARRIDO, 2009, p. 14).

⁷³ Do original: “Y cuando no está matando está jugando billar: en el Salón de Billares X... (No digo el nombre porque de pronto le da al dueño por iniciarme una "acción de tutela" como marca la nueva Constitución, y después me cargan todo el peso de la ley.)” (VALLEJO, 2002, p. 35).

novelas autobiográficas [sendo frecuentes] a presença da insurgência ideológica, o sicariato e as suas variantes, a dependência de drogas, a prostituição, a homossexualidade, as críticas internas ao patriarcado latino-americano e diversas amostras da cultura popular que representariam toda uma estratificação de uma cultura emergente (2009, p. 14)⁷⁴.

Cineasta e escritor colombiano nascido em Medellín, em 1942, no seio de uma família burguesa, amante da música e dos animais, Vallejo tem desenvolvido a maioria da sua obra desde o México, país que adotou como local de residência há mais de 40 anos, após ter transitado por lugares como Roma, Nova Iorque, Bogotá e Medellín, que aparecem inúmeras vezes na construção espacial desta sua fase autoficcional, sendo em Medellín que escreve a primeira metade de *La Virgen de los Sicarios*, a diferença do resto da sua obra, escrita no México. O trânsito nestes locais têm influenciado sua narrativa, determinando a formação do seu discurso e explicitando a metamorfose do sujeito moderno para o pós-moderno, no passeio pela cidade, que também se transforma junto ao processo de modernização. Este constante trânsito se manifesta na obra do colombiano, auxiliando a compreensão dos processos heterogêneos nos quais, “não pode resultar estranho que a narrativa de Fernando Vallejo encontre variáveis tão díspares como a autobiografia *per se*, a biografia, a novela e o ensaio, devido à mistura genérica tão própria da pós-modernidade”⁷⁵ (GARRIDO, 2009, p.50).

Fernando Vallejo já acumula mais de dezoito títulos literários, dois roteiros para cinema, sendo um deles o de *La Virgen de los Sicarios*, duas peças de teatro e cinco peças cinematográficas, entre curtas e longas metragens, além de inúmeras publicações em revistas e jornais. Sua mais recente obra intitulada *Peroratas*, de 2013, é uma compilação de trinta e

⁷⁴ Do original: “desmembrar la modernidad y su proyecto como estructuras de pensamiento en un contexto de modernización desigual que aprehende la nueva coyuntura posmoderna desde la periferia. Estos discursos han formado el cuerpo de una literatura emergente que, desde finales de los años setenta hasta la actualidad, se ha caracterizado por cultivar el cinismo – como modalidad discursiva del humor o de la acritud -, la presencia de los afectos, la cotidianidad de la violencia, la exageración, una ideología disidente y la exacerbación de la individualidad, como herramientas narrativas y políticas, que han propiciado el resurgimiento de diversos discursos de autorrepresentación, desde una literatura que emparenta con las memorias, la sicaresca, los textos biográficos y las novelas autobiográficas [siendo frecuentes] la presencia de la insurgencia ideológica, el sicariato y sus variantes, la drogadicción, la prostitución, la homosexualidad, las críticas internas al patriarcado latinoamericano y diversas muestras de la cultura popular que representarían toda una estratificación de una cultura emergente.”(GARRIDO, 2009, p. 14).

⁷⁵ Do original: “Así pues, no puede resultar extraño que la narrativa de Fernando Vallejo encuentre variables tan díspares como la autobiografía *per se*, la biografía, la novela y el ensayo, dada la mezcolanza genérica tan propia de la posmodernidad.” (GARRIDO, 2009, p. 50).

dois textos, publicada pela editora Alfaguara, entre artigos, discursos, conferências, palestras, prólogos e apresentações de livros, em que o próprio autor relata, no prólogo da obra:

ficam expressos meus sentimentos mais fortes: meu amor pelos animais, a minha devoção por alguns escritores, meu desprezo pelos políticos e o meu ódio pelas religiões, começando pela católica, em que fui batizado mas na qual não penso morrer.⁷⁶ (VALLEJO, 2013, p. 7)

Nas suas palavras é possível identificar sua postura corrosiva, pela qual tem conseguido ser odiado por muitos, mas respeitado por outros, que encontram no seu discurso uma voz de oposição e reivindicação, que transgride a tradição em procura de uma realidade mais de acordo com o seu tempo.

Vallejo é autor de obras que circulam entre ensaios, como *Logoi, Una gramatica del lenguaje literário* (1983), *La tautología Darwinista y otros ensayos de biología* (1998), e o seu *Manualito de imposturología física* (2005). Escreveu quatro biografias, a última publicada em 2012, sob o título de *El cuervo blanco*, sobre Rufino Jose Cuervo, um dos maiores filólogos colombianos, conhecedor da língua espanhola, a quem Vallejo expressa, ironicamente, ter canonizado, pela sua grandeza e gloriiosidade e “por ser um santo”. Referindo-se a um pesquisador da linguagem, com termos próprios da Igreja Católica como “canonizado” e “santo”, Vallejo expressa sua devoção à língua, igualando-a a uma religião que idolatra sujeitos, apresentando-os como modelo de referência e assim, ao mesmo tempo em que exalta a linguagem como sua religião, aproveita para rir da Igreja Católica.

Apesar de ter afirmado, em repetidas oportunidades, não pretender publicar mais obras, continua surpreendendo com sua escrita. Também tem manifestado que não lê mais romance, pois passou a sua infância e juventude indo para missa e lendo novelas, o que influenciou sua postura contra os referenciais moralistas que lhe foram impostos, e que explica a mudança das suas referências, explicitando uma nova narrativa individualista, fruto das atuais crises ideológicas, como ilustra seu comentário:

Tantas coisas ouvi e li que perdi a fé: em Deus, coisa que para efeito de literatura pouco importa, e no novelista de terceira pessoa, que este sim importa. Neste negócio o que não é poeta ou novelista em terceira pessoa ficou pendurado no trapézio no ar, fora do circo. Quem se importa. Como vai saber um pobre filho de vizinho o que estão pensando dos três ou quatro personagens! A própria pessoa não sabe o que ela mesma está pensando com esta turbulência do cérebro, vai saber o

⁷⁶ Do original: “quedan expresados mis sentimientos más fuertes: mi amor por los animales, mi devoción por algunos escritores, mi desprecio por los políticos y mi odio por las religiones empezando por la católica en que me bautizaron pero en la que no me pienso morir.” (VALLEJO, 2013, p. 7).

que pensa o próximo! Ao diabo com a onisciência e o romance! Hoje não piso em uma igreja nem como turista e não leio um romance nem a pau⁷⁷ (VALLEJO apud GARRIDO, 2009, p. 26).

Este posicionamento faz de Fernando Vallejo uma pessoa que estruturou sua obra e critérios morais de acordo com o seu propósito de mudança, crítica e reflexão a partir da escrita, expressando sua dor perante o conflito colombiano, com sinceridade em demasia e com seu cinismo particular, que transgride posturas tradicionais na literatura e, segundo Garrido:

supera os postulados tradicionais a respeito da teorização da autobiografia nas suas distintas formas. Alguns conceitos utilizados na crítica literária sobre autobiografia, como “escritura vital”, “narrativa vital” e “novela autobiográfica” parecem limitados teoricamente para analisar o construto auto ficcional de Vallejo⁷⁸ (2009, p. 35).

Este “construto autoficcional” se estende através de seus oito primeiros livros: a compilação composta por cinco obras intitulada *El río del tiempo*⁷⁹, seguida de *La Virgen de los Sicarios* (1994), *El desbarrancadero* (2001) e *La rambla paralela* (2002). Em todos estes romances se repetem os mesmos lugares, personagens e situações e, inclusive, o mesmo narrador, Fernando, que cresce e vive a sua adolescência na cidade de Medellín, até decidir empreender sua viagem pela Colômbia, depois Roma e Nova Iorque, para finalmente ir morar no México. Em *La rambla paralela*, que fecha o ciclo da narrativa auto ficcional, Vallejo utiliza um narrador diferente do protagonista Fernando, para certificar sua morte: “assim, o autor termina se desfazendo definitivamente da figura que o fez se converter num dos escritores mais polêmicos e relevantes da literatura latino-americana contemporânea”⁸⁰ (GARRIDO, 2009, p. 27).

⁷⁷ Do original: “Tantas oí y leí que perdí la fe: en Dios, cosa que para los efectos de la literatura poco importa, y en el novelista de tercera persona que sí. En este negocio el que no es poeta o novelista de tercera persona se quedó colgado del trapecio en el aire fuera del circo. Qué más da. Cómo va a saber un pobre hijo de vecino lo que están pensando dos o tres o cuatro personajes! No sabe uno lo que está pensando un mismo con esta turbulencia del cerebro va a saber lo que piensa el prójimo! Al diablo con la omnisciencia y la novela! Hoy por hoy no piso una iglesia ni de turista y no leo una novela ni a palos.” (VALLEJO apud GARRIDO, 2009, p. 26).

⁷⁸ Do original: “supera los postulados tradicionales con respecto a la teorización de la autobiografía en sus distintas formas. Algunos conceptos utilizados en la crítica literaria sobre autobiografía, como “escritura vital”, “narrativa vital” y “novela autobiográfica” parecen limitados teóricamente para analizar el constructo auto ficcional de Vallejo.” (GARRIDO, (2009, p. 35).

⁷⁹ A compilação *El río del tempo* é composta pelas obras: *Los días azules* (1985), *El fuego secreto* (1986), *Los caminos a Roma* (1988), *Años de indulgencia* (1989) e *Entre fantasmas* (1993).

⁸⁰ Do original: “Así el autor termina deshaciéndose definitivamente de la figura que lo hizo convertirse en uno de los escritores más polémicos y relevantes de la literatura latinoamericana contemporánea.” (GARRIDO, 2009, p. 27).

Desta forma, o tema da morte aparece na obra de Vallejo com tal relevância, que representa um dos pontos mais fortes em toda sua criação, sendo importante para o objeto de estudo deste trabalho, e que será desenvolvido mais adiante.

A ampla análise apresentada por Garrido demonstra como a autoficção⁸¹ contextualiza o texto de Fernando Vallejo, o que nos permite tomar várias de suas observações como referência, especificamente para definir a posição-sujeito do narrador que traz ao debate o indivíduo pós-nacional e seus conflitos, com relação à identidade, à nação e à tradição, como exemplifica o comentário do estudioso:

O texto autobiográfico característico de finais do século XX é um exemplo excepcional das teorias sobre a pós-modernidade e posicionamentos como os de Foucault com respeito ao autor. A conjuntura ideológica entre modernidade/pós-modernidade posiciona o sujeito vallejiano numa crise cultural e de identidade que dá lugar ao sujeito pós-nacional. Este conflito se expressa na narrativa do *antioqueño* mediante um individualismo heterogêneo: as incertezas do marco cognitivo tem criado uma subjetividade que descrê da tradição: tanto quando se refere a conceitos locais –como a nação - como quando transita por conceitos globais –como religião e as inter-relações que prefiguram novas subjetividades, culturas, ideologias e linguagens⁸² (GARRIDO, 2009, p. 41).

Garrido chega a pontos que convergem com as referências de Orlandi na Análise do Discurso, tratadas no Capítulo I, ao se referir às relações entre autor e narrador, assim como com as de Foucault, fazendo com que as figuras do autor e narrador não possam ser vistas como alheias uma da outra, pois a narrativa em primeira pessoa cria opacidades que confundem a voz do autor à do narrador, dificultando a percepção do lugar de origem do discurso, sendo este um dos principais propósitos de Vallejo, que toma partido dessa situação,

⁸¹ Segundo Garrido, “a formalização do conceito de autoficção surgiu em 1977, após um *revival* da novela autobiográfica a nível prático e teórico, a partir da publicação de obras como *Roland Barthes por Roland Barthes* (1975), de Roland Barthes; *W ou le souvenir d'enfance* (1975), de Georges Perec; *Livret de Famille* (1977), de Patrick Modiano; e *Fils* (1977), de Serge Doubrovsky. O aspecto fundamental destas obras reside em centrar-se no ato da escrita, em lugar do valor de verdade como parâmetro efetivo no gênero da novela autobiográfica.” (2009, p.37) Do original: “la formalización de concepto “auto ficción surgió em 1977, tras un *revival* de la novela autobiográfica a nivel práctico y teórico a partir de la publicación de obras como *RolandBarthes por RolandBarthes* (1975), de RolandBarthes; *W ou le souvenir d'enfance* (1975), de Georges Perec; *Livret de Famille* (1977), de Patrick Modiano; e *Fils* (1977), de SergeDoubrovsky. El aspecto fundamental de estas obras reside en centrarse en el acto de la escritura en lugar del valor de verdad como parámetros efectivos en el género de la novela autobiográfica.”(GARRIDO, 2009, p. 37).

⁸² Do original: El texto autobiográfico característico de finales del siglo XX es un ejemplo excepcional de las teorías sobre la posmodernidad y posicionamientos como los de Foucault con respecto al autor. La coyuntura ideológica del gozne modernidad/posmodernidad posiciona al sujeto vallejiano en una crisis cultural e identitária que da pie al sujeto posnacional. Este conflicto se expresa en la narrativa del antioqueño mediante un individualismo abigarrado: las incertezas del marco cognoscitivo han creado una subjetividad que descree de la tradición: tanto cuando se refiere a conceptos locales – como la nación - , como cuando vadea a conceptos globales – como religión y las interrelaciones que prefiguram nuevas subjetividades, culturas, ideologías y lenguajes (GARRIDO, 2009, p. 41).

afirmando que escreve para “incomodar aos tartufos e desmascarar impostores”⁸³(VALLEJO apud GARRIDO, 2009, p. 30), ao que Garrido comenta:

As máscaras da autoficção permitem ao antioqueño enunciar uma série de posições de sujeito organizadas em um ente indenitário sem rodeios e dissidente com relação ao seu mundo circundante. Com frequência aparece o ódio num ponto alto da narrativa que converte as descrições em uma caricatura desgarrada pela sua carga de violência. A deformação expressiva, beirando o grotesco, procura os limites da verossimilhança realista e, com frequência, os transgride⁸⁴ (GARRIDO, 2009, p. 30).

Desta forma, pode-se argumentar uma posição sujeito⁸⁵ de identificação para o narrador, de escritor, burguês, intelectual, que questiona a moral judaico-cristã, a figura do Estado e a perda dos antigos valores morais que a modernidade trouxe consigo. Conjuntamente o narrador se identifica com a ideologia de neocapitalismo global, na qual a ideologia do narcotráfico está inserida, utilizando outros rituais, outras formas de interpelação dos sujeitos, uma linguagem diferente e outro tipo de signos e símbolos que revelam essa estética “narco” comentada acima. Ao mesmo tempo em que o narrador se identifica com sua posição sujeito de escritor, burguês, intelectual, torna-se evidente uma contra-identificação com a sua forma-sujeito, que lhe permite deslocar-se para o território do sicário, física e simbolicamente.

Narrando a partir da primeira pessoa, se estabelece uma dupla perspectiva temporal: por um lado o presente narrativo, que lhe permite criticar aspectos negativos que o afetam da Colômbia que encontra, e por outro, o passado narrado, que através da sua memória permite acessar essa realidade subjetiva, fazendo contraponto com a Colômbia da sua infância e adolescência.

A cidade narrada como espaço de representação, lhe permite explicitar a situação do sujeito dentro desse contexto colombiano e se inscrever pela influência do passar do tempo constatado nos espaços físicos e sociais da cidade, afetando o construto identificado como

⁸³ Do original: “molestar a los tartufos y para desenmascarar impostores.” (VALLEJO apud GARRIDO, 2009, p. 30).

⁸⁴ Do original: “Las máscaras de la auto ficción permiten al antioqueño enunciar una serie de posiciones de sujeto organizadas en un ente identitário sin ambages y disidente con respecto a su mundo circundante. Con frecuencia, aparece el odio en una pleamar narrativa que convierte las descripciones en una caricatura desgarrada por su carga de violencia. La deformación expresiva, al borde de lo grotesco, busca los límites de la verosimilitud realista y, con frecuencia, los transgrede.” (GARRIDO, 2009, p. 30)

⁸⁵ Conceito proveniente da Análise do Discurso, sendo que a posição-sujeito se refere a uma tomada de posição por parte da forma-sujeito.

nação, que por sua vez, se vê afetado pelos processos de modernização, reconhecendo em relações como centro/periferia, rico/pobre ou letrado/não letrado, a destruição do espaço físico como representação da morte, ao relatar:

Já nessa época Sabaneta havia deixado de ser um vilarejo e virado um bairro a mais de Medellín, a cidade o agarrara, o engolira; e, enquanto isso, a Colômbia tinha escapado das nossas mãos. Éramos, e de longe, o país mais criminoso da Terra, e Medellín, a capital do ódio. Mas essas coisas não se dizem, sabem-se. Peço desculpas⁸⁶ (VALLEJO, 2006, p. 10).

Esta contra-identificação da posição-sujeito se revela como um deslocamento de valores, explicitado principalmente pela mudança das falas de Fernando, enquanto seu percurso pela cidade avança ao lado do seu companheiro Alexis, pois o narrador, sendo um escritor, defensor da palavra, acaba por utilizar as gírias que antes não lhe pertenciam e das quais se apropria em vários momentos, certamente pelo convívio, mas possivelmente, pela sua relação tão próxima com o sicário e sua necessidade de se misturar com esse mundo, exemplificada a seguir:

Como aqui quem vive se vinga, os que o atacaram se enfiam no hospital e o liquidam quando você sai da operação bem sucedida: com quatro ou cinco ou vinte tiros no *coconut*, para ver se os médicos antioqueños são tão bons neurocirurgiões quanto cardiologistas. Depois vão saindo muito tranquilos, muito prosas, guardando o trabuco, fumando um *varillo* ou um basuco. *Varillo* é um simples cigarro de maconha, e basuco já expliquei⁸⁷ (VALLEJO, 2006, p. 68).

Essa heterogeneidade de posição-sujeito, então, como leitura de realidades e valores presentes no sujeito moderno criticado na obra, muda constantemente entre, por um lado, a moral reflexiva do narrador e, por outro, a moral do sicário, exteriorizada pelas falas em gíria que afetam o posicionamento do sujeito burguês, representado pelo narrador, para o do sicário, de acordo com valores morais da sua posição-sujeito, que o narrador acessa constantemente no decorrer da narrativa. Assim, o gramático se apresenta com uma forma-sujeito⁸⁸ dividida, fragmentada em posições heterogêneas, ante a perda de sentido do sujeito

⁸⁶ Do original: “Ya para entonces Sabaneta había dejado de ser un Pueblo y se había convertido en un barrio más de Medellín, la ciudad la había alcanzado, se la había tragado; y Colombia, entre tanto, se nos había ido de las manos. Éramos, y de lejos, el país más criminal de la tierra, y Medellín la capital del odio. Pero estas cosas no se dicen, se saben. Con perdón.” (VALLEJO, 2002, p. 10).

⁸⁷ Do original: Como aquí el que vive se venga, los que te cascaron se meten al hospital y te rematan saliendo de la operación exitosa: de cuatro o cinco o veinte tiros en el coconut a ver si los médicos antioqueños son tan buenos neurocirujanos como cardiólogos. Después van saliendo muy tranquilos, muy campantes, guardando el tote, a fumarse un “varillo” o a meter basuco. Un “varillo” es un simple cigarrillo de marihuana, y el basuco ya lo explique (VALLEJO, 2002, p.73).

⁸⁸ Conceito da Análise do Discurso, em que a forma-sujeito regula os saberes da Formação Discursiva.

moderno, a forma-sujeito do narrador se vê afetada pela necessidade de novas possibilidades de inscrição que são determinadas a partir do desejo, de maneira que a forma-sujeito do sicário represente, para o narrador, o desejo reprimido do sujeito burguês-intelectual de matar tudo que não lhe agrada e que explicita abertamente no romance, como instituições, lugares, pessoas e até ele mesmo. Assim, encontra no seu relacionamento com o sicário a construção de um novo sujeito, na busca de um outro sentido de inscrição dentro do momento pós-moderno que parece oferecer novas alternativas ante a crise cognitiva conjuntural que:

faz desacreditar ao narrador, protagonista de macro modelos que guiem sua apreensão do entorno cultural, social e político: as arquiteturas modernas de conhecimento têm se tornado efêmeras e não são produtivas, segundo se deduz dos seus textos. A subjetividade do narrador necessita de novos marcos de referência que nem sequer fluem em direção de um transnacionalismo mas, especificamente, ao campo de um pós-nacionalismo melancólico que ainda se percebe na existência sentimental da pátria colombiana⁸⁹(GARRIDO, 2009, p. 41).

Desta forma, surgem apontamentos que revelam formas de enfrentamento face à impotência de transformação política, como o seriam a melancolia, a violência e a diáspora, as quais se manifestam na esfera de um momento pós-nacional, nos levando a pensar na possibilidade destes fenômenos como espaços de enunciação, nos quais o sujeito vallejianos se inscreve, assumindo atitudes que, a nosso ver, só fazem sentido enquanto pensadas nos contextos melancólicos, de violência e diáspora. Estes refletem e coincidem com características que encontramos no narrador Fernando e também no sicário Alexis configurando, assim, a Formação Discursiva porosa do narrador, entre os valores tradicionais e os valores do narcotráfico, que geram a melancolia, a violência e a diáspora, como reflexo da triste situação do Estado colombiano e como sintomas provocados pela morte do ideal de povo, de país e de cultura. Por isso nos permitimos citar este longo trecho da obra como síntese da Formação Discursiva do narrador que, ante a perda do que foi, configura o seu próprio desejo lembrando:

Mas, quando meu rosto se afogueava de raiva, passamos por Bombay, a “bomba de gasolina” da minha infância, que era ao mesmo tempo um bar, e as lembranças começaram a me embalar de mansinho, como uma brisa de orvalho, refrescante, benfazeja, e apagaram o incêndio da minha indignação. A bomba de Bombay, que

⁸⁹Do original: “hace descreer al narrador protagonista de macromodelos que guíen su aprehensión del entorno cultural, social y político: las arquitecturas de conocimiento modernas han devenido efímeras y no son productivas, según se deduce de sus textos. La subjetividad del narrador necesita de nuevos marcos de referencia que ni siquiera fluyen hacia un transnacionalismo sino, específicamente, al campo de un posnacionalismo melancólico que aún columbra la existencia sentimental de la patria colombiana (GARRIDO, 2009, p. 41).

maravilha! Fora, era um simples jato de gasolina, e dentro, um bar, mas que bar! Ali, nas noites alvoroçadas de vagalumes e mariposas, a luz de uma Coleman, acalorados pela aguardente e pela paixão política, os conservadores e os liberais se matavam a machete, por idéias. Quais idéias, eu nunca soube; mas que maravilha! E a nostalgia do passado, do vivido, do sonhado ia desfranzindo meu cenho. E, sobre as ruínas do Bombay atual, o casco do que fora, uma nuvem esgarçada, rompendo um céu brumoso, ia me retorcendo a infância, até que eu voltava a ser criança e o sol voltava a sair, e eu me via descendo aquela estrada, uma tarde, correndo com meus irmãos. E, felizes, inconscientes, desperdiçando o jorro das nossas vidas, passávamos em frente ao Bombay perseguindo um balão. Com sua agulha rombuda uma vitrola do bar tocava um disco arranhado: “Um amor que se foi, outro amor que me esqueceu, pelo mundo eu vou penando. Amorzinho, quem te ninará, pobrezinho que perdeu seu ninho, sem achar abrigo bem sozinho vai. Caminhar e caminhar, já começa a escurecer, e a tarde vai se escondendo...”. E meus olhos se encharcaram de lágrimas quando, deixando para sempre Bombay para trás, voltou a soar aos arrancos, em meu coração arranhado, esse “Sendeirinho do amor” que ouvi em criança naquele bar pela primeira vez naquela tarde (VALLEJO, 2006, p. 89-90).

Este trecho representa um dos momentos mais profundos e fortes do romance, em que o narrador se encontra frente a seu passado que, embora conflitivo em função das rinhas políticas entre liberais e conservadores, ainda era melhor do que o presente que ele estava vivendo no seu percurso pela cidade, o que demonstra, mais uma vez, como a cidade se configura como espaço de representação moderna do caos, que não oferece maiores possibilidades ante a pobreza, exclusão, abandono, conflito armado, ilegalidade, insegurança, corrupção, etc. Esse estado de caos semeia incerteza, desesperança e tristeza profunda ante a situação vivida, convertendo a vida dos sujeitos em um reflexo do estado melancólico do ser, apresentado por Freud em seu estudo *Luto e melancolia* (1917), e que contextualiza o momento inicial do romance em que o narrador volta a Medellín para morrer:

A melancolia se caracteriza psiquicamente por um estado de ânimo profundamente doloroso, um fim do interesse pelo mundo exterior, a perda da capacidade de amar, a inibição de todas as funções e a diminuição de amor próprio⁹⁰ (FREUD, 1917, p. 2).

Dentre essas características destacamos, no narrador Fernando, “um estado de ânimo profundamente doloroso”, especialmente frente à situação da Colômbia que encontra na sua volta ao país enquadrado num contexto moderno e globalizado. Fernando se insere neste contexto, de certa forma, pelo envolvimento sentimental com o sicário, dentro de uma cultura determinada pelo narcotráfico, como uma possibilidade ante o abandono político do sujeito, deslocando os espaços de poder para novas representações periféricas, como opção de que os excluídos, pobres e com menos possibilidades encontram para sobreviver nesse contexto.

⁹⁰ Do original: “La melancolía se caracteriza psíquicamente por un estado de ánimo profundamente doloroso, una cesación del interés por el mundo exterior, la pérdida de la capacidad de amar, la inhibición de todas las funciones y la disminución de amor propio.”(FREUD, 1917, p. 2).

Assim, o narrador, na sua estrutura melancólica dá “voz ao que o sujeito passa a vida a evitar: a dor de existir. Nestes [os melancólicos] ela está a céu aberto.” (QUINET, 2006, p. 171).

A melancolia, a violência e a diáspora, como sintomas visíveis no narrador, ante a situação social e política da Colômbia, estão fortemente impregnadas pela figura da morte, a qual marca o tom predominante no romance, que propõe diversas formas de olhar para esta, estabelecendo um jogo de sentidos múltiplos que enriquece a narrativa. Antes de dar à morte um sentido sensacionalista, trágico ou simplista, o narrador estabelece uma relação direta com ela, a qual revela a melancolia como uma pulsão de morte⁹¹ dirigida para dentro de si. A violência, vista também como o sintoma mais representativo no sicário, resulta a partir da pulsão de morte dirigida para fora, principalmente com a necessidade de satisfação do desejo do narrador, de matar e eliminar formas e situações com as quais ele não se identifica, e que consegue materializar através do ato de matar do sicário; e, por fim, a diáspora, vista como uma morte simbólica pela renúncia ou não pertencimento a uma comunidade, a um país.

A violência é também explicitada pelo narrador através das falas que expressam a inconformidade para com as coisas que lhe causam tanta indignação, criticando o Estado colombiano e fazendo deste um dos principais responsáveis dos problemas que atingem o país, como no seguinte trecho:

Continuemos para Sabaneta no táxi que pegamos, pela mesma estradinha há cem anos esburacada, de buraco em buraco: é que a Colômbia muda mas continua igual, são novas caras de um velho desastre. Será que esses porcos do governo não são capazes de asfaltar uma estrada tão essencial, que passa bem no meio da minha vida? Gonorréias! (Gonorréia é o insulto máximo entre as galeras das comunas, e comunas, depois eu explico o que são.)⁹² (VALLEJO, 2006, p. 12).

Esta forma de violência não é vista apenas como um sintoma do sujeito, mas sim

⁹¹ As pulsões de morte, seguindo a teoria freudiana das pulsões, “designam uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõem as pulsões de vida e que tendem a redução completa das tensões, quer dizer, a devolver o ser vivo ao estado inorgânico. As pulsões de morte se dirigem primeiramente para dentro e tendem à autodestruição; secundariamente se dirigem ao exterior, manifestando-se, então, em forma de pulsão agressiva ou destrutiva” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1971, p. 348). Do original: “designan una categoría fundamental de pulsiones que se contraponen a las pulsiones de vida y que tienden a la reducción completa de las tensiones, es decir, a devolver al ser vivo al estado inorgánico. Las pulsiones de muerte se dirigen primeramente hacia dentro y tienden a la autodestrucción; secundariamente se dirigirán hacia el exterior, manifestándose entonces en forma de pulsión agresiva o destructiva. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1971, p. 348).

⁹² Do original: “Sigamos hacia Sabaneta en el taxi en que íbamos, por la misma carreterita destartalada de hace cien años, de bache en bache: es que Colombia cambia pero sigue igual, son nuevas caras de un viejo desastre. ¿Es que estos cerdos del gobierno no son capaces de asfaltar una carretera tan esencial, que corta por en medio mi vida? ¡Gonorreas! (Gonorrrea es el insulto máximo en las barriadas de las comunas, y comunas después explico qué son.)” (VALLEJO, 2002, p. 12).

como ferramenta metodológica na narrativa, para agredir com as palavras, pois sendo um gramático, o narrador Fernando sabe utilizar seu conhecimento e fazer deste uma forte arma com a qual parece querer dar o troco ao Estado, pelo dano que lhe causa, pela corrupção e por oprimir a população. Pelas suas palavras o narrador consegue, também, aceder a um dos momentos em que mais se representa sua violência no romance, ao desejar a morte de um *punk* que lhe incomodava com barulhentos ensaios de bateria:

Esse metaleiro desgraçado estragou nossa noite”, eu me queixava. “Não é um metaleiro”, Alexis me explicou quando o apontei para ele no dia seguinte, na rua. “É um punk.” “Seja o que for. O que eu queria mesmo era matar esse babaca.” “Eu o mato para você”, disse Alexis com aquela sua complacência sempre atenta a meus menores caprichos⁹³ (VALLEJO, 2006, p. 24).

Assim, o narrador expressa seu mais contundente desejo de morte, determinando sua relação com o sicário, a qual gera sentidos em torno ao gozo que ela lhes causa e que, posteriormente, desencadeia questionamentos em torno da autoria e responsabilidade dos assassinatos. Assim, se estabelece a conexão entre os dois protagonistas do romance, pois é através desse gozo e da morte que seu relacionamento se constrói. Basicamente, o sicário é, para Fernando, a figura na qual se dirigem seus desejos sexuais e de morte, contextualizados pela psicanálise a partir do conceito de pulsão, mais especificamente a pulsão de morte.

Pela porosidade característica das Formações Discursivas podemos perceber, constantemente, a alternância e a sobreposição entre estas, já que se estabelecem relações de força e de sentido entre elas, dirigindo-se ao interdiscurso e reconfigurando a formação discursiva em que se inscreve o narrador. Destacamos, também, sua posição-sujeito burguesa, que faz com que a personagem Fernando se identifique em muitos momentos do romance com a forma burguesa do Estado, segregando os pobres, alheios aos bens simbólicos da cultura, e tratando-os como responsáveis pela problemática social, ao mesmo tempo em que os ataca pela superpopulação, deslocamento massivo para os grandes centros e, em geral, por quaisquer dos processos que afetem, em certo grau, a sociedade na qual se desenvolvem estes grupos. Assim, a oposição entre as classes se faz evidente no seu discurso, como podemos observar no seguinte trecho da obra, que revela sua formação discursiva neoliberal,

⁹³ Do original: “‘Ese metalero condenado ya nos dañó la noche’, me quejaba. ‘No es metalero – me explicó Alexis cuando se lo señalé en la calle al otro día - . Es un punkero’. ‘Lo que sea. Yo a este mamarracho lo quisiera matar’. ‘Yo te lo mato – me dijo Alexis con esa complacencia suya atenta siempre a mis más mínimos caprichos.’ (VALLEJO, 2002, p. 25).

capitalista, conservadora e de segregação:

O vandalismo por toda parte e a horda humana: gente e mais gente e mais gente e, como se fôssemos poucos, de vez em quando uma velha grávida, uma dessas putas cadelas paridoras que pululam por todo lado com suas barrigas impudicas na mais monstruosa impunidade. Era a turba invadindo tudo, destruindo tudo, emporcalhando tudo com sua miséria crapulosa. “Chegue para lá, ralé imunda!” Íamos meu menino e eu abrindo caminho aos empurrões em meio a essa gatinha agressiva, feia, abjeta, essa raça depravada e subumana, a monstroteca. Isto que vêem aqui, marcianos, é o presente da Colômbia e o que os espera a todos se não pararem a avalanche. Fiapos de frases falando de roubos, de assaltos, de mortos, de ataques (aqui todo mundo foi assaltado ou morto pelo menos uma vez) me chegavam aos ouvidos, pautados pelas inevitáveis delicadezas, “seu putó” e “filho da puta”, sem as quais essa raça fina e sutil não consegue abrir a boca. E esse cheiro de gordura rançosa e de frituras e de gases de esgoto...É! É! É! Se vê. Se sente o povo está presente⁹⁴ (VALLEJO, 2006, p. 60).

A porosidade no interior das diferentes Formações Discursivas permite, novamente, estabelecer sentido entre estas, nas quais se inscreve o narrador, se contra identificando, dando espaço para a violência através da ironia, como quando o narrador se refere às “inevitáveis delicadezas” de uma “raça fina e sutil”, pois se vale da ironia para, acompanhando o propósito da mesma, dizer uma coisa por outra, que se manifesta também como o não dito, particularmente importante para o nosso Dispositivo Teórico Analítico. A ironia, como forma intelectual de violência, permite a descarga dos impulsos sem o ato violento direto, e é utilizada por Vallejo em grande parte da sua obra. Lembramos que Garrido já destaca a ironia como elemento fundamental do texto autoficcional de Fernando Vallejo, afirmando que:

o narrador inverte cinicamente os significantes identitários que constituem, em grande medida, a colombianidade, desde sua ficção constitutiva como nação, até a práxis cotidiana na que se repete a mesma dinâmica colonial no contexto nacional

⁹⁴ Do original: “El vandalismo por donde quiera y la horda humana: gente y más gente y más gente como si fuéramos pocos, de tanto en tanto una vieja preñada, una de estas putas perras paridoras que pululan por todas partes con sus impúdicas barrigas en la impunidad más monstruosa. Era la turbamulta invadiéndolo todo, destruyéndolo todo, emporcándolo todo con su miseria crapulosa. “A un lado, chusma puerca!” Íbamos mi niño y yo abriéndonos passo a empellones por entre esa gentuza agresiva, fea, abyecta, esa raza depravada y subhumana, la mostroteca. Esto que véis aquí marcianos es el presente de Colombia y lo que les espera a todos si no paran la avalancha. Jirones de frases hablando de robos, de atracos, de muertos, de asaltos (aquí a todo el mundo lo han atracado o matado una vez por lo menos) me llegaban a los oídos pautadas por las infaltables delicadezas de “malparido” e “hijueputa” sin las cuales esta raza fina y sutil no puede abrir la boca. Y ese olor a manteca rancia y a fritangas y a gases de cloaca... ¡Qué és! ¡Qué és! ¡Qué és! Se ve. Se siente. El Pueblo está presente.” (VALLEJO, 2002, p. 64)

contemporâneo⁹⁵ (2009, p. 160).

Desta forma observamos os diferentes níveis que o discurso irônico atinge, desde o cinismo com os pobres até com a figura do Estado, da Igreja e de Deus, constituindo parte fundamental no texto para questionar os modelos tradicionais que regem o imaginário do sujeito moderno. Novamente verificamos a ironia no seguinte comentário do gramático Fernando, ante a situação violenta da Colômbia:

Senhor Procurador: sou a memória da Colômbia e sua consciência, e depois de mim não haverá nada. Quando eu morrer, aí, sim, é que vai ser o fim de tudo, o descontrole. Senhor Promotor-Geral ou Procurador ou como quer que se chame, saiba que ando correndo risco de morte na rua: com as atribuições que lhe deu a nova Constituição, proteja-me⁹⁶ (VALLEJO, 2006, p. 20).

Por último, a diáspora, como segmentação e estilhaçamento social, se manifesta na totalidade da obra, porém de forma oculta, como o não dito, pois não é referenciada literalmente em nenhum momento do romance. Caracteriza, entretanto, o quadro diaspórico no qual o narrador se inscreve, como representação do sujeito colombiano contemporâneo que tem se mantido em constante migração nas últimas cinco décadas em função da impotência frente aos problemas e da tentativa de abordá-los à distância ou de negá-los. O panorama que a Colômbia vem apresentando após o surgimento do narcotráfico, que faz com que muitos queiram sair do país à procura de um entorno melhor para viver, é contextualizado, na obra, pelo constante deslocamento do narrador em seu percurso pela cidade de Medellín, caracterizando o sujeito diaspórico.

Identificamos, assim, como o momento histórico que se vive no romance caracterizando um sujeito em transição entre a modernidade e a pós-modernidade, o qual não possui uma única identidade, mas sim múltiplas, que estabelecem sentidos em várias direções, com o fim de suprir os desejos, também múltiplos, que este indivíduo precisa preencher para se inscrever no mundo contemporâneo. Stuart Hall (2006) contextualiza o conceito de sujeito fragmentado, um indivíduo diferente daquele do Iluminismo, pensado como centrado e

⁹⁵ Do original: “el narrador passa por invertir cínicamente los significantes identitários que constituyen, en gran medida, la colombianidad, desde su ficción constitutiva como nación, hasta la praxis cotidiana en la que se repite la misma dinámica colonial en el contexto nacional contemporáneo (GARRIDO, 2009, p. 160).

⁹⁶ Do original: “Señor Procurador: Yo soy la memoria de Colombia y su conciencia y después de mi no sigue nada. Cuando me muera aquí sí que va a ser el acabóse, el descontrol. Señor Fiscal General o Procurador o como se llame, mire que ando en riesgo de muerte por la calle: con las atribuciones que le dio la nueva Constitución protéjame.” (VAJELLO, 2001, p. 21).

unificado, mas que revelava um sujeito individualista, que não visualizava uma relação em direção ao outro, e apontava para um pensamento eurocêntrico, em que o homem, branco e europeu, era o único que se tinha como referência identitária. Oposto a isso, esse sujeito fragmentado:

assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2006, p. 13).

Em *La Virgen de los Sicarios*, este sujeito está representado pela figura do narrador Fernando que, como analisamos anteriormente, se inscreve em diferentes Formações Discursivas, o que lhe permite encarar processos de identificação múltiplos, através dos quais desloca seu posicionamento de escritor e gramático burguês acessando o mundo do sicário. O próprio personagem assume suas múltiplas identificações, como exemplifica o seguinte trecho da obra: “Aquele anjinho tinha capacidade de desencadear em mim todos os meus demônios interiores, que são como minhas personalidades: mais de mil”⁹⁷ (VALLEJO, 2006, p. 25). Ao mesmo tempo em que se assume como um sujeito fragmentado, se mostra preocupado com a mudança que o tempo exerceu no seu ser e no seu país, alterando a ideia da sua infância, de sujeito unificado, numa Colômbia idealizada, intacta, que ainda não tinha se estraçalhado pela violência:

Sim, senhor, Medellín à noite é bela. Ou belo? Já não sei, nunca soube se é mulher ou homem. O que for. Como eu já disse que essas luzinhas eram almas, ela acaba tendo mais almas que eu: três milhões e meio. E eu, uma só, mas em pedaços. “Virgenzinha menina de Sabaneta, que eu volte a ser o que fui em criança, um só. Ajuda-me a juntar as tábuas do naufrágio.” As velas de Maria Auxiliadora pulsavam em uníssono como as luzinhas de Medellín na noite unânime, rogando ao céu que nos fizesse o milagre de voltarmos a ser. A ser aqueles que fomos. “Já não sou eu, Virgenzinha menina, tenho a alma partida.”⁹⁸ (VALLEJO, 2006, p. 30).

⁹⁷ Do original: “Ese angelito tenía la propiedad de desencadenarme todos mis demonios interiores, que son como mis personalidades: más de mil.” (VALLEJO, 2002, p. 26).

⁹⁸ Do original: “Sí señor, Medellín en la noche es bello. ¿O bella? Ya ni sé, nunca he sabido si es hombre o mujer. Lo que sea. Como esas lucecitas ya dije que eran almas, viene a tener más almas que yo: tres millones y medio. Y yo una sola pero en pedazos. ‘Virgencita niña de Sabaneta, que vuelva a ser el que fui de niño, uno solo. Ayúdame a juntar las tablas del naufragio’. Las veladoras de María Auxiliadora palpitaban al unísono como las lucecitas de Medellín en la unánime noche, rogándole al cielo que nos hiciera el milagro de volver a ser. A ser los que fuimos. ‘Yo ya no soy yo, Virgencita niña, tengo el alma partida’.” (VALLEJO, 2002, p. 31).

É evidente a personificação da cidade feita pelo narrador, ao questionar se Medellín é homem ou mulher. Assim, Fernando estende sua condição de sujeito fragmentado para a cidade, como representação dessa multiplicidade e indefinição, que configura, por sua vez, a própria Colômbia aos pedaços. Essa fragmentação do sujeito expõe também uma fragmentação no interior da própria cultura colombiana, representada pelas dualidades que conformam o conflito interno deste país, revelando, mais uma vez, a problemática que o Estado representa ao querer unificar os indivíduos no construto de nação.

Finalmente, voltamos à figura da morte, que se apresenta como constituinte do narrador em diversos momentos da obra, e se configura como o eixo em que convergem múltiplos aspectos estabelecidos não só a partir da morte real, mas da simbólica, a do idioma, a dos bons costumes e a da Colômbia da infância do próprio narrador Fernando. Assim, a morte marca pontos de partida e de chegada, sendo o motivo pelo qual o narrador volta ao seu país e o motivo pelo qual o sicário se encontra desempregado – em função da morte do maior empregador de sicários, Pablo Escobar –, mas, sobretudo, pela importância que o narrador dá à morte, personificando-a a ponto de nomeá-la como a senhora Morte: “Um dia, quando menos imaginarmos, querendo ou não, iremos parar no necrotério para ver se sim ou se não, para contar cadáveres, para somá-los às cifras exorbitantes da Morte, minha senhora, a única que reina aqui”⁹⁹ (VALLEJO, 2006, p. 54). Assim, o gramático reconhece-a como o sentido principal da vida, “pois nascemos para morrer”¹⁰⁰ (VALLEJO, 2006, p. 36). Esta consciência frente à morte é o que o faz acreditar que impor a vida seja o crime máximo, pois vê a condição reprodutora que ele tanto critica como um agravante para a condição social da Colômbia, onde se convive mais de perto com a morte, como enfatiza o narrador. Percebemos a importância da morte para o narrador num coerente jogo de sentidos e significados, que encontra uma significativa representação através da metáfora, importante elemento para a Análise do Discurso. A metáfora utilizada pelo narrador é a da figura do rio, especificamente, o Cauca. Desde a mitologia grega, o rio tem adquirido fortes significados com relação à ideia de transformação constante, de fluxo e de começo e fim, como representação da vida e da morte. Em *La Virgen de los Sicarios*, o rio Cauca, que atravessa Medellín, é utilizado pelo narrador para materializar sua consciência frente ao constante fluxo do tempo em direção à

⁹⁹ Do original: Algún día, cuando menos lo pensemos, queriendo o no queriendo, iremos a dar a la morgue a ver si sí o si no, a contar cadáveres, a sumárselos a las cifras desorbitadas de la Muerte, mi señora, la única que aquí reina.” (VALLEJO, 2002, p. 58).

¹⁰⁰ Do original: “Para morir nacimos.” (VALLEJO, 2002, p. 38).

morte e como constituinte real da via, pois ao nascer, a única certeza do ser humano é a inevitável trajetória em direção à morte, condicionada pela inexorabilidade do tempo, que o narrador enfatiza no seu discurso, como observamos neste trecho do romance:

Neste mundo, sempre chega o dia de cada um: passa o prefeito, passa o ministro, passa o presidente, e o Cauca continua correndo, correndo, correndo para o vasto mar, que é o grande reservatório dos desaguidados. Por que digo isso? Pois é, meu amigo, olhe, veja, pense, porque chegou também o dia da televisão. A morte dessa maldita é digna de um poema.¹⁰¹ (VALLEJO, 2006, p. 33)

Assim, a importância da morte apontada pelo narrador permite manter o curso da narrativa, acompanhando seu relacionamento com Alexis, enquanto percebe a morte simbólica da Colômbia que ele conheceu na sua infância, do idioma e dos costumes já que, para um gramático como ele, as falas em gíria, utilizadas nas comunas, representam uma doença da língua, que vem junto com o surgimento das próprias comunas como doença social e que ameaça os costumes tradicionais. A manifestação de duas formações discursivas a partir da linguagem se fazem visíveis através da linguagem culta/tradicional por um lado e, a da linguagem das comunas no outro, como revela este trecho do romance:

Se a Morte me quer, se está amarrada em mim, que desça até aqui. “Amarrada”, eu disse, e de fato, no sentido das comunas. Como quando um rapaz dali disse: “Esse tira está amarrado em mim”. Um “tira” é um policial, mas “amarrado”? Será que é veado? Não, é que quer mata-lo. Nisso consiste sua amarração: no contrário. Qualquer sociólogo de araque [...] concluiria que a exasperação de uma sociedade se segue a do idioma. Pois sim! O idioma é isso mesmo, por si só já é louco. E a Morte, uma trabalhadora obsessiva. Não descansa¹⁰² (VALLEJO, 2006, p. 52).

Portanto, identificamos um dos sentidos que se dão entre o narrador e o sicário, através da morte, sendo o sicário a figura utilizada pelo narrador para acessá-la mais diretamente, com suas várias significações, e que se estabelece a partir do desejo sexual de Fernando por Alexis, alimentado pelo fascínio oculto exercido no ato de matar.

¹⁰¹ Do original: A todo se le llega en este mundo su día: pasa el alcalde, pasa el ministro, pasa el presidente y el Cauca sigue fluyendo, fluyendo, fluyendo hacia el ancho mar que es el gran vertedero de desagües. ¿Qué por qué lo digo? Hombre, mire, vea, fijese, porque se le llegó también su día al televisor. La muerte de este maldito es digna de un poema (VALLEJO, 2002, p. 35).

¹⁰² Do original: “Si la Muerte me quiere, si está enamorada de mí, que baje aquí. “Enamorada” dije y efectivamente, en el sentido de las comunas. Como cuando un muchacho de allí dice: “Ese tombo está enamorado de mí”. Un “tombo” es un policía, ¿pero “enamorado”? ¿Es que es marica? No, es que lo quiere matar. En eso consiste su enamoramiento: en lo contrario. Cualquier sociólogo chambón [...] concluiría de esto que al desquiciamiento de una sociedad se sigue el del idioma. ¡Que vá! Es que el idioma es así, de por sí ya es loco. Y la Muerte una obsesiva laboradora. No descansa.” (VALLEJO, 2002, p. 56).

CAPÍTULO IV

ROJO – CENA 3: A DIÁSPORA ACESA NO CORAÇÃO DO SUJEITO COLOMBIANO

[...] en tiempos donde nadie escucha a nadie
 en tiempos donde todos contra todos
 en tiempos egoístas y mezquinos
 en tiempos donde siempre estamos solos
 habrá que declararse incompetente
 en todas las materias de mercado
 habrá que declararse un inocente
 o habrá que ser abyecto y desalmado
 yo ya no pertenezco a ningún istmo
 me considero vivo y enterrado
 yo puse las canciones en tu walkman
 el tiempo a mi me puso en otro lado
 tendré que hacer lo que es y no debido
 tendré que hacer el bien y hacer el daño
 no olvides que el perdón es lo divino
 y errar a veces suele ser humano [...]

(Fito Páez)

Na Colômbia, dentro da cultura do narcotráfico, surgiu uma figura que, inicialmente, tinha como propósito assassinar quem representasse um problema para o funcionamento das redes do tráfico, da mesma forma como já acontecia no modelo da máfia italiana e outros esquemas delinquentes organizados, nos quais os problemas eram resolvidos encomendando e pagando por qualquer morte necessária. Terceirizar o trabalho de assassinar por encomenda se popularizou rapidamente, tornando-se uma opção de emprego para uma grande quantidade de jovens da periferia que, ante a falta de emprego e melhores oportunidades, adotaram este tipo de trabalho como profissão, mesmo que isso significasse viver perto da morte. Os jovens trabalhadores desta subcultura do narcotráfico na Colômbia são conhecidos, desde então, como sicários. O narrador de *La Virgen de los Sicarios* enfatiza, no romance, a pouca idade destes assassinos por encomenda:

E os homens? Os homens, em geral, não, aqui os sicários são crianças ou rapazinhos, de doze, quinze, dezessete anos, como Alexis, meu amor: ele tinha os olhos verdes, profundos, puros, de um verde que valia por todos os da savana. Mas,

se tinha pureza nos olhos, Alexis tinha o coração devastado.¹⁰³ (VALLEJO, 2006, p. 9)

Alexis, amante do narrador Fernando, é um jovem sicário que enriquece o relato do romance, pois sua figura representa um dos níveis mais decadentes dentro dos conflitos sociais contemporâneos latino-americanos, sendo *La Virgen de los Sicarios* uma obra fundamental dentro da estética que surgiu em torno da imagem do sicário. A realidade destes jovens assassinos é tão chocante que os relatos ficcionais não dão conta de expressar a vida que estas cobaias do narcotráfico têm como realidade. O narrador do romance se refere a esta realidade comparando-a ao surrealismo: “Surrealistas estúpidos! Passaram por este mundo, castos e puros sem entenderem nada de nada, nem da vida nem do surrealismo. O pobre surrealismo se espatifa aos cacos contra a realidade da Colômbia.”¹⁰⁴ (VALLEJO, 2006, p. 109)

Este contexto se instaurou na Colômbia, mais especificamente em Medellín, e foi promovido com força desde o início por Pablo Escobar, o maior e mais forte capo da droga conhecido na história do território colombiano, que gerou uma visibilidade muito negativa do país frente ao resto do mundo, pela guerra que declarou contra o Estado colombiano, na qual morreram, de forma violenta, muitas pessoas envolvidas ou não na sua empreitada. Este sistema conhecido como sicariato foi, posteriormente, adotado no México, especialmente pelos grupos de narcotraficantes que ali operam, com a mesma intenção que teve na Colômbia: a de pagar pelo assassinato daqueles que se colocam contra os propósitos dos narcotraficantes. Este fenômeno do sicariato não demorou em gerar todo tipo de relato por parte dos próprios sicários, e de quem conhecia de perto alguns destes jovens e, com o tempo, acabaram sendo representados na literatura, no cinema e nas telenovelas. Os meios de comunicação, como ferramenta dentro do construto social, têm sido importantes veículos de divulgação de uma cultura em torno ao narcotráfico. Percebe-se na disputa entre as duas principais emissoras de televisão colombianas por contar as histórias dos capos da droga, das suas parceiras e amigos mais próximos, como se fossem verdadeiros heróis da pátria, estimulando negativamente a produção dos bens simbólicos que são adotados pela sociedade,

¹⁰³ Do original: “Y los hombres? Los hombres por lo general no, aquí los sicarios son niños o muchachitos, de doce, quince, diecisiete años, como Alexis, mi amor: tenía los ojos verdes, hondos, puros, de un verde que valía por todos los de la sabana. Pero si Alexis tenía la pureza en los ojos tenía dañado el corazón.” (VALLEJO, 2002, p. 9)

¹⁰⁴ Do original: ¡Surrealistas estúpidos! Pasaron por este mundo castos y puros sin entender nada de nada, ni de la vida ni del surrealismo. El pobre surrealismo se estrella en añicos contra la realidad de Colombia. (VALLEJO, 2002, p. 118)

mas principalmente, promovendo uma cultura estruturada na violência, na corrupção e na ilegalidade, afetando a noção dos valores dentro da sociedade colombiana, pois “a lógica da espetacularização pela qual se regem os meios massivos de comunicação, especialmente a televisão, entram numa perversa cumplicidade com os perpetradores de atos violentos.”¹⁰⁵ (VON DER WALDE, 2001, p. 31) Assim, figuras como Pablo Escobar se converteram em personagens heroicos do imaginário nacional colombiano, através da sua representação em novelas, seriados, filmes e documentários, chegando ao ponto de vender camisetas e produtos que promovem a sua imagem. Estes relatos adotados com força, principalmente, na literatura, na televisão e no cinema, têm um papel importante para a representação e construto social e indenitário dos sicários, estabelecendo códigos de referência que são adotados por eles, com a intenção de se inscrever fora de uma ideia unificada de Estado, permitindo que se identifiquem com um tipo específico de sujeito, que acentua as relações de diferença já tão presentes no sujeito pós-moderno.

Esta relação de desigualdade é um dos traços mais trabalhados por Vallejo em *La Virgen de los Sicarios*, pois é a partir da diferença que se estrutura o relacionamento entre o narrador do romance, Fernando, e o sicário, Alexis, originário das comunas de Medellín, carente de educação e inserido numa realidade muito diferente à do narrador, que assim explica o que são as comunas:

Quando nasci, as comunas não existiam. Nem mesmo em minha juventude, quando parti. Encontrei-as na minha volta, em plena matança, florescendo, pesando sobre a cidade com sua desgraça. Bairros e bairros de casinhas amontoadas umas sobre as outras nas encostas dos morros, retumbando com sua música, envenenando-se de amor ao próximo, as ânsias de matar competindo com a fúria reprodutora. [...] As pessoas nas comunas sobem até o céu mas descendo para os infernos. Porque chamaram de comuna o conjunto dos bairros de uma montanha? Talvez porque os fundadores tenham feito uma rua ou esgoto por ação comunitária. Tirando forças da preguiça comum. Os fundadores, como se sabe, eram camponeses: gatinha humilde, que trazia do campo seus costumes, como rezar o terço, beber aguardente, roubar o vizinho e se matar por ninharias em brigas de machete. Que podia nascer de semelhante esplendor humano? Mais. Mais e mais e mais.¹⁰⁶ (VALLEJO, 2006, p. 27)

¹⁰⁵ Do original: “La lógica de espectacularidad por la que se rigen los medios masivos de comunicación, especialmente la televisión, entra en una perversa complicidad con los perpetradores de actos violentos.” (VON DER WALDE, 2001, p. 31)

¹⁰⁶ Do original: “Las comunas cuando yo nací ni existían. Ni siquiera en mi juventud, cuando me fui. Las encontré a mi regreso en plena matazón, florecidas, pesando sobre la ciudad como su desgracia. Barrios y barrios de casuchas amontonadas unas sobre otras en las laderas de las montañas, atronándose con su música, envenenándose de amor al prójimo, compitiendo las ansias de matar con la furia reproductora. [...] Uno en las

Esta citação do romance representa o contexto de origem do sicário, a partir do ponto de vista do narrador, evidenciando o contraponto entre duas esferas da sociedade colombiana que raramente se misturam e, quando isto acontece, é para tirar proveito ou benefício uma da outra, quando não seja para tirar a vida, lembrando Medellín dos anos 80 e 90, como revela o seguinte trecho do romance:

E quem disse que eu ia matá-lo? Para isso existem aqui os sicários, para que façam o serviço, como as putas, e sejam contratados por aqueles que podem pagar. São os cobradores das dívidas incobráveis, de sangue ou não. E custam menos que um encanador. É a última vantagem que nos resta nessa coleção de desastres. Enquanto nas comunas continuava a chover e suas ruas, rios de sangue, continuavam a descer com suas águas de dilúvio que tingiam de vermelho a lagoa azul, sumidouro de todos os nossos males, em meu apartamento deserto, sem móveis e sem alma, só, eu estava morrendo, suplicando aos homens da policlínica que costurassem, como pudessem, mesmo que um barbante comum, o coração da minha pobre Colômbia.¹⁰⁷ (VALLEJO, 2006, p. 82)

Este trecho dá indícios da posição-sujeito do narrador como um sujeito burguês, como relatamos no capítulo anterior, e ressalta a diferença entre as personagens do relato, como representação das desigualdades sociais contemporâneas. Essas diferenças são apresentadas, também, através de quem exerce a função de narrar, o escritor Fernando, enquanto o sicário não tem voz ativa no romance, não lhe é dado o dom da palavra, como uma representação da sua participação na sociedade, que o exclui como sujeito de linguagem, capaz de simbolização. É reservado para ele apenas um lugar de gozo, não simbólico, que é a morte, dentro do discurso dominante. Em função disso, o sicário busca fazer laço social matando, a fim de inscrever-se na sociedade que o exclui.

O escritor colombiano Hector Abad Faciolince, ante a situação violenta do seu país, também faz importantes contribuições à literatura que narra a violência, especialmente por ser

comunas sube hacia el cielo pero bajando hacia los infiernos. ¿Por qué llamaron al conjunto de los barrios de una montaña comunas? Tal vez porque alguna calle o alcantarilla hicieron los fundadores por acción comunal. Sacando fuerzas de pereza. Los fundadores, ya se sabe, eran campesinos: genticita humilde que traía del campo sus costumbres, como rezar el rosario, beber aguardiente, robarle al vecino y matarse por chichiguas con el prójimo en peleas a machete. ¿Qué podía nacer de semejante esplendor humano? Más. Y más y más y más.” (VALLEJO, 2002, p. 28)

¹⁰⁷ Do original: “Y quién dijo que yo lo iba a matar? Para eso están aquí los sicarios, para que sirvan, como las putas, y los contraten los que les puedan pagar. Ellos son los cobradores de las deudas incobrables, de sangre o no. Y valen menos que un plomero. Es la última ventaja que nos queda en este cuadro de desastres. Mientras en las comunas seguía lloviendo y sus calles, ríos de sangre, seguían bajando con sus aguas de diluvio a teñir de rojo el resumidero de todos nuestros males, la laguna azul, en mi desierto apartamento sin muebles y sin alma, solo, me estaba muriendo, rogándoles a los de la policlínica que le cosieran, como pudieran, aunque fuera con hilo corriente, a mi pobre Colombia el corazón.” (VALLEJO, 2002, p.88)

um dos tantos colombianos que tem vivenciado de perto as consequências desta situação, tendo sido seu pai assassinado pelas mãos de um sicário. Sua relação com a violência e o que esta representa para a sociedade colombiana, seguramente, foi sua fonte de inspiração para escrever o que a crítica literária considera como sua melhor obra, *El olvido que seremos* (2006), que exterioriza seu sentimento frente ao assassinato de seu pai. Sua maior contribuição, no entanto, foi denominar o surgimento da estética literária que faz referência à vida do sicário, chamando-a de “sicaresca”, no artigo *Estética y narcotráfico* (2008), publicado na *Revista de Estudios Hispánicos*:

Há uma nova escola literária nascida em Medellín: eu a denominei sicaresca antioqueña. Passamos do sicário à sicaresca. Ao sicário mesmo, inventado por eles, depois o empregaram, o seguem empregando outros grupos. Para cobrar, para ajustar contas, para sequestrar e também para liberar sequestrados, para assuntos políticos.¹⁰⁸ (p. 515)

Montoya (2006) explica o termo cunhado por Faciolince, relacionado à picaresca¹⁰⁹ espanhola, definindo sicaresca como o:

Gênero que nasce em Medellín e que nas suas dinâmicas internas é similar à picaresca. Este termo tem sido cunhado para facilitar a compreensão não só da linguagem, mas da mesma situação vital de certos seres humanos, a quem não temos entendido senão a partir do juízo moral. A Sica é uma espécie de adaga com a que em algumas regiões antigas se matava a quem infringia as normas impostas. Hoje em dia se fala de sicário para assinalar ao que mata com sica, mas este sentido já tem se perdido, e se chama assim a todos aqueles que estão dedicados ao negócio da morte como uma maneira de sobrevivência.¹¹⁰ (2006, s/p)

Relaciona-se a este termo, também, o desenvolvimento da estética “narco”, à qual nos referimos no capítulo anterior, descrita no artigo de Faciolince como o mal gosto dos novos ricos, os narcotraficantes, que têm reforçado o consumo exacerbado, como sinal de crescimento econômico e social, copiando modelos de fora, principalmente norte-americanos.

¹⁰⁸ Do original: “Hay una nueva escuela literaria nascida en Medellín: yo la he denominado la sicaresca antioqueña. Hemos pasado del sicariato a la sicaresca. Al sicario mismo, inventado por ellos, después lo emplearon, lo siguen empleando otros grupos. Para cobrar, para ajustar cuentas, para secuestrar y también para liberar secuestrados, para asuntos políticos.” (FACIOLINCE, 2008, p.515)

¹⁰⁹ Gênero novelesco aparecido na Espanha dos séculos de ouro, caracterizado pela incorporação de um pícaro (anti-herói) como personagem central da obra, supostamente biográfica. (MONTTOYA, 2006, s/p)

¹¹⁰ Do original: “...género que nasce en Medellín y que en sus dinámicas internas es similar a la picaresca. Este término ha sido acuñado para facilitar la comprensión no sólo del lenguaje sino de la misma situación vital de ciertos seres humanos a los que no hemos entendido sino desde el juicio moral. La sica es una especie de daga con la que en algunas regiones antiguas se mataba a los que infringían las normas impuestas. Hoy en día se habla de sicario para señalar al que mata con sica, pero ya este sentido se ha perdido y se le dice así a todos aquellos que están dedicados al negocio de la muerte como una manera de supervivencia.” (MONTTOYA, 2006, s/p)

Entre os diversos estudos realizados para contextualizar os fatos em torno da novela sicarésca, encontramos, também, o da pesquisadora Margarita Jácome, quem lança em 2013, uma completa análise desde o surgimento do fenômeno, aprofundando aspectos relevantes da sicarésca. Um destes é o legado deixado pela figura do narco, e sua influência no surgimento e desenvolvimento do sicário, pois foi essa vida de ostentação, poderio e dinheiro que os jovens admiraram e desejaram, espelhando-se na vida dos narcotraficantes. Assim, os sicários:

se renderam ante às atrações que oferecia a vida do narco, que mesmo estando inserido na ilegalidade de um mundo criminoso masculino, conservava algumas instituições que têm marcado a sociedade colombiana: a mãe, a família e a religiosidade. Desta forma pode-se sugerir que os jovens sicários passaram de uma contracultura juvenil inconformada com a sua exclusão por parte da sociedade e do Estado, a uma subcultura cujos membros compartilham as tendências religiosas, linguísticas e de consumo dos narcotraficantes, configurando um híbrido de crenças, práticas e estilos de vida que oscilam entre a cultura rural e a urbana, entre o antigo e o moderno.¹¹¹ (JÁCOME, 2013, p.41)

Jácome explica, ainda, que os narcotraficantes assumiram uma figura de pai para esses jovens, na maioria dos casos sem a presença masculina em casa, o que representou uma espécie de apadrinhamento, em que se geravam benefícios, cuidados e recompensas monetárias em troca do trabalho. O romance exemplifica essa transferência da cultura do narco para o sicário no seguinte trecho, em que observamos a influência norte-americana e a necessidade de identificação destes sujeitos com modelos estrangeiros, desde a escolha de seus nomes até os desejos de consumo:

Enquanto almoçávamos, os dois faquires, perguntei seu nome: chamava-se Tayson Alexander, para variar? Não. E Yeison? Também não. E Wilfer? Tampouco. E Wilmar? Ele riu. Como eu tinha adivinhado? Mas eu não tinha adivinhado, simplesmente eram os nomes da moda daqueles que tinham a idade dele e ainda continuavam vivos. Pedi que anotasse, num guardanapo de papel, o que esperava desta vida. Com sua letra arrevesada e minha esferográfica, ele escreveu: queria um par de tênis marca Reebok e um jeans Paco Ravanne. Camisas Ocean Pacific e roupa de baixo Kelvin Klein. Uma moto Honda, um jipe Mazda, um aparelho de som laser e uma geladeira para a mamãe: um desses refrigeradores enormes marca

¹¹¹ Do original: “se rindieran ante las atracciones que ofrecía la vida del narco, que aunque estaba inserto en la ilegalidad de un mundo criminal masculino, conservaba muy a su manera unas instituciones que han marcado la sociedad colombiana: la madre, la familia y la religiosidad. De esta forma se puede sugerir que los jóvenes sicarios pasaron de una contracultura juvenil inconforme con su exclusión por parte de la sociedad y el Estado a una subcultura cuyos miembros comparten las tendencias religiosas, lingüísticas y consumistas de los narcotraficantes, conformando un híbrido de creencias, prácticas y estilos de vida que oscilan entre la cultura rural y la urbana, entre lo antiguo y lo moderno.” (JÁCOME, 2013, p.41)

Whirpool que, bastava abrir uma torneirinha, soltavam jatos de cubos de gelo...¹¹²
(VALLEJO, 2006, p. 84)

A preocupação de Faciolince com relação ao surgimento e crescimento da estética do narcotráfico se direciona à literatura, principalmente, quando a fascinação pela figura do sicário como temática recorrente dos relatos transborda as narrativas tradicionais com relação ao construto de nação. Esta tendência se evidencia, além da literatura, na pintura, na televisão e no cinema, elevando a figura do sicário a ponto de ser discutida como categoria sociológica, segundo afirmação de Von der Walde (2001, p. 27), sendo a produção literária de relatos testemunhais a principal fonte de acesso a esta subcultura, até então desconhecida, pois:

O baixo grau de ficção das novelas contribuiu, em não pouca medida, para que se lessem mais como testemunhos que como obras literárias. Mas, por sua vez, se faz visível o lugar social que se atribuía à literatura como espaço com capacidade de render a verdade sobre um evento histórico com tanta verossimilhança e cientificidade, como a que aspiravam possuir as ciências sociais.¹¹³ (VON DER WALDE, 2001, p. 33)

Como exemplo destes relatos testemunhais, que foram os precursores da sicaresca, a pesquisadora destaca dois trabalhos que deram uma visão particular à figura do sicário. O primeiro destes é o filme do cineasta colombiano Victor Gaviria, *Rodrigo D: No Futuro* (1989), trabalhado como documento-ficção, interpretado pelos próprios jovens das comunas de Medellín, mostrando o contexto social de violência, melancolia e morte, no qual suas vidas estavam envolvidas. No segundo trabalho, o relato *No nacimos pa' semilla*, do sociólogo Alonso Salazar, vários sicários contam sua história nas suas próprias palavras, de forma testemunhal, apenas transcritas pelo autor. Além destas obras temos, ainda, o romance *El pelaíto que no duró nada* (1991) de Víctor Gaviria, *Mujeres de fuego* (1993) de Alonso Salazar e, no México, *Cada respiro que tomas* (1992), de Elmer Mendoza e *Me dicen la*

¹¹² Do original: “Mientras almorzábamos los dos faquires le pregunté su nombre: ¿Se llamaba Tayson Alexander acaso, para variar? Que no. ¿Y Yeison? Tampoco. ¿Y Wilfer? Tampoco. ¿Y Wilmar? Se río. ¿Que como lo había adivinado? Pero no lo había adivinado, simplemente eran los nombres em voga de los que tenían su edad y aún seguían vivos. Le pedí que anotara, en una servilleta de papel, lo que esperaba de esta vida. Con su letra atravesada y mi bolígrafo escribió: Que quería unos tenis marca Reebok y unos jeans Paco Ravanne. Camisas Ocean Pacific y ropa interior Kelvin Klein. Una moto Honda, un jeep Mazda, un equipo de sonido láser y una nevera para la mamá: uno de esos refrigeradores enormes marca Whirpool que soltaban chorros de cubitos de hielo abriéndole simplemente una llave...” (VALLEJO, 2002, p. 91)

¹¹³ Do original: “El bajo grado de ficción de las novelas contribuyó en no poca medida a que se leyeran más como testimonios que como obras literárias. Pero a la vez se hace visible el lugar social que se le atribuía a la literatura como espacio con capacidad de render la verdad sobre un evento histórico con tanta verosimilitud y cientificidad como la que aspiraban a poseer las ciencias sociales.” (VAN DER WALDE, 2001, p. 33)

narcosatanica (2000), de Sara Aldrete. A partir destas obras se reconhece uma dura e triste realidade, que anteriormente não tinha sido relatada no contexto colombiano, e que Von der Walde aponta como o momento revelador da complexidade, ainda incompreendida, a qual tinha chegado a situação da Colômbia: “que os vitimizadores eram, por sua vez, vítimas, que a violência na Colômbia tinha ultrapassado os parâmetros com os que se tentava dar razão da mesma, e que se tinha fraturado de forma irreversível o tecido social.”¹¹⁴ (2001, p. 28)

Embora *La Virgen de los Sicarios* não seja a primeira obra que trabalha com o sicário como fonte de inspiração, é reconhecida pela crítica como a mais representativa do gênero “por ser a primeira em alcançar grande difusão e, até certo ponto, em estabelecer alguns parâmetros narrativos que as obras posteriores tomaram como ponto de referência, bem para repeti-los, bem para expandi-los ou subvertê-los”¹¹⁵ (JÁCOME, 2013, p. 68). Este tipo de literatura se consolida como gênero na década de 90, principalmente no México e na Colômbia, locais onde o narcotráfico e o sicariato fazem parte da problemática social. Para o contexto da época, o surgimento dos relatos testemunhais que deram origem à sicaresca, foi envolvido por controvérsias, por falar abertamente de uma problemática social, os sicários, que não era de total conhecimento da maioria dos colombianos e que até então eram apenas conhecidos como “os assassinos da moto”, pois era o meio de transporte que utilizavam para cometer os assassinatos por encomenda, como ilustra o romance: “Então surgiram os da moto, entre uma nuvem de poeira e a multidão, disparando”¹¹⁶ (VALLEJO, 2006, p. 63).

O surgimento da figura do sicário desconstruiu as formas tradicionais que o Estado promulgava, como os bons costumes, a moral cristã e o submetimento às regras que até então estruturaram as formas tradicionais de poder, denominadas por Althusser de Aparelhos Ideológicos (repressivos) de Estado, e que foram questionadas diretamente a partir do reconhecimento do sicário dentro do construto social urbano. Esta transformação da sociedade se manifesta de forma contundente através dos novos códigos de comportamento adotados por estes grupos, especialmente da linguagem que os identificava, o dialeto social denominado “parlache”, originário das gangues dos anos 70, em Medellín, formadas pelos pioneiros do

¹¹⁴ Do original: “que los victimarios eran a su vez víctimas, que la violencia en Colombia había rebasado los parámetros con los que se intentaba dar razón de ella, que se había fracturado de manera irreversible el tejido social.” (VAN DER WALDE, 2001, p. 28)

¹¹⁵ Do original: “por ser la primera en alcanzar gran difusión y, hasta cierto punto, en establecer algunos parámetros narrativos que las obras posteriores tomarán como punto de referencia, bien para repetirlos, bien para expandirlos o subvertirlos.” (JÁCOME, 2013, p. 68)

¹¹⁶ Do original: “Entonces surgieron los de la moto de entre una nube de polvo y la multitud disparando.” (VALLEJO, 2002, p. 58)

tráfico de drogas para os Estados Unidos, que “foram artífices de uma linguagem nova, sonora e sedutora, que mesclava gírias do tango com gírias americanas e adicionava palavras da própria invenção”¹¹⁷ (SALAZAR apud JÁCOME, 2013, p. 43). Ainda segundo Salazar, o “parlache” incorporou a linguagem dos quadrinhos e dos videoclipes, além de expressões do consumo, do moderno e do visual, tendo como eixos axiológicos o próprio consumo, o rezar e a guerra.

Foi através dos relatos testemunhais dos sicários que o “parlache” passou da oralidade para a literatura, atingindo, principalmente, as formas tradicionais de poder na Colômbia, pois desde a colonização, o desenvolvimento do domínio da gramática por parte das elites locais foi a principal forma de acesso ao poder, através das instituições que conformaram o Estado, garantindo seu domínio e promulgando a ordem, os bons costumes e, até então, uma aparente estabilidade social. No momento em que o “parlache” é assumido na literatura, é inevitável ocultar a realidade colombiana, que sofre um momento de transformação profunda, assumindo a existência do sicário como ícone da mudança estrutural da sociedade colombiana tradicional, representado em nosso objeto de estudo, como lembra Jácome:

[...] a conservação do idioma espanhol tem sido um dos valores da sociedade tradicional e de poder na Colômbia, [...] em *La virgen de los sicarios* a mutação da linguagem que experimenta o narrador, que se autodenomina “o último dos gramáticos colombianos” – em grande parte operada pela intrusão da oralidade na escrita -, é uma ferramenta de representação das mudanças socioculturais e políticas da Colômbia das últimas décadas.¹¹⁸ (2013, p. 71)

Observamos, assim, que a ideologia dominante do romance é o neocapitalismo global, dentro da qual se estrutura a ideologia do narcotráfico, que não deixa de ser uma forma de neocapitalismo global, mas que utiliza outros rituais de interpelação dos sujeitos, como a estética narco e o “parlache”, por exemplo, demonstrando as contradições e heterogeneidades inerentes ao conceito de ideologia que Indursky explica utilizando as palavras de Pêcheux:

uma ideologia é não idêntica a si mesma, só existe sob a modalidade da divisão, e não se realiza a não ser na contradição que com ela organiza a unidade e a luta dos

¹¹⁷ Do original: “fueron artífices de un lenguaje nuevo, sonoro y seductor, que fundía el lunfardo tanguero con el slang gringo y le añadían palabras de la propia invención.” (SALAZAR apud JÁCOME, 2013, p. 43)

¹¹⁸ Do original: “[...] la conservación del idioma español ha sido uno de los valores de la sociedad tradicional y del poder en Colombia, se plantea aquí que en *La virgen de los sicarios* la mutación del lenguaje que experimenta el narrador, que se autodenomina “el último de los gramáticos colombianos” – en gran parte operada por la intrusión de la oralidad en la escritura -, es una herramienta de representación de los cambios socioculturales y políticos de la Colombia de las últimas décadas.” (JÁCOME, 2013, p. 71)

contrários. [...] a propósito da ideologia, trata-se de pensar a contradição de dois mundos em um só. (PÉCHEUX apud INDURSKY, 2007, p. 7)

Essa divisão própria da ideologia se manifesta na posição-sujeito das personagens do romance que, através do narrador Fernando, escritor, burguês e intelectual, e do sicário Alexis, assassino, pobre e não-letrado, estruturam a representação da “contradição de dois mundos em um só”, cada um relacionando-se com a ideologia vigente a seu modo, o sicário através da Formação Discursiva do narcotráfico e o escritor através das Formações Discursivas neoliberal, capitalista, conservadora e de segregação. O sicário tem sua forma-sujeito bem definida, se identificando plenamente com a sua posição-sujeito, tornando-se o bom-sujeito da Formação Discursiva do narcotráfico. Já o narrador, ao apropriar-se da linguagem do sicário, se identifica com a Formação Discursiva do narcotráfico, através dos saberes produzidos a partir de uma posição-sujeito diferente da posição-sujeito dominante, ou seja, através da cultura narco e do “parlache” produzidos a partir da posição-sujeito do sicário, tornando-se o mau-sujeito da sua própria Formação Discursiva. Ao questionar a sua própria Formação Discursiva, porosa, a partir da História e da Linguagem, o narrador se contradiz com a sociedade colombiana atual, gerando uma ruptura no ritual a partir da sua posição sujeito, que representa os valores tradicionais da Colômbia, e que permite que uma outra Formação Discursiva, a dos valores do narcotráfico, faça sentido.

Essa “mutação da linguagem que experimenta o narrador” é, também, uma representação da transformação da sociedade colombiana que o narrador relata, relacionada à História, e também é interpretada como a mudança sofrida nos círculos literários da Colômbia, relacionada à Linguagem. A mudança de uma Formação Discursiva para outra é, conjuntamente, a representação desta transformação que gera espaços intermediários, de fronteira, abertos à heterogeneidade de possibilidades necessárias para novos modelos de se inscrever na sociedade. A nova posição-sujeito que o narrador assume, identificado com o sicário:

Traz para o interior da identidade a alteridade e isto provoca divergência, tensão, estranhamento, agitação nas fileiras dos sentidos, introduzindo no interior da Formação Discursiva ‘ambiguidade ideológica e efeitos de divisão’. E isto vai introduzir tensão nas fronteiras internas da Formação Discursiva, vai situar saberes na tênue fronteira de uma Formação Discursiva, o que torna difícil determinar o seu exato pertencimento. (INDURSKY, 2007, p. 9)

Neste contexto, é importante lembrar que a produção literária, na Colômbia, até a década de 60, estava regida pelos cânones estruturados dentro do regime de valores políticos e

religiosos vindos dos círculos letrados da capital colombiana, e os que fugiam destes cânones acabavam sendo restritos a uma circulação limitada. O fato de o Estado ter deixado a função educativa nas mãos da Igreja, no final do século XIX, fez com que esta controlasse a produção cultural colombiana, censurando-a, através da publicação do índice de livros e filmes não admitidos, ainda na década de 70 do século XX (VON DER WALDE, 2001, p. 34). Esta situação nos permite compreender por que a obra de Vallejo foi recebida com tanta repulsa, desde as tentativas por produzir obras cinematográficas, que enfocavam o conflito, a impunidade e a cumplicidade do Estado nos processos violentos, até o lançamento de *La Virgen de los Sicarios*, pela qual foi fortemente criticado e perseguido por facções da elite conservadora. Estes fatos, entre outros, lhe causaram uma profunda tristeza, levando-o a sair do país e encaminhando, posteriormente, a construção da sua posição crítica frente à situação colombiana, a qual revela abertamente, representando-a nas suas obras através do discurso dos personagens, como exemplifica o seguinte comentário do narrador Fernando, em *La Virgen de los Sicarios*:

O primeiro assaltante da Colômbia é o Estado. E uma industriazinha? A indústria aqui está definitivamente quebrada: por todo o próximo milênio. E o comércio? Assaltam as lojas. E serviços? Que serviços? Abrir uma casa de rapazes? Não os pagam. O campo também é outro desastre. Como está tão ocupado com a procriação, o camponês não trabalha. E de que vivem? Vivem dos cachos de bananas que roubam do vizinho, até que o vizinho desiste de plantar. Não, o amor aqui não tem incentivos. É uma lareira sem lenha que se mantém como por milagre, ardendo apagada.¹¹⁹ (VALLEJO, 2006, p. 42)

Na Colômbia, assim como no restante da América Latina, a figura da Igreja Católica vem associada ao processo colonizador e suas implicações violentas, para instaurar a “civilização” e a ordem, dentro de um projeto modernizador o qual, como já falamos anteriormente, não levou em conta a cultura dos habitantes nativos, contribuindo para o nível de violência que já existia antes da sua chegada. De qualquer forma, a Igreja conseguiu se inserir profundamente na formação do povo colombiano, determinando muitas das suas crenças, rituais, valores e costumes. Em *La Virgen de los Sicarios*, esta relação, explicitada desde o título do romance, é representada ora pelo narrador, na sua peregrinação pelas quase

¹¹⁹ Do original: “El primer atracador de Colombia es el Estado. ¿Y una industrica? La industria aquí está definitivamente quebrada: para todo el próximo milenio. ¿Y el comercio? Los asaltan. ¿Y servicios? ¡Qué servicios! ¿Poner una casa de muchachos? No los pagan. El campo también es otro desastre. Como está tan ocupado en la procreación, el campesino no trabaja. ¿Y de que viven? Viven del racimo de plátanos que le roban al vecino, hasta que el vecino no vuelve a sembrar. No, el amor aquí no tiene alicientes. Es una chimenea sin leños que se mantiene como por milagro ardiendo apagada. (VALLEJO, 2002, p. 45)

150 igrejas de Medellín e sua devoção à Virgem, ora pelo sicário, na sua relação de proteção e perdão, necessária para exercer sua profissão.

Conhecendo o posicionamento crítico do escritor Fernando Vallejo frente à Igreja, e que deixou explícito no tema de uma das suas obras, *La puta de Babilonia* (2007), na qual com rigor histórico e acadêmico, expõe os crimes cometidos pela Igreja ao longo de sua história, resulta curioso observar que, em *La Virgen de los Sicarios*, essa crítica não é tão evidente. Aqui, a instituição se materializa nas igrejas visitadas por Fernando, como pretexto para representar o seu percurso pela cidade e valer-se disto para o desenvolvimento do romance. Assim, é retratada a banalização da Igreja, como mais um objeto de consumo do sicário, ao pedir proteção e perdão em troca da sua devoção, visitando a igreja de Sabaneta todas as terças-feiras, reduto da Virgem Maria Auxiliadora, protetora dos sicários, que origina o título da obra, contextualizando “o passado utópico moderno e o presente diatópico pós-moderno, unidos numa mesma imagem, La Virgen de los Sicarios, elemento hiper-real da subjetividade pós-nacional”¹²⁰ (GARRIDO, 2009, p.127). Através da voz do narrador se percebe, também, seu assombro ao ver a grande quantidade de jovens sicários que frequentam a igreja de Sabaneta que, na infância do narrador, tinha outra virgem como padroeira, a de Nossa Senhora do Carmo, vista como representação do processo de modernização capitalista sofrido na cidade, assim como o crescimento da mesma, onde Sabaneta não passava de um pequeno povoado aos arredores de Medellín e que Fernando encontra, na sua volta, absorvido pela cidade como um bairro a mais da mesma. A cidade é o cenário da novela sicaresca, adquirindo um valor significativo no romance, a ponto de ser personificada, representando a fragmentação e transformação típica da sociedade que nela vive, como se observa quando o narrador se refere a Medellín como assassina, contextualizando os apelidos pelos quais é conhecida: “Acima eu disse que não sabia quem matou o vivo, mas sei: matou-o um assassino onipresente de psique tenebrosa e incontáveis cabeças: Medellín, também conhecida pelos apelidos de Medallo e Metrallo”¹²¹ (VALLEJO, 2006, p. 43). Medallo é uma das formas coloquiais com que a população, em geral, se refere à cidade, e Metrallo é outra destas forma, porém crítica e irônica, fazendo referência à violência e aos assassinatos, através da relação com a palavra metralhadora, em espanhol, *ametralladora*, contextualizando a afirmação de

¹²⁰ Do original: El pasado utópico moderno y el presente distópico posmoderno se unen en una misma imagen, la virgen de los sicarios, elemento hiperreal da subjetividad posnacional. (GARRIDO, 2009, p.127)

que Medellín é “a capital do ódio.” Desta forma, a cidade é elemento primordial para a narrativa do narcotráfico,

já que:

sua matéria expressiva é espaço e é âmbito, modo de vida e forma de pensamento, de ação ou reação, e se concentra nas cidades com as suas presenças individualistas, íntimas, cotidianas, alienadas e desoladas, cujos personagens transeuntes e transitórios representam ou cumprem seu rol em uma vida acelerada e monótona, caótica e conflitiva...Em breves palavras, a cidade reclama e afirma uma forma de expressão e de escritura.¹²² (GIRALDO, 2008, xvii)

Podemos pensar, ainda, nas alterações que a força do narcotráfico exerceu em todos os níveis da sociedade colombiana, transformando tudo, até mesmo os espaços mais sacros de devoção. A presença das igrejas aparece, então, como espaço no qual se legitimam as vidas de assassinos dos sicários, regradas pela fé e pela devoção às práticas que lhes permitem se autorredimir, através do ato de pedir perdão pelos assassinatos cometidos e proteção para continuarem ativos nessa forma de vida, que é a única que eles conhecem.

Conjuntamente, os escapulários que o sicário carrega para a sua proteção, evidenciam uma forte influência por parte da Igreja que, vinda desde a colonização, se mantém como um dos pilares tradicionais da sociedade colombiana que, mesmo em face à transformação, abandona o moderno e o nacional para entrar numa fase que aponta mais para a pós-modernidade e o pós-nacionalismo, mantendo, ainda, alguns referentes tradicionais, como os escapulários usados por Alexis, dentro deste contexto pós-moderno, como ilustra a descrição do narrador Fernando:

Tirei a camisa dele, que tirou os sapatos, tirei as calças dele, que tirou as meias e a sunga e ficou um com os três escapulários, que são os que os sicários usam: um no pescoço, outro no antebraço, outro no tornozelo, e são: para que lhes dêem o negócio, para que sua pontaria não falhe e para que os paguem. Isso, segundo os sociólogos, que andam pesquisando. Eu não pergunto. Sei o que vejo e esqueço. O

¹²¹ Do original: “Dije arriba que no sabía quién mató al vivo pero sí sé: un asesino omnipresente de psiquis tenebrosa y de incontables cabezas: Medellín, también conocido por los alias de Medallo y de Metrallo lo mató.” (VALLEJO, 2002, p. 46)

¹²² Do original: “su materia expresiva es espacio y es ámbito, modo de vida y forma de pensamiento, de acción o reacción, y se concentra en las ciudades con sus presencias individualistas, íntimas, cotidianas, alienadas y desoladas, cuyos personajes transeúntes y transitorios representan o cumplen su rol en una vida acelerada y monótona, caótica y conflictiva...En breves palabras, la ciudad reclama y afirma una forma de expresión y de escritura.”(GIRALDO, 2008, xvii)

que não posso esquecer são os olhos, o verde dos seus olhos, de trás do qual eu tentava adivinhar sua alma.¹²³ (VALLEJO, 2006, p. 16)

O sicário se revela, no romance, como a representação máxima desse contexto, identificado com modelos de fora, língua e costumes estrangeiros, como a linguagem de videoclipe e as roupas de marcas americanas, misturados com a figura da Igreja, que demonstra a fé católica, muito presente no povo colombiano, revelando uma inversão de valores, com as igrejas cheias de assassinos pedindo favores, e a cidade sempre como cenário revelador deste panorama, como lembra Canclini:

Como nos videoclipes, andar pela cidade é misturar músicas e relatos diversos na intimidade do carro com os ruídos externos. Seguir a alternância de igrejas do século XVII com edifícios do XIX e de todas as décadas do XX, interrompida por gigantescas placas de publicidade onde se aglomeram os corpos esguios das modelos, os novos tipos de carros e os computadores recém-importados. Tudo é denso e fragmentário. Como nos vídeos, a cidade se fez de imagens saqueadas de todas as partes, em qualquer ordem. Para ser um bom leitor da vida urbana, há que se dobrar ao ritmo e gozar as visões efêmeras. (CANCLINI, 2008, p. 123)

Essa fragmentação e heterogeneidade latente da cidade pós-moderna é, também, o cenário que permite todo tipo de hibridação sociocultural, como o da crença de rezar as balas para atingirem seu alvo, ritual do sicário, assim descrito pelo narrador:

As balas rezadas se preparam assim: ponha seis balas numa panela previamente aquecida até o vermelho vivo numa grelha elétrica. Borrife em seguida a água benta obtida na pia de uma igreja, ou fornecida, sob garantia, pela paróquia de San Judas Tadeu, bairro de Castilla, comuna norte-ocidental. A água, benta ou não, evapora por causa do calor violento, e, enquanto isso vai rezando com fé de carvoeiro aquilo que reza: ‘Pela graça de são Judas Tadeu (ou do Senhor Caído de Girardota ou do padre Arcila ou do santo da sua devoção), que estas balas assim consagradas atinjam o alvo sem falhar e que o defunto não sofra. Amém.’¹²⁴ (VALLEJO, 2006, p. 59)

¹²³ Do original: “Le quité la camisa, se quitó los zapatos, le quité los pantalones, se quitó las medias y la trusa y quedó desnudo con tres escapularios, que son los que llevan los sicarios: uno en el cuello, otro en el antebrazo, otro en el tobillo y son: para que les den el negocio, para que no les falle la puntería y para que les paguen. Eso según los sociólogos, que andan averiguando. Yo no pregunto. Sé lo que veo y olvido. Lo que sí no puedo olvidar son los ojos, el verde de sus ojos tras el cual trataba de adivinarle el alma.” (VALLEJO, 2002, p. 16)

¹²⁴ Do original: “Las balas rezadas se preparan así: Pónganse seis balas en una cacerola previamente calentada hasta el rojo vivo en parrilla eléctrica. Espolvóreense luego en agua bendita obtenida de la pila de una iglesia, o suministrada, garantizada, por la parroquia de San Judas Tadeo, barrio de Castilla, comuna noroccidental. El agua, bendita o no, se vaporiza por el calor violento, y mientras tanto va rezando el que las reza con la fe del carbonero: ‘Por la gracia de San Judas Tadeo (o el Señor Caído de Girardota o el padre Arcila o el santo de tu devoción) que estas balas de esta suerte consagradas den en el blanco sin fallar, y que no sufra el difunto. Amén.’” (VALLEJO, 2002, p. 63)

Esta é uma significativa representação desta inversão de valores, do “não matarás”, pregado pela Igreja Católica, para a “bênção de matar” do narcotráfico, que contextualiza o momento pelo qual a sociedade colombiana passava, seguindo o tema principal da obra, a morte, como bem lembra o narrador ao comentar: “E continuemos com os mortos, que foi para isso que viemos” (2006, p. 58)¹²⁵, além do sicário Alexis, que é outro fio condutor da narrativa. Assim, como já mencionamos no capítulo anterior, a morte é o aspecto mais significativo do romance, aparecendo página após página no relato, manifestando-se de forma simbólica, real, poética, natural e cotidiana, até o ponto de personificar-se como a “senhora Morte”:

E a morte, uma trabalhadora obsessiva. Não descansa. Nem na segunda nem na terça nem na quarta nem na quinta nem na sexta nem no sábado e domingo, nem nos feriados civis e dias santos, nem nos feriados e super feriados¹²⁶, nem no Dia dos Pais, das Mães, da Amizade, do Trabalho...Do Trabalho, porra, nem nesse ela descansa! Mas, trabalhando assim, com tanto tesão, sem criar novas fontes de emprego, ela diminui o desemprego, que aqui segundo dizem os tanatólogos, é o que provoca mais violência. Ou seja, quanto mais mortos, menos mortos. Portanto, minha senhora Morte, minha sinhá, minha dona, aqui o que se necessita mesmo é de um paradoxo. Por isso ela anda toda prosa por Medellín, dia e noite, em seu afã, fazendo o que pode, competindo com tal parideira, a mais atroz. Esse continuo nacer de crianças e a vacina a estão deixando de cabelos brancos.¹²⁷ (VALLEJO, 2006, p. 52)

Lembramos que é para morrer que o narrador Fernando volta à Colômbia, e que é, também, por causa da morte de Pablo Escobar que Alexis fica desempregado, pouco antes de conhecer Fernando. A representação da morte move o romance: é a morte das dezesseis pessoas assassinadas, é a morte dos velhos costumes, da cidade, dos espaços da infância do narrador, da gramática, do Estado, da Igreja, de políticos, camponeses, mães, jovens, velhos, taxistas e até cachorros. E pelos motivos mais diversos e simplistas: por assobiar, por olhar, por cantar, por passar, por ir ou vir ou simplesmente por matar. Matar por matar, na época

¹²⁵ Do original: “Y sigamos con los muertos, que es a lo que vinimos” (VALLEJO, 2002, p.62)

¹²⁶ “Feriados e super feriados” é tradução nossa, pois na tradução de Rosa Freire d’Aguilar, está traduzido como “pontes e superpontes”, o que não corresponde ao sentido correto do original, no espanhol colombiano.

¹²⁷ Do original: “Y la Muerte una obsesiva laboradora. No descansa. Ni lunes ni martes ni miércoles ni jueves ni viernes ni sábados y domingos, fiestas civiles y de guardar, puentes y superpuentes, días del padre, de la madre, de la amistad, del trabajo... ¡Del trabajo, carajo, ni ése descansa! Pero trabajando así, con tanto tesón, sin crear nuevas fuentes de empleo disminuye el desempleo que aquí, según dicen los tanatólogos, es el que trae más violencia. O sea que mientras más muertos menos muertos. Mi señora Muerte pues, misiá, mi doña, la paradójica, es la que aquí se necesita. Por eso anda toda ventida por, Medellín día y noche en su afán haciendo lo que puede, compitiendo con semejante paridera, la más atroz. Este continuo nacer de niños y el suero oral le están sacando canas.” (VALLEJO, 2002, p. 56)

mais forte do narcotráfico na Colômbia foi e continua sendo uma das formas mais comuns de adquirir respeito e poder, como tática para semear o terror na sociedade, representada não só em *La Virgen de los Sicarios*, mas através da figura da personagem Fernando, em toda obra autoficcional de Vallejo, que busca:

Como balas rezadas [...]: acertar o alvo das metanarrativas contemporâneas, superando constantemente o horizonte de expectativas da audiência através da onnipresença da morte, opiniões destrutivas, cenas escatológicas, enfermidades, desvio, abjecção, etc., que mostram um niilismo surpreendente mascarado de forma cínica.¹²⁸ (GARRIDO, 2009, p. 141)

O nível de banalização da morte, atingido pelo romance, é significativamente representado quando, pouco tempo após o assassinato de Alexis por outro sicário, Wílmur, este acaba assumindo seu lugar, e se converte na nova paixão do narrador Fernando, recebendo todas as atenções que antes eram dadas a Alexis. O sicário, como mais um objeto de consumo, é representado como algo descartável, facilmente trocado, como podemos observar neste trecho do romance, em que Fernando troca os nomes dos jovens, demonstrando a facilidade com que um pode substituir o outro: “Estávamos de frente à igreja de San Antonio, que eu não conhecia. Ou conhecia? Pois não a tinha visto em sonhos, com Alexis, transformada num cemitério carregada de brumas? Disse a Alexis, desculpe, a Wílmur, que entrássemos”¹²⁹ (VALLEJO, 2006, p. 85).

Este deslocamento de interesses é revelador, partindo de relações entre o narrador e os dois sicários, coprotagonistas do romance, que atuam como ferramenta narrativa estruturante do relato e configuram a relação com o discurso e a forma-sujeito em que o sicário se inscreve e é assujeitado, já que é justamente através do relato do narrador e pelo que ele sabe do sicário - nada muito longe do que o leitor conhece por alguns comentários curtos aos questionamentos do narrador - que se consegue ter acesso ao mundo deles, inicialmente pelo distanciamento imposto pela escolha narrativa em primeira pessoa que, como posicionamento

¹²⁸ Do original: “como balas rezadas [...] dar en el blanco de las metanarrativas contemporâneas, superando constantemente el horizonte de expectativas de la audiencia a través de la omnipresencia de la muerte, opiniones destructivas, escenas escatológicas, enfermedades, desviación, abyección, etc., que muestran un nihilismo sobrecogedor enmascarado de forma cínica.” (GARRIDO, 2009, p. 141)

¹²⁹ Do original: “Estábamos frente a la iglesia de San Antonio, que no conocía. ¿O sí? ¿No la había visto pues en sueños con Alexis vuelta un cementerio en brumas? Le dije a Alexis, perdón, a Wílmur que entráramos.” (VALLEJO, 2002, p. 92)

estético do narrador, gera opacidades sobre o pensamento das outras personagens, como exemplifica o comentário de Fernando:

O que Alexis pediria à Virgem? Dizem os sociólogos que os sicários pedem à Maria Auxiliadora que não lhes falte, que afine a pontaria deles quando atirarem e que o negócio corra bem. E como souberam disso? Por acaso são Dostoievsky ou Deus-Pai para se meter assim na mente dos outros? Se a gente não sabe nem o que a gente mesmo está pensando, vai saber o que os outros pensam!¹³⁰ (VALLEJO, 2006, p. 15)

É tal a impossibilidade de acesso do narrador ao sicário, que o próprio Fernando se questiona sobre o que o sicário pensa ao comentar, ironicamente, que o que se conhece com relação ao seu comportamento social e origem, se sabem graças aos sociólogos, que também não saem livres das acusações do narrador.

A forma mais contundente de inscrição do sicário, que nos permite acessá-lo, se dá através do ato de matar, sendo assim como ele acaba se inserindo na sociedade. Desta forma, a figura do sicário, representada por Alexis e Wílmur, acaba sendo o construto narrativo que permite ao narrador direcionar seu desejo com relação à morte, partindo do reflexo sexual de pulsão e, posteriormente, o de pulsão de morte, próprio da Psicanálise, em que:

A concepção da pulsão, esta tomando a zona erógena como fonte da pulsão sexual, aquela submetendo de maneira geral a pulsão ao princípio de repetição. De um registro para o outro, a estrutura de borda da zona erógena se prolonga no trajeto em círculo do processo, fadado a contornar seu objeto sem jamais com ele se satisfazer, o que exprime ainda que esse objeto pertence à esfera do Outro [...] (KAUFMANN, 1996, p.44)

Este princípio de repetição faz sentido, com relação ao romance, através da troca de amantes feita pelo narrador, que cria um ciclo de repetições. Inicialmente, Fernando se relaciona com Alexis e, quando este é assassinado, seu lugar, na vida do narrador, é substituído por Wílmur, mas a sequência de fatos compartilhados conjuntamente com os dois jovens se repete nos dois relacionamentos, como a peregrinação pelas igrejas e os assassinatos, que revelam a inserção do sicário e a morte violenta de forma repetitiva na cotidianidade colombiana, que busca “[...] fazer recordar ao leitor através de um inventário

¹³⁰ Do original: “¿Qué le pediría Alexis a la Virgen? Dicen los sociólogos que los sicarios le piden a María Auxiliadora que no les vaya a fallar, que les afine la puntería cuando disparen y que les salga bien el negocio. ¿Y cómo lo supieron? ¿Acaso son Dostoievsky o Dios padre para meterse en la mente de otros? ¡No sabe uno lo que uno está pensando va a saber lo que piensan los demás!” (VALLEJO, 2002, p. 15)

repetitivo que, apesar da morte ser parte integral da vida, na sociedade colombiana, tem chegado a sê-lo, também, o assassinato e a impunidade” (JÁCOME, 2013, p. 74)¹³¹.

Vale destacar que, no final do século XX, em que a ideia de fácil substituição dos bens de consumo estava em ascensão, os sujeitos mais vulneráveis da sociedade colombiana, como os moradores de rua e os sicários, eram chamados de “descartáveis”, pelo seu efêmero valor dado pela sociedade, em que ninguém se importava com sua morte, ao contrário, era considerada uma espécie de limpeza social necessária. Essa ausência de valor é representada, no romance, pela atitude do narrador ao substituir facilmente um sicário por outro, configurando a posição da sociedade colombiana, na qual estes jovens assassinos reafirmam o pouco valor conferido à vida humana no processo do conflito colombiano. Conjuntamente, se manifesta o sentido que o narrador dá ao sicário, como representação principal do seu desejo, que, como lembra a psicanálise, partindo do conceito de pulsão de morte, direciona o desejo ao gozo que os sicários lhe proporcionam ante a fascinação pela morte. Faciolince explica essa atração que a morte exerce no ser humano, afirmando que:

O Mal, e os maus em geral, exercem sobre todos os humanos uma espécie de estupor fascinante. [...] Sofremos de uma espécie de fascinação pela maldade; rendemos culto ao muito duvidoso heroísmo dos assassinos; padecemos o hipnótico encanto dos sicários, como se suas armas de morte fossem, em vez de simples balas assassinas, raios divinos de dominação.¹³² (FACIOLINCE, 2008, p. 517)

Por outro lado, a estrutura narrativa do romance se estabelece de forma repetitiva e interligada, numa relação causa-efeito, que acompanha a história da Colômbia e o processo de crise que atravessa o Estado, contextualizados na discussão das páginas anteriores, em que o processo de modernização, globalização e capitalismo, acompanhados pela violência, afetou todos os níveis da sociedade, acentuando as diferenças sociais, conformando uma cadeia de acontecimentos que não tem conseguido ser controlada, acelerando os processos de decomposição social, dando espaço ao surgimento dos sicários e outros grupos delinquentes, como explica Von der Walde:

¹³¹ Do original: “[...] hacerle recordar al lector a través de un inventario repetitivo que a pesar de que la muerte es parte integral de la vida, en la sociedad colombiana, han llegado a serlo también el asesinato y la impunidad.” (JÁCOME, 2013, p. 74)

¹³² Do original: “El Mal, y los malos en general, ejercen sobre todos los humanos una especie de estupor fascinante. [...] Sufrimos de una especie de fascinación por la maldad; le rendimos culto al muy dudoso heroísmo de los asesinos; padecemos el hipnótico encanto de los sicarios, como si sus armas de muerte fueran, en vez de simples balas asesinas, rayos divinos de dominación.” (FACIOLINCE, 2008, p. 517)

- guerrilha, paramilitares, exército, milícias urbanas, bandos juvenis, organizações terroristas – [...] tentando ligar as violências do presente às violências do passado. O panorama geral que emerge é o de um Estado e uma sociedade fragmentados sem possibilidades de solução ou de chegar a acordos parciais que mitiguem o estado de terror em que se encontra submersa a população. O diagnóstico do historiador Gonzalo Sánchez em 1991, quando a violência não tinha alcançado nem remotamente as dimensões que tem dez anos depois [e até hoje], era que se tratava de ‘uma guerra da sociedade inteira consigo mesma’, de ‘um suicídio coletivo’.¹³³ (VON DER WALDE, 2001, p. 30)

No romance, o sicário é apresentado como vítima da violência, sendo o Estado e seus governantes os responsáveis diretos pelo conflito colombiano, pois ao longo dos anos, não tem conseguido propor políticas sólidas em prol de uma melhora na situação geral deste território. A maioria dos colombianos, por manter uma distância prudente que lhes permita preservar suas vidas, pouco tem conseguido fazer perante a situação do país, pois os que têm se pronunciado e atuado a favor da resolução da problemática interna têm sido assassinados vilmente, por algum dos vários interessados em que o conflito não se resolva e que, na maioria dos casos, deixa a solução nas mãos de um sicário. Nesse sentido, a falta de representação por parte do Estado cedeu espaços para o surgimento de todo tipo de grupos subversivos e à margem da lei, dentre os quais surgiu o sicário, gerando mais violência e trazendo mais mortes. É interessante observar que ainda em 1915, no texto *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, Freud analisava a situação dos povos submersos em situações de guerra, como é o caso da Colômbia, e que suas ideias continuam aportando para a compreensão das sociedades em conflito, ao afirmar que:

Os povos são mais ou menos representados pelos Estados que formam, e esses Estados pelos governos que os dirigem. Nessa guerra, o cidadão individual pode, com horror, convencer-se do que ocasionalmente lhe cruzaria o pensamento em tempos de paz – que o Estado proíbe ao indivíduo a prática do mal, não porque deseja aboli-la, mas porque deseja monopolizá-la, tal como o sal e o fumo. Um Estado beligerante permite-se todos os malefícios, todos os atos de violência que desgraçariam o indivíduo. (1976, p. 315)

¹³³ Do original: “- guerrilla, paramilitares, ejercito, milicias urbanas, bandas juveniles, organizaciones terroristas – [...] intentando ligar las violencias del presente con las violencias del pasado. El panorama general que emerge es el de un Estado y una sociedad fragmentados sin posibilidades de solución o de llegar a acuerdos parciales que mitiguen el estado de terror en el que se encuentra sumida la población. El diagnóstico del historiador Gonzalo Sánchez en 1991, cuando la violencia no había alcanzado ni remotamente las dimensiones que tiene diez años después, era que se tratava de ‘una guerra de la sociedad entera consigo misma’, de ‘un suicidio colectivo’.” (VON DER WALDE, 2001, p. 30)

Da mesma forma, Daniel Pecaú, um dos mais reconhecidos colombianólogos, no seu livro *Guerra contra la sociedad* afirma que “não se pode falar de uma guerra civil colombiana, mas de uma guerra absurda contra a população civil” (2001). Esta guerra contra a população civil colombiana, desenvolvida há mais de 50 anos, e que tem se intensificado nos últimos anos, gerou uma preocupante situação diaspórica, fazendo com que um grande número de pessoas abandonassem o país, na procura por outra possibilidade de vida ou simplesmente fugindo para não serem assassinadas.

Assim, identificamos como se configura o contexto diaspórico no romance, de forma implícita, através do não dito, ou seja, das opacidades do texto, já que “entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move” (ORLANDI, 2012a, p. 85) e que podemos perceber através do silêncio e da metáfora presentes no texto.

O conceito de *diáspora* vem sendo cada vez mais estudado e referido, especificamente quando se trata de países que têm apresentado alguma característica deste fenômeno durante o seu percurso histórico, como acontece no caso colombiano, no qual tem se reconhecido, cada vez mais e em quantidades maiores, a saída de cidadãos, principalmente por causa do conflito armado e da crise social que abala este território. É difícil apontar um número específico de pessoas que conformam este processo diaspórico, pois não se pode identificar o momento exato em que teve início este fenômeno, nem os locais de partida e chegada das pessoas que se deslocaram, sendo impossível precisar quantos foram os deslocamentos internos e quantos deixaram o país. Outro agravante é o desaparecimento de pessoas, que impossibilita as estatísticas de classificá-las como assassinados, sequestrados ou deslocados¹³⁴. Arias (2010) indica que os processos de deslocamento começaram em meados do século XX, “como um processo silencioso e clandestino” (p. 10). Já as estatísticas mais atuais, apresentadas no jornal *El Tiempo*, em 24 de julho de 2013, pelo *Grupo de Memoria Histórica* da Colômbia, que durante seis anos pesquisou os fatos ocorridos entre 1958 e 2012, revelam que os números da diáspora transformaram-se em estatísticas apenas a partir de 1985. Este estudo apresenta os números de duas fontes diferentes: o Registro Único de Víctimas revela que entre 1985 e 2012 foram 5.712.506 os deslocados; e o Codhes aponta para 4.744.046 entre 1996 e 2012. Outro dado expressivo refere-se ao número de mortos: 220.000 entre 1958 e 2012, sendo 80% civis.

¹³⁴ Adotamos a palavra “deslocados” para referirmo-nos ao sujeito colombiano que configura a situação diaspórica, já que devido ao tipo de deslocamento, interno ou externo, este adquire diferentes categorizações, dentro do termo geral “desplazado”.

Embora não exista uma representação explícita da diáspora na obra *La Virgen de los Sicarios*, identificamos outras formas implícitas, nas quais esta se manifesta, principalmente por motivos causados pela violência. Assim, até agora buscamos pensar nas razões dessa violência, que geram a saída massiva de colombianos, a ponto de configurar-se como uma diáspora e, principalmente, refletimos sobre os núcleos geradores dessa violência, como a desigualdade social, a ausência do Estado em todos os níveis da sociedade, os processos de modernização e a globalização, entre outros, representados no romance do escritor colombiano.

Além disso, o posicionamento do autor de *La Virgen de los Sicarios*, Fernando Vallejo, quem mora fora da Colômbia e produziu praticamente toda sua obra fora do país, porém escrevendo sobre ele, recria um cenário diaspórico e representa o sentimento de muitos dos colombianos que, morando fora da sua terra natal, expressam constantemente preocupação e indignação frente ao conflito que, em algum momento, os fez sair do país, bem seja fugindo do cenário local ou procurando melhores oportunidades de vida.

A relevância de *La Virgen de los Sicarios* como representação da diáspora colombiana se manifesta, inicialmente, através da figura do narrador Fernando que nasceu e viveu sua infância na Colômbia, saiu do país e viveu fora por muitos anos, e retorna para passar seus últimos dias na sua terra natal formatando, assim, o quadro principal em que a diáspora se fundamenta ao sair do território de origem por causas vindas, principalmente, da violência, para viver processos de desidentificação com seu local de origem e de reidentificação com relação ao novo lugar. Embora a saída do país, por parte do autor do romance, não se dê dentro de uma lógica de deslocamentos massivos por causa da violência – como foram a maioria dos processos diaspóricos reconhecidos em outros locais do mundo - o contexto que ele apresenta no romance configura as situações geradoras da diáspora, particularmente no caso colombiano, em que a violência do Estado resulta como responsável pelo surgimento do sicário, inicialmente braço armado do narcotráfico, e utilizado, posteriormente, por outros interessados nos seus serviços, geradores da violência e da morte, causantes do deslocamento massivo de colombianos, na segunda metade do século XX. O processo cíclico no qual a violência gera a diáspora pode ser mais bem compreendido se pensarmos que:

A representação da violência na Colômbia é sempre um ato de deslocamento mesmo quando se determina dentro de um campo de deslocamentos violentos. É um deslocamento histórico, porque o processo histórico conhecido com o nome de *La Violencia*, que se reduplica em cada década e se torna cada vez mais amplo, abrange toda representação da violência desde 1948, pelo menos. É um deslocamento

geográfico, porque a violência é o que destrói o espaço, literalmente, ao se deslocar desde as redes urbanas até os locais mais recônditos do campo, para depois produzir um movimento inverso de migrações massivas de populações desde o campo até as periferias, e às vezes até aos centros, das crescentes cidades. E é um deslocamento figurativo porque a violência não se pode representar, só transformar-se em fatalidade, em objeto fetiche, ou por sua vez, deslocar-se até outros campos da representação. (OSPINA, s/d, p.1)

Identificamos a diáspora como este processo de deslocamentos massivos de pessoas que, por causa da violência, principalmente, precisaram sair dos seus locais de origem, buscando se estabelecer em outros territórios. Embora existam diferentes formas de representação da diáspora, a que mais nos interessa é a que se dá a partir da violência no território colombiano, desde a década de 80, passando pelos anos 90, onde se passa *La Virgen de los Sicarios*, e que continua até hoje.

A diáspora tem sido reconhecida em vários locais ao redor do mundo e, inclusive, acredita-se que tenha ocorrido praticamente desde o começo da humanidade, por causas diversas. A primeira que se reconhece por este nome foi a diáspora dos judeus, tendo que sair de Israel, o que tem se mantido ao longo da história. A colonização, também, aporta grandes cifras às estatísticas, pois com a escravidão, foram incontáveis as quantidades de africanos que tiveram que sair das suas terras contra sua vontade, ameaçados pelo sistema escravo¹³⁵ (HALL, 2003).

Um dos estudos mais completos e atuais sobre o assunto é a obra de Stuart Hall, *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2011), composta por alguns dos textos mais significativos do autor. O intelectual e crítico de cultura, de origem jamaicana e residente na Grã-Bretanha, é ele próprio, na sua condição de migrante, um representante da diáspora, assumindo uma posição a partir da diáspora pós-colonial. Da mesma forma, Fernando Vallejo, de origem colombiana e residente no México, escreve a maior parte da sua obra fora do seu país de origem.¹³⁶

¹³⁵ Os números de escravos traficados são imprecisos, pois grande parte do tráfico dava-se por contrabando. Segundo Osório (1996), “Curtin (1969) estima que chegaram aos territórios espanhóis 75.000 escravos no século XVI; 125.000 no período de 1600-1650 e 344.000 entre 1651 e 1760 (média anual de 3.000). Enquanto isso, na América portuguesa, o mesmo autor estima que entraram 560.000 só no século XVII, perfazendo 41,8% do total de escravos remetido à América.” (p. 50)

¹³⁶ Identificamos-nos com este posicionamento diaspórico para escrever este trabalho, já que falamos também como migrante, sobre a Colômbia a partir do Brasil.

Liv Sovik (2002), organizadora da obra *Da diáspora*, na sua apresentação, reconhece Hall como um dos pais dos Estudos Culturais, ao lado de Richard Hoggart, Raymond Williams e E. P. Thompson, mas aponta Hall como quem assumiu os Estudos Culturais e posicionou-os como movimento acadêmico-intelectual internacional. Sovik destaca, nas palavras de Hall, que a maioria dos seus textos propõem uma discussão teórica interessada em formular “estratégias culturais que fazem diferença e deslocam (*shift*) as disposições de poder” (HALL apud SOVIK, 2002, p.11). Este conceito de deslocamento resulta importante para compreender a característica principal da diáspora, pois é basicamente este o processo que se dá, o de uma mudança de local, na qual se leva e se deixa parte do que tinha se formado nos locais de origem dos sujeitos, o que muda a forma de se inscrever no mundo.

É importante, ainda, destacar o posicionamento de Hall frente a origem deste termo, o qual ele considera problemático, em função do povo palestino, razão pela qual não utilizou o termo diáspora por muito tempo, pois ele era utilizado especificamente quando se falava em relação a Israel. A origem do significado da palavra diáspora se contextualiza em um âmbito sagrado e religioso, pertinente para um local específico, o qual denota a expulsão de um grupo de certo lugar e a recuperação de um território já habitado antes por outros grupos. O fato histórico que relata a expulsão do povo Judeu fora da terra de Israel seria o primeiro relato que fala da diáspora como tal, embora a atitude de viajar e se deslocar de um lugar de origem para outro, em busca de um melhor viver esteja presente desde o *homo sapiens* que, sendo nômade, “sai da África para povoar o planeta” o que constata que “o primeiro movimento de deslocamento humano foi com o início da nossa história como ser humano no planeta”(GUERREIRO, 2012), no qual as trocas permitiram desenvolver e povoar, num primeiro momento, os diversos territórios que se encontraram no caminho. Já Hall (2011) considera que a diáspora, como conhecemos hoje, se deu “nos tempos modernos, desde 1492, com o começo da aventura euro-imperial” (p. 393) e o tráfico negreiro, que levou à força, de diversos países do continente africano, uma quantidade inestimável de pessoas para trabalhar nas Índias Ocidentais, o novo território explorado pelos europeus.

No texto *Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior*, que abre a obra *Da diáspora* (2011), Hall aponta fatos importantes dessa primeira diáspora moderna, focando principalmente as consequências deste processo no Caribe, um dos locais onde se percebe o impacto sofrido por esse deslocamento forçado pela escravidão, onde chegaram os primeiros grupos africanos, configurando este como um processo que “renasceu de dentro da violência e através dela”, o que determina o porque “a via para nossa modernidade está marcada pela

conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela de dependência colonial” (HALL, 2011, p. 30). Estas não são, porém, as únicas razões geradoras da violência no processo de colonização e modernidade na Colômbia, pois como observamos nos fatos históricos explicitados no capítulo II, todo este processo foi construído com a aceitação, envolvimento e direta participação das elites crioulas colombianas, que adotaram os esquemas sociais, políticos, religiosos e culturais vindos de fora do país e os transformaram e misturaram para construir sua sociedade, permitindo que o projeto colonizador fosse levado adiante.

Os estudos de Hall sobre a diáspora no Caribe também atingem a Colômbia, em função de sua posição geográfica ao receber, junto com os demais países desta região, a chegada do tráfico negreiro e da escravidão, formatando e complementando a sociedade moderna deste país, que possui entre 20% e 22% de afrodescendentes (DANE, Departamento Administrativo Nacional de Estatísticas). Esta formação social faz com que o Caribe seja o “resultado do maior entrelaçamento e fusão, na fornalha da sociedade colonial, de diferentes elementos culturais africanos, asiáticos e europeus” (HALL, 2011, p. 31), de forma conjunta, em diferentes proporções e especificidades, esta fusão também pode ser vista no restante dos países da América, sendo Estados Unidos, Brasil e Colômbia os de maior influência negra, além dos indígenas que já habitavam estes territórios. Esta mistura é criticada ironicamente pelo narrador Fernando, esteticizando sua forma-sujeito:

De sangue ruim, de raça ruim, de má índole, de maus princípios, não há mistura pior que a do espanhol com o índio e o negro: produzem os salta-atrás, ou seja, macacos, símios, monos, micos com rabo para que com ele voltem a subir na árvore. Mas não, aqui continuam andando sobre as duas patas, pelas ruas, apinhando o centro. Espanhóis tapados, índios ladinos, negros agoureiros: junte-os no crisol da cópula para ver a explosão que produzem, com a bênção do papa e tudo. São uma gatinha trapaceira, aproveitadora, preguiçosa, invejosa, mentirosa, asquerosa, traiçoeira e ladrona, assassina e piromaniaca. Essa e a obra da Espanha, a promíscua, isso é o que ela nos deixou quando se foi com o ouro. E uma alma clerical e burocrática, de barnabé, fanática pelo incenso e pelo papel timbrado. Rebelados, independentizados, traidores do rei, todos esses malnascidos resolveram depois querer ser presidente. A vontade de sentar no trono de Bolívar para mandar, para roubar, queima o traseiro deles.¹³⁷ (VALLEJO, 2006, p. 83)

¹³⁷ Do original: “De mala sangre, de mala raza, de mala índole, de mala ley, no hay mezcla más mala que la del español con el indio y el negro: producen saltapatrasas o sea changos, simios, monos, micos con cola para que con ella se vuelvan a subir al árbol. Pero no, aquí siguen caminando en sus dos patas por las calles, atestando el centro. Españoles cerriles, indios ladinos, negros agoreros: júntelos en el crisol de la cópula a ver qué explosión no le producen con todo y la bendición del papa. Sale una guntuza tramposa, ventajosa, perezosa, envidiosa, mentirosa, asquerosa, traicionera y ladrona, asesina y pirómana. Ésa es la obra de España la promiscua, eso lo que nos dejó cuando se largó con el oro. Y un alma clerical y tinterilla, oficinesca, fanática del incienso y el

Não pretendemos oferecer um relato histórico da diáspora e sua influência no Caribe, mas sim compreender melhor esta região como um importante ponto de referência quando pensamos num ressurgimento da diáspora e das suas implicações na América Latina e no mundo moderno. Assim, nos identificamos com as ideias de Hall, quando busca discutir a diáspora e junto com ela os conceitos de hibridismo, globalização e identidade cultural, que dialogam diretamente com os processos que se estabeleceram nesta primeira diáspora moderna, que reconfigurou a história do Ocidente e que, atualmente, no caso colombiano, reconfigura os processos de identificação do sujeito, como explica Hall: “na situação da Diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (p.26). Este pensamento nos faz pensar também na ideia de sujeito fragmentado, a qual é desenvolvida pelo autor e definida no capítulo anterior.

No entanto, apesar das múltiplas identidades, “presume-se que [a identidade cultural] seja fixada no nascimento”, sobrevalorizando as origens e a tradição. Com o processo diaspórico, o sujeito é obrigado a afastar-se fisicamente destas origens, mas “carrega consigo a promessa do retorno redentor”, como na mítica versão da história do Velho Testamento, com o retorno à terra prometida (HALL, 2003, p. 27-28). Para este sujeito, a experiência da diáspora o faz sentir que a terra tornou-se irreconhecível, da mesma forma como acontece com o narrador de *La Virgen de los Sicarios*, Fernando, quem volta à Colômbia depois de viver muitos anos longe de sua terra natal, e se encontra com um país mudado pela modernidade e devastado pela violência como exemplifica o seguinte trecho do romance: “E continuaram se matando por ninharias: depois do machete, a faca, e depois da faca, a bala, e na bala estão hoje, quando escrevo. As armas de fogo proliferaram, e digo que isso é progresso, porque é melhor morrer de um tiro no coração que de uma machetada na cabeça.”¹³⁸ (VALLEJO, 2006, p. 28)

Observamos a modernidade refletida nos processos de violência da Colômbia, com a evolução das armas – de machete à faca e de faca à bala – referindo-se, inicialmente, ao conflito entre Liberais e Conservadores, referência da infância do narrador, contraposto ao momento do seu retorno, no auge da globalização, cenário da violência gerada pelo

papel sellado. Alzados, independizados, traidores al rey, después a todos estos malnacidos les dio por querer ser presidente. Les arde el culo por sentarse en el solio de Bolívar a mandar, a robar.” (VALLEJO, 2002, p. 90)

¹³⁸ Do original: Y matándose por chichiguas siguieron: después del machete a cuchillo y después del cuchillo a bala, y en bala están hoy cuando escribo. Las armas de fuego han proliferado y yo digo que eso es progreso, porque es mejor morir de un tiro en el corazón que de un machetazo en la cabeza. (VALLEJO, 2002, p.29)

narcotráfico e das balas dos sicários. Foi a partir deste primeiro conflito que teve início o processo de migração do campo para a cidade, para fugirem da violência que tomava conta do interior país, configurando um significativo deslocamento interno que, ao longo do tempo, de maneira silenciosa, foi formando as periferias das cidades, as chamadas comunas, que se tornaram os primeiros núcleos de violência urbana, constituindo a primeira diáspora interna no território colombiano. Assim, o narrador Fernando relata que: “Quando nasci, as comunas não existiam. Nem mesmo em minha juventude, quando parti. Encontrei-as na minha volta, em plena matança, florescendo, pesando sobre a cidade como sua desgraça.”¹³⁹ (VALLEJO, 2006, p. 27) Para Fernando, as comunas são o centro irradiador da violência, e os camponeses seus primeiros protagonistas, responsáveis por dar continuidade à forma cíclica da combinação violência-diáspora, vindas desde a colonização, de forma codependente, uma gerando a outra indefinidamente, ambas presentes na constituição do sujeito latino-americano, especialmente o colombiano, assim exemplificado:

Todos nas comunas estão jurados de morte. Quem os jurou, a lei? Pergunta boba: na Colômbia há leis mas não há lei. Juraram-se uns aos outros, sozinhos, e a seus parentes e amigos e a quantos se aproximarem. Quem se aproximar de um jurado é um homem morto, cai junto com ele. Demograficamente falando, é assim que vamos nos controlando aqui. Na minha Colômbia querida, para nós a morte se tornou uma doença contagiosa. [...] Faz muito tempo que os velhos morreram, que se mataram quando eram jovens, uns aos outros, a machete, sem sequer conseguirem ver a cara esartejada da velhice. A machete, com os machetes que trouxeram do campo quando chegaram, fugindo da “violência”, dizem, e fundaram essas comunas em terrenos alheios, roubando-os, como bairros piratas ou de invasão. Da “violência”... Mentira! A violência eram eles. Eles a trouxeram, junto com os machetes. Vinham fugindo era de si mesmos. Porque, vejamos, diga-me o senhor, que é sábio, para que alguém quer um machete na cidade senão para cortar cabeças? Não há praga maior no planeta do que o camponês colombiano, não há animália mais daninha, mais malvada. Parir e pedir, matar e morrer, essa é sua sina miserável.¹⁴⁰ (VALLEJO, 2006, p. 77)

É importante observar que a diáspora aparece, metaforicamente, abrindo e fechando o romance. Na cena inicial, o narrador lembra de forma saudosista de um momento da sua

¹³⁹ Do original: “Las comunas cuando yo nací ni existían. Ni siquiera en mi juventud, cuando me fui. Las encontré a mi regreso en plena matazón, florecidas, pesando sobre la ciudad como su desgracia.” (VALLEJO, 2002, p. 28)

¹⁴⁰ Do original: “Todos en las comunas están sentenciados a muerte. ¿Que quién los sentenció, la ley? Pregunta tonta: En Colombia hay leyes pero no hay ley. Se sentenciaron unos a otros, solitos, y a sus parientes y amigos y a cuantos se les arrimen. El que se arrime a un sentenciado es hombre muerto, cae con él. Demográficamente hablando, así nos vamos controlando aquí. En mi Colombia querida la muerte se nos volvió una enfermedad contagiosa. [...] Cuánto hace que se murieron los viejos, que se mataron de jóvenes, unos con otros a machete, sin alcanzarle a ver tampoco la cara cuarteada a la vejez. A machete, con los que trajeron del campo cuando llegaron huyendo dizque de ‘la violencia’ y fundaron estas comunas sobre terrenos ajenos, robándose los, como barrios piratas o de invasión. De ‘la violencia’...Mentira! La violencia eran ellos. Ellos la trajeron, con los machetes. De lo que venían huyendo era de sí mismos.” (VALLEJO, 2002, p. 83)

infância quando, ao soltar um imenso balão vermelho, se deu conta de que o mundo dava a volta e se arredondava, no final da estrada, onde não havia nada e terminava tudo, vendo o balão passar deste ponto e ir embora, para o além. O narrador descreve o balão como:

Losangos ou cruces ou bolas feitas de papel de seda fino, e dentro tem uma bucha acesa que os enche de fumaça para que subam. A fumaça é, como se diz, sua alma, e a bucha, o coração. Quando eles se enchem de fumaça e começam a correr, os que o estão carregando o soltam, soltamos, e o balão vai indo, indo para o céu com o coração aceso, pulsando, igual ao Coração de Jesus.¹⁴¹ (VALLEJO, 2006, p. 7)

Assim, metaforicamente, podemos pensar no balão como representação do sujeito da diáspora, em que a fumaça é o peso da violência que o impulsiona a se deslocar, enquanto a chama acesa é o coração que se mantém vivo, ardente, ligado às suas origens, à sua infância, à sua terra natal, sendo que o Coração de Jesus, como referência popular da religiosidade representa seu coração colombiano, sempre aceso, para onde quer que ele vá, mas marcado pela dor da violência, comparando a Colômbia ao Coração de Jesus, ao qual o país está consagrado, que tem “no peito aberto o coração sangrando: gotinhas de sangue vermelho vivo, em brasa, como a bucha do balão: é o sangue que a Colômbia derramará, agora e sempre, pelos séculos dos séculos amém”¹⁴² (2006, p. 8). O balão representa, ainda, seu próprio sentimento de ter que deixar sua terra, ao manifestar sua sensação de ir embora e deixar seu país para trás, quando comenta: “Em meio ao sussurro das vozes díspares, minha alma foi indo para o alto como um balão aceso, sem amarras, subindo, subindo para o infinito de Deus, longe desta mísera Terra.”¹⁴³ (VALLEJO, 2006, p. 16)

A contextualização diaspórica no romance continua no decorrer da narrativa, através da peregrinação do narrador e do sicário pelas igrejas, do seu constante ir e vir pela cidade de Medellín, em que se manifesta a melancolia, a violência e a diáspora como consequências do conflito colombiano, em que a morte tem uma presença constante:

¹⁴¹ Do original: “rombos o cruces o esferas hechos de papel de china deleznable, y por dentro llevan una candileja encendida que los llena de humo para que suban. El humo es como quien dice su alma, y la candileja el corazón. Cuando se llenan de humo y empiezan a jalar, los que lo están elevando sueltan, soltamos, y el globo se va yendo, yendo al cielo con el corazón encendido, palpitando, como el Corazón de Jesús. (VALLEJO, 2002, p. 7)

¹⁴² Do original: “en el pecho abierto el corazón sangrando: goticas de sangre rojo vivo, encendido, como la candileja del globo: es la sangre que derramará Colombia, ahora y siempre por los siglos de los siglos amén. (VALLEJO, 2002, p. 8)

¹⁴³ Do original: “Entre el susurro de las voces dispareas mi alma se fue yendo hacia lo alto como un globo encendido, sin amarras, subiendo, subiendo hacia el infinito de Dios, lejos de esta mísera tierra.” (VALLEJO, 2012, p. 16)

O senhor não estranhe, pois, me encontrar nos lugares mais impensáveis. Aqui e ali e no além. Fugindo desse ruído infernal, estou me tornando mais ubíquo do que Deus em seu reino. E, assim, ando por estas ruas de Medellín, aliás, Medallo, vendo e ouvindo coisas. Esquivando-me da morte, atravessando rápido antes que um suposto carro me atropеле.¹⁴⁴ (VALLEJO, 2006, p. 31)

Assim, como mencionamos no capítulo anterior, relacionamos estas três manifestações à pulsão de morte: a melancolia, própria da personagem Fernando, indica a pulsão de morte dirigida para dentro, pois podemos perceber, pela sua dor e indignação, expressas no seu discurso, que ele está morto dentro de si; a violência, explicitada principalmente na figura do sicário, representa uma pulsão de morte dirigida para fora, através do ato de matar, enquanto que a violência, em Fernando, se manifesta através do seu discurso; e a diáspora, como morte simbólica, está presente no narrador, ao não se sentir mais identificado com os atuais padrões da sociedade colombiana, precisando tomar distância para gerar uma reflexão e permitir um novo arranjo simbólico perante a situação que, para ele, não tem mais solução, já que a violência tomou conta do país, refletindo que:

Nem morto eu ia encontrar uma igreja aberta! Elas são mantidas fechadas para que não as assaltem. Já não nos resta em Medellín um único oásis de paz. Dizem que assaltam os batizados, os casamentos, os velórios, os enterros. Que matam, em plena missa, ou quando chegam ao cemitério, aqueles que, vivos, vão acompanhando o morto. Que, se cai um avião, saqueiam os cadáveres. Que, se você é atropelado por um carro, mãos caridosas batem sua carteira enquanto lhe fazem o favor de pô-lo num táxi que o leve ao hospital. Que há trinta e cinco mil táxis em Medellín, vazios, assaltando. Um para cada carro particular. Que o melhor é andar de ônibus, embora também não seja: tampouco convém, também os assaltam. Que, no hospital, um sujeito que levou um tiro não sei onde foi liquidado. Que aqui a única coisa segura é a morte.¹⁴⁵ (VALLEJO, 2006, p. 20)

Para o narrador Fernando a ideia da morte, como única certeza da vida, adquire ainda mais força perante o caso colombiano e, através da linguagem do sicário, como representação máxima da ideologia do narcotráfico como aspecto cultural, revelando a realidade da Colômbia, tem encontrado na diáspora uma forma de inscrição. Assim, é através da morte que

¹⁴⁴ Do original: “No se extrañe pues usted de encontrarme en los sitios más impensados. Aquí y allá y en el más allá. Huyendo de ese ruido infernal me estoy volviendo más ubicuo que Dios en su reino. Y así voy por estas calles de Medellín alias Medallo viendo y oyendo cosas. Desquitándole a la muerte, cruzando rápido antes que me atropelle un presunto carro. (VALLEJO, 2002, p. 33)

¹⁴⁵ Do original: “Qué iglesia iba a haber abierta ni qué demonios! Las mantienen cerradas para que no las atraquen. Ya no nos queda en Medellín ni un solo oasis de paz. Dicen que atracan los bautizos, las bodas, los velorios, los entierros. Que matan en plena misa o llegando al cementerio a los que van vivos acompañando al muerto. Que si se cae un avión saquean los cadáveres. Que si te atropella un carro, manos caritativas te sacan la billetera mientras te hacen el favor de subirte a un taxi que te lleve al hospital. Que hay treinta y cinco mil taxis en Medellín desocupados atracando. Uno por cada carro particular. Que lo mejor es viajar en bus, aunque también tampoco: tampoco conviene, también los atracan. Que en el hospital a uno que tirotearon no sé dónde lo remataron. Que lo único seguro aquí es la muerte.” (VALLEJO, 2002, p. 21)

o romance demonstra como o sujeito encontra formas simbólicas de enfrentamento perante à impotência que sente ao estar inserido na situação de conflito, sendo forçado a se inserir num contexto diaspórico.

Nas últimas páginas do romance, como apresentação estética da forma cíclica da dualidade violência-diáspora, o relato manifesta o desespero do narrador que, não vendo mais opção nem sentido em continuar vivendo neste contexto, propõe ao sicário Wílmар ir embora dali, deixando tudo para trás, sem se importar com mais nada:

Disse a Wílmар que em minha opinião já não tinha sentido continuar em Medellín, que esta cidade não dava mais, que fôssemos embora. Para onde? Para onde quer que fosse. O mundo não se acaba ali, era muito grande. Quanto à humanidade, em toda parte seria a mesma, a mesma merda, mas diferente.¹⁴⁶ (VALLEJO, 2006, p. 107)

O sicário, por sua vez, aceita a proposta mas circunscrito na forma-sujeito do narcotráfico, volta à comuna, não vai embora sem antes ir buscar todas as suas roupas e conferir se a geladeira que ganhou para dar de presente à sua mãe foi entregue. Por este ato de apego, diferente do narrador, que decide ir embora sem levar nada, encontra a morte no meio do caminho, nas comunas, numa tentativa de assalto para levar seus tênis. Assim, a morte configura a diáspora que, como fragmentação e estilhaçamento social, dá sentido à inscrição do sujeito colombiano submerso neste contexto violento, característico de uma Formação Discursiva neoliberal capitalista.

O romance termina, então, com mais uma metáfora da diáspora, depois da morte de Wílmар, razão pela qual o narrador, sem maiores esperanças, vai para a rodoviária pegar um ônibus que o leve a qualquer lugar, longe dali, para continuar sua peregrinação pelo mundo como sujeito diaspórico:

Acho que é melhor acabar como uma ave esplêndida sulcando o céu aberto do que como um verme asfixiado. Desci a passarela e entrei num galpão imenso que eu não conhecia. Era o famoso terminal de ônibus intermunicipais, apinhado de mortos vivos, meus conterrâneos, indo e vindo apressados, atarefados, preocupados, como se tivessem encontro marcado com o presidente ou o ministro e tanta coisa pra fazer. Subiam nos ônibus, desciam dos ônibus, convencidos de que sabiam aonde iam ou de onde vinham, carregados de crianças e embrulhos. Eu não, eu não sei, nunca soube nem carrego nada. Pobres seres inocentes, tirados sem motivo do nada e lançados na vertigem do tempo, por uns estúpidos, enlouquecidos instantes, nada

¹⁴⁶ Do original: “Le dije a Wílmар que en mi opinión y ano tenía objeto seguir en Medellín, que esta ciudad no daba para más, que nos fuéramos. ¿Qué para dónde? Para donde fuera. El mundo no se acaba aquí, era bien grande. En cuanto a la humanidad, en todas partes sería la misma, la misma mierda, pero distinta.” (VALLEJO, 2002, p. 116)

mais... Bem, *parcero*, aqui nos separamos, até aqui o senhor me acompanha. Obrigado por sua companhia e, do seu lado, tome o seu caminho, que eu sigo em qualquer destes ônibus para onde ele for, para onde quer que seja.¹⁴⁷ (VALLEJO, 2006, p. 111)

Constatando a realidade contextualizada ao longo deste trabalho, este último trecho do romance é uma representação da sociedade contemporânea, exemplificada através da Colômbia que, como muitos outros países do mundo, enquadrados pela figura do Estado, afetados pela globalização e pela modernidade, se tornaram vítimas do tempo, como caminho inexorável em direção à morte, em que a diáspora resulta como um ato de liberação do sujeito, para se manter vivo longe das balas rezadas do Estado e de toda figura que leve, no seu interior, a alma do sicário.

¹⁴⁷ Do original: “Yo pienso que es mejor acabar como un ave espléndida surcando el cielo abierto que como un gusano asfixiado. [...] Bajé el puente y entré a un galpón inmenso que no conocía. Era la famosa terminal de buses intermunicipales atestada por los muertos vivos, mis paisanos, yendo y viniendo apurados, atareados, preocupados, como se tuvieran junta pendiente con el presidente o el ministro y tanto qué hacer. Subían a los buses, bajaban de los buses convencidos de que sabían adónde iban o de dónde venían, cargados de niños y paquetes. Yo no, no sé, nunca he sabido ni cargo nada. Pobres seres inocentes, sacados sin motivo de la nada y lanzados en el vértigo del tiempo. Por unos necios, enloquecidos instantes nada más... Bueno *parcero*, aquí nos separamos, hasta aquí me acompaña usted. Muchas gracias por su compañía y tome usted, por su lado, su camino que yo me sigo en cualquiera de estos buses para donde vaya, para donde sea.” (VALLEJO, 2002, p. 120)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa que gerou este trabalho analisamos como se deram os processos em torno ao narcotráfico e à violência por parte do Estado colombiano, especialmente nas duas últimas décadas do século XX. Para isso, foi necessário contextualizar historicamente aspectos referentes aos processos violentos vividos neste território, na sua condição de colonizado e localizados geograficamente na América Latina, com as especificidades da Colômbia, onde o narcotráfico mudou aspectos importantes da cultura e transformou suas formas políticas, sociais e morais.

Nesse sentido, organizamos os fatos mais relevantes que desde a colonização contribuíram para a mudança social profunda vivida neste país, facilitando o surgimento de novos grupos delitivos, principalmente a figura do sicário, que aparece como uma das personagens principais no romance *La Virgen de los Sicarios*, do escritor colombiano Fernando Vallejo. O escritor mencionado tem conseguido exteriorizar, através da sua escrita, o sentimento de inconformidade de muitos dos colombianos que se sentem ameaçados por parte do Estado que deveria representá-los e por estruturas de modernização, globalização e capitalismo, que em nada têm contribuído para a superação da longa trajetória de conflito que acompanha o sujeito colombiano.

O sicário, no romance, adquiriu significados múltiplos, representando a degradação do sujeito moderno, num momento de importantes mudanças na sociedade contemporânea, não só a colombiana, mas também a latino-americana, na qual a modernização como constituinte da colonização e a globalização afetada pelo capitalismo, incrementaram o desejo de consumo, contribuindo para a mudança das relações de identificação do sujeito moderno. A partir dessa mudança, o sujeito passou a viver numa fase pós-moderna e pós-nacional, não mais se identificando com modelos tradicionais e adotando para si práticas de inscrição que lhe permitiram transitar num contexto heterogêneo.

Neste processo, a Análise do Discurso nos permitiu abordar de forma mais abrangente a complexidade que o relato do romance nos oferece, compreendendo através do texto do autor como as personagens principais do romance fazem sentido e nos revelam como a ideologia neocapitalista global, que predomina na obra, condiciona a forma-sujeito de cada uma das personagens, enquanto representam a forma do sujeito colombiano contemporâneo e revelam como este se relaciona com o seu entorno.

É assim que a figura do narrador acessa o passado para, através das lembranças e do seu relato ficcional, narrar sua trajetória pela cidade de Medellín, junto ao jovem sicário Alexis. Essas duas personagens nos revelam aspectos determinantes da mudança vivida na Colômbia, principalmente por causa do narcotráfico, o que impregnou todas as instâncias da sociedade, mudando para sempre a história deste país. Embora o sicário seja um dos protagonistas do relato, não assume um lugar de

privilégio na narrativa, pois é o narrador Fernando que, acompanhando o pensamento da sociedade colombiana tradicional, através de seu prestígio como escritor e detentor do domínio da palavra, usando a primeira pessoa, manifesta-se como representação desse Estado repressor, oligarca e burguês, o qual tem oprimido o povo colombiano desde a colonização.

O sicário, adotando a linguagem do “parlache” e se identificando com referentes do narcotráfico, configura uma subcultura própria das classes populares da cidade de Medellín. A qual com o tempo se inseriu na sociedade colombiana, como forma de expressão cultural, revelando a condição do sujeito pós-moderno e pós-nacional, que não se identifica mais com uma figura de Estado tradicional. Desse modo, adota novas formas de inscrição, principalmente matando, para se inserir na sociedade que o exclui. O sicário, como representante principal da sicaresca, goza de uma série de significados que permite reconhecer na sua figura aspectos de toda uma sociedade, em que os valores da individualidade prevalecem num sujeito fragmentado, o qual não se identifica mais com uma única representação, mas com quantas sejam necessárias para transitar de melhor forma pelo mundo.

Assim, a morte adquire um lugar de destaque, sendo esta a razão que o narrador utiliza para conduzir o relato do início ao fim, da mesma forma em que tem acontecido na história colombiana desde a colonização, que tem na morte um componente do seu cotidiano. A expressiva quantidade de assassinatos pelas mãos do sicário, como representação da degradação da Colômbia e do sujeito colombiano, deu origem ao fenômeno da diáspora neste território, implícito no discurso do narrador, através de metáforas e não-ditos, adotando significados que configuram a condição da Colômbia atual. Ao mesmo tempo, e como forma de possível solução ante o problema, essa condição gera um espaço de inscrição diaspórica, possibilitando ao sujeito colombiano encontrar novas e melhores formas de identificação, mesmo desde fora do seu país.

A partir dessa pesquisa, então, é possível partir para espaços de discussão em que a violência, a morte e a diáspora sejam lugares de construto do sujeito que, vivenciando contextos complexos como o colombiano, permita-se encontrar novas e melhores formas de exteriorizar seu sentimento perante aos acontecimentos, convertendo-os em novas formas de inscrição, da mesma forma que o sicário. Entretanto, a favor de uma construção positiva frente à alteridade, com liberdade para se manter em constante deslocamento, atravessando limites que permitam que o nosso sujeito diaspórico parta sempre para novas experiências, em lugares em que as fronteiras físicas não colonizem nosso pensamento, e possamos ir junto ao rio, em constante fluxo, para o momento em que a morte e o tempo não sejam mais os condicionantes do nosso ser.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença, s/d.
- ANDERSON BENEDICT R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Elsa Maria Fernández. *El narcotráfico y la descomposición política y social: el caso de Colombia*. Mexico: Plaza y Valdéz, 2002.
- ARIAS, José D. Cardona. *La diáspora colombiana: el fenómeno migratorio frente al conflicto armado*. Bogotá: Kimpres, 2010.
- AUMONT, Jacques; BERGALA, Alain; MARIE, Michel; VERNET, Marc. *Estética del cine: espacio fílmico, montaje, narración, lenguaje*. Buenos Aires: Paidós, 2011.
- BARRERO, Martha Isabel. **La educación en Colombia: período de la Regeneración**. *Paideia Surcolombiana*, n. 15, p. 115-123, 2011. Disponível em <http://www.paideiasurcolombiana.com/articulo/_40> Acesso em 04 set. 2012.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- CADAVID, Erich Saumeth. Colombia: insurgencia, bandas criminales y narcotráfico. *Centro de pesquisas estratégicas Paulino Soares de Souza*. Universidade Federal de Juiz de Fora, s/d. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/CIBN.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2012.
- _____. Historia de la guerrilla en Colombia. *Centro de pesquisas estratégicas Paulino Soares de Souza*. Universidade Federal de Juiz de Fora, s/d. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/HGC.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2012.
- CANCLINI, Néstor García. *A globalização imaginada*. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2010.

_____. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Tradução de Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

_____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2003.

_____. *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CARBÓ, Eduardo Posada. **La novela como historia: Cien años de soledad y las bananeras**. *Boletín Cultural y Bibliográfico*, v. 35, n. 48, , p. 3-19, 1998.. Disponível em: <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti1/bol48/1.pdf>> Acesso em: 20 set. 2012.

COSTA, Sérgio. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, n. 60, v. 21, p. 117-183, fev 2006.

DUQUE, Daniel Estrada. Enfrentamiento armado, herramienta utilizada para generar punto de quiebre entre un régimen previo y uno posterior: Batalla de Boyacá. *Univ. Estud. Bogotá*, n. 88, p. 77-86, jan-dez 2011. Disponível em: <http://www.javeriana.edu.co/juridicas/pub_rev/univ_est/documents/4enfrentamientoarmado_000.pdf> Acesso em set. 2011.

EFE. Santos: “Hay que hacer más contra el narcotráfico”. *Semana*, Bogotá, 4 mai 2012. Disponível em: < <http://www.semana.com/nacion/santos-hacer-contra-narcotrafico/176652-3.aspx>>. Acesso em: 08 out. 2012.

FACIOLINCE, Héctor Abad. Estética y narcotráfico. *Revista de estudios hispánicos*, v. 42, 2008, p. 513-518.

FALS BORDA, Orlando. *La subversión en Colombia: el cambio social en la historia*. Bogotá: Fica-Cepa, 2008.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. (1917). In: *Obras Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

_____. **Reflexões para os tempos de guerra e morte.** (1915). In: *Obras Completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

GALEANO, Eduardo. *Las venas abiertas de América Latina*. Montevideo: Ediciones del Chanchito, 2010.

GARRIDO, Francisco Villena. *Las máscaras de muerto: autoficción y topografías narrativas en la obra de Fernando Vallejo*. Bogotá: Editoria Pontificia Universidad Javeriana, 2009.

GIRALDO, Luz Mary. *En outro lugar: Migraciones y desplazamientos en la narrativa colombiana contemporánea*. Bogotá: Editorial U Javeriana, 2008.

GIRALDO, Marisol Gómez. Memorias de 54 años de guerra en Colombia. *El Tiempo*, Bogotá, 24 jul. 2013.

GUERREIRO, Goli. Antropolgia urbana. Entrevista concedida ao programa Aprovado, 28 jun 2012. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=gX5Ao1xAtD0>>. Acesso em: 27 mar. 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Cuándo fue lo “postcolonial”? Pensando en el límite. In: _____. *Sin garantias: trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Eduardo Restrepo, Catherine Walsh e Victor Vich (org.) Popayán, Colômbia: Enviñon editores, 2010.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (Org.). Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Setal Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1992.

HERRERA GÓMEZ, Diego; PIAZZINI, Carlo Emilio (Editores). *(Des)territorialidades y (no)lugares: procesos de configuración y transformación social del espacio*. Medellín: La Carreta, 2006.

IANNI, Octavio. *A formação do Estado Populista na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. *O labirinto latino-americano*. Petrópolis: Vozes, 1993.

INDURSKY, Freda. **Formacao discursiva**: ela ainda merece que lutemos por ela? In: _____; LEANDRO FERREIRA, M. Cristina (orgs.). *Análise do discurso no Brasil - mapeando conceitos, confrontando limites*. Sao Carlos: Claraluz, 2007.

_____. **Unicidade, desdobramento, fragmentação**: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange, GRIGOLETTO, Evandra & CAZARIN, Ercília (orgs.), *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. , p. 9-33.

INSTITUTO DE ESTUDIOS POLÍTICOS Y ASUNTOS INTERNACIONALES (IEPRI). *Nuestra guerra sin noble. Transformaciones del conflicto en Colombia*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2006.

IRABURU, José María. *Hechos de los apóstoles de América*. Pamplona: Fundación Gratis Date, 2003.

JÁCOME, Margarita. *La novela sicaresca*: testimonio, sensacionalismo y ficción. Medellín: Fondo Editorial Universidad EAFIT, 2009.

JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*. São Paulo: Ática, 1997, p. 83-134.

JARAMILLO, Carlos Eduardo. La ultima guerra del siglo XIX, la primera del XX. *Boletín Cultural y Bibliográfico*, v. 37, n. 54, 2000, p. 1-10. Disponível em: <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/publicacionesbanrep/boletin/boleti6/bol54/54-2.pdf>> Acesso em: 07 set. 2012.

JIMÉNEZ, P. La revolución de los cabildos y las mltiples autonomías locales en el Nuevo Reino de Granada. In: AGUDELO VELÁSQUEZ, Leonardo, [et. al]. *Historia que no cesa: la Independencia de Colombia 1780-1830*. p. 47-62. Bogotá: Universidad Colegio Mayor de Nuestra Señora del Rosario, 2010.

KAUFMANN, Pierre (editor). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Tradução de Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. In: ZIZEK, Slavoj (org.) *Um mapa da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

LA PLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Baptiste. *Diccionario de psicoanálisis*. Traducción de Fernando Cervantes Gimeno. Barcelona: Editorial Labor, 1971.

MACHADO, Igor José de Renó. **Reflexões sobre o pós-colonialismo**. *Teoria e pesquisa*, n. 44 e 45, jan/jul 2004, p. 19-32.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia*. Barcelona: Anthropos, 2010.

MEDINA, Juan Guillermo Ferro; RAMÓN, Graciela Uribe. Capítulo 1: Origen. In _____, *El orden de la guerra. Las Farc-EP: Entre la organización y la política*. p. 25-33. Bogotá: Centro Editorial Javeriano CEJA, 2002.

MELO, Jorge Orlando. **Consideraciones generales sobre el impacto de la violencia en la historia reciente del país**. In: _____ *Predecir el pasado: ensayos de historia de Colombia*. Bogotá: Fundación Simón y Lola Guberek, 1992.

MÉNÉGOZ, Margaret; OSORIO, Jaime; SCHROEDER, Barbet. *La virgen de los sicarios*. [Filme-vídeo]. Produção de Margaret Ménégóz, Jaime Osorio e Barbet Schroeder, direção de Barbet Schroeder. Colômbia e França, 2003.

MIGNOLO, Walter D. *La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa, 2007.

MONTOYA, Juan Carlos Rodas. La p(s)icaresca: um gênero literário nacido em Medellín? *Publindex*, Colciencias, Colombia, n. 49, 24 mai. 2006. Disponível em: <<http://scienti.colciencias.gov.co:8084/publindex/docs/articulos/0120-1363/4/49.pdf>>. Acesso em: fev. 2013.

MONTOYA, Pablo. *Fernando Vallejo: demoliciones de un reaccionario*. Texto lido na abertura do Colóquio “Lá sátira en América Latina” organizado pela Universidade da Sorbonne Nouvelle – Pris III. Colección Bitágora, n. 6. Bucaramanga: División Editorial y de Publicaciones UIS, 2009. Disponível em:

<<http://cultural.uis.edu.co/files/fernando%20vallejo.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

MORENO, Sandra Lucía Ruiz Moreno. **Conflicto armado y cine colombiano en los dos últimos gobiernos**. *Palabra-Clave*, Bogotá, vol. 10, n. 002, p. 47-59, dez. 2007.

NICHOLSON, Brantley. **Fernando Vallejo: ciudadanía estética y la clausura de la literatura mundial**. Tradução de Ana María Mutis. *Calle14*, v. 5, n. 6, p. 69-78, jun. 2011.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2012a.

_____. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b.

ORTIZ, Román. Fuerza militar contra las BACRIM. *Decisive Point*. Bogotá, s/d. Disponível em: < http://www.decisive-point.org/resources/uploaded/files/FFMMvs_Bacrim.pdf>. Acesso em: 07 set. 2012.

OSORIO, Óscar. **Siete estudios sobre la novela de la Violencia en Colombia, una evaluación crítica y una nueva perspectiva**. *Poligramas*, Cali, n. 25, p. 85-108, jun. 2006.

KANTARIS, Geoffrey. El cine urbano y la tercera Violencia colombiana. *Revista Iberoamericana*, v. LXXIV, n. 223, p. 455-470, abr – jun / 2008.

PAREJA ORTIZ, Manuel. *Testigos y actores de la independencia de Nueva Granada*. Tese (Doutorado) – Universidad de Navarra, Facultad de Filosofía y Letras, Departamento de Historia, 2011. Disponível em:

<<http://dspace.unav.es/dspace/bitstream/10171/21211/1/Manuel%20Pareja%20Ortiz.pdf>>.

Acesso em: 6 set. 2012.

PECAUT Daniel. *Guerra contra la Sociedad*. Bogotá: Editorial Planeta Colombiana, 2001.

PUENTE, Ángela María. Bonanza Marimbera 1976-1985. VerdadAbierta, Bogotá, 29 out. 2008. Disponível em: < <http://www.verdadabierta.com/narcotrafico-periodo1>>. Acesso em: 20 set. 2012.

QUINET, Antonio. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2006.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

RESTREPO, Eduardo e ROJAS, Axel. *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos e cuestionamientos*. Popayán, Colômbia: Editora da Universidade de Cauca, 2010.

RINCÓN, Omar. Narco.estética y narco.cultura en Narco.lombia. *Nueva Sociedad*, n. 222, jul./ago. 2009, p. 147-163. Disponível em: <www.nuso.org>. Acesso em: 16 jan. 2013.

RIVERA, Héser Eduardo Pérez. Colombia: un país de "fuertes regiones". In: _____, *El tránsito hacia el Estado nacional en América Latina en el siglo XIX: Argentina, México y Colombia*, p.107-109. Bogotá: Centro de Estudios Sociales. Universidad Nacional de Colombia y Tercer Mundo Editores, 2007.

RUEDA, Carl Henrik Langebaek; MELO, Jorge Orlando. La explotación de los indios. In: _____, *Historia de Colombia: la dominación española*. Bogotá: Imprenta Nacional de Colombia, 1996. Disponível em: <<http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/historia/hicol/hico9.htm>> Acesso em: 07 set. 2012.

SAMPER, Soledad Acosta de. *Lecciones de história de Colômbia*. Bogotá: Imprenta Nacional, 1908. Disponível em: < http://www.bdigital.unal.edu.co/5684/9/04_Cap02.pdf > Acesso em: 04 set. 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa; VILLEGAS, Maurício García. *El caleidoscopio de las justicias en Colombia*. Tomo I. Bogotá: Siglo del Hombre Editores y Universidad de los Andes, 2001.

SANTOS, Eloína Prati dos. Pós-colonialismo e pós-colonialidade. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: Editora da UFJF, Editora da UFF, 2005.

SILVA, Wanessa Gonçalves. Desconstrutivismo e o conceito de *différance*. *Anais do 6º Encontro Celsul – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*. Florianópolis, nov. 2004. Disponível em < http://www.celsul.org.br/Encontros/06_index.htm>. Acesso em: 08 dec. 2013

SOMMER, Doris. Irresistible romance: the foundational fictions of Latin America. In: BHABHA, Homi. *Nation and narration*. New York: Routledge, 1990.

SOVIK, Liv. Apresentação para ler Stuart Hall. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (Org.). Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

THIESSE, Anne-Marie. *Ficções criadoras: as identidades nacionais*. Tradução de Eliane Cezar. *Anos 90*, Porto Alegre, n. 15, p. 7-23, 2001/2002.

VALLEJO, Fernando. *La virgen de los sicarios*. Bogotá: Alfaguara, 2002.

_____. *A virgem dos sicários*. Tradução de Rosa Freire d'Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Peroratas*. Bogotá: Alfaguara, 2013.

VELÁSQUEZ, Alejo Vargas. El gobierno de Álvaro Uribe: proyectos y resultados. *Nueva Sociedad*, n. 192, p. 86-96, 2004. Disponível em: <http://www.nuso.org/upload/articulos/3210_1.pdf> Acesso em: 05 out. 2012.

VERDAD ABIERTA. El Presidente destapa sus cartas para la negociación con las Farc. *VerdadAbierta*, Bogotá, 5 set. 2012. Disponível em: <http://www.verdadabierta.com/index.php?option=com_content&id=4203>. Acesso em: 05 out. 2012.

_____. El saldo rojo de la Unión Patriótica. VerdadAbierta, Bogotá, s/d. Disponível em: <<http://www.verdadabierta.com/justicia-y-paz/157-captura-de-rentas-publicas>> Acesso em: 05 out. 2012.

VON DER WALDE, Erna. *La novela de sicarios y la violencia en Colombia*. *Iberoamericana*, n. 3, p. 27-40, 2001.

WASSERMAN, Claudia. (Coord.) *História da América Latina: cinco séculos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.